



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Karoly Gabriely Martini

Percepção Merleau-Pontyana na Organização da Informação Musical

Florianópolis
2022

Karoly Gabriely Martini

Percepção Merleau-Pontyana na Organização da Informação Musical

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.^a Camila Monteiro de Barros, Dr.^a.

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martini, Karoly Gabriely

Percepção Merleau-Pontyana na Organização da Informação Musical / Karoly Gabriely Martini ; orientadora, Camila Monteiro de Barros, 2022.

117 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Percepção merleau-pontyana. 3. Informação musical. 4. Cultura digital. 5. Organização do conhecimento. I. Barros, Camila Monteiro de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

Karoly Gabriely Martini

Percepção Merleau-Pontyana na Organização da Informação Musical

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Renata Cardozo Padilha, Dr.^a
Instituição UFSC

Prof. Rodrigo de Sales, Dr.
Instituição UFSC

Prof. Igor Soares Amorim, Dr.
Instituição UDESC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.^a Camila Monteiro de Barros, Dr.^a
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Em memória de meu pai Éder Luiz Martini.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por todo apoio e amor demonstrados no decorrer desta jornada; a minha mãe, Elizabete Moreira Soares Martini e ao meu irmão, Éder Luiz Martini Júnior, que tanto acreditam e torcem por mim. Bem como a minha avó, Terezinha Soares, que acompanhou de perto minhas rodadas de estudo no período em que moramos juntas, agradeço o carinho e sensibilidade. Tive a certeza de que minha família é o bem mais precioso que tenho aqui, e que nosso laço é eterno.

Aos professores e colegas do PPGCIN, agradeço por todo conhecimento partilhado, especialmente à minha orientadora Camila Monteiro de Barros pela compreensão e paciência, pelas admoestações e por ter acolhido desde o início as ideias propostas.

Ao José Cláudio Morelli Matos, companheiro e melhor amigo, agradeço pelo amparo e cumplicidade, pela afetividade e inteligência que lhe é peculiar; e pelo empréstimo de alguns livros do Merleau-Ponty.

Aos queridos amigos que me fizeram perceber quem eu sou, com suas palavras de motivação e admiração; especialmente ao Alexandre Pereira Fusinato, pelos diálogos e trocas em momentos difíceis, meu muito obrigada.

Honro e agradeço por todos os encontros destes últimos anos, que direta ou indiretamente colaboraram para este trabalho ter-se concluído.

Se as portas da percepção fossem abertas, tudo apareceria ao homem tal qual é, infinito.

(BLAKE, 2004)

A música obriga-me a esquecer de mim mesmo, da minha verdadeira condição, ela me transporta a uma outra, que não é a minha: sob o influxo da música, tenho a impressão de sentir o que, na realidade, não sinto, de compreender o que, a bem dizer, não compreendo, de poder o que, de fato, não posso.

(TOLSTÓI, 2007)

RESUMO

A pesquisa ampara-se na noção de percepção presente na obra do filósofo Merleau-Ponty; na qual busca verificar a relevância deste conceito para com a Organização da Informação Musical. Para tanto, é realizada uma Revisão Sistemática Literária, a fim de mapear o conceito de percepção na Organização do Conhecimento. Em seguida, discute-se a noção de percepção merleau-pontyana, em sua relação conceitual com a Organização do Conhecimento, a partir também de um levantamento bibliográfico das publicações da ISKO que abordassem a temática da fenomenologia. E por fim, é estabelecida uma relação entre o conceito de percepção pré-reflexiva e Organização da Informação Musical, alcançada a partir de uma discussão que envolveu uma descrição de experiência individual da plataforma musical Spotify. A abordagem define-se como qualitativa-realista por se debruçar em circunstâncias reais e particulares e por ter como base uma teoria ou conceito. Em suma, pôde-se afirmar que há certa neutralização das experiências dos ouvintes, a qual que não é levada em consideração no que diz respeito à construção dos modelos organizacionais da área. Nesta perspectiva, compreendemos que o filósofo Merleau-Ponty, pode contribuir com seu constructo teórico para a OC, no que diz respeito à percepção. Acredita-se que repensar estes aspectos organizacionais, talvez seja um dos meios para que a percepção dos usuários de plataformas musicais, possa ser explorada de maneira mais condizente com a realidade, na qual a multiplicidade perceptiva e individual tenha liberdade e espaço que lhe sejam singulares.

Palavras-chave: Percepção merleau-pontyana; Informação musical; Plataformas musicais; Organização do conhecimento.

ABSTRACT

The research is supported by the notion of perception present in the work of the philosopher Merleau-Ponty; in which it seeks to verify the relevance of this concept to the Organization of Musical Information. Therefore, a Systematic Literary Review is carried out in order to map the concept of perception in the Knowledge Organization. Next, the notion of Merleau-Ponty's perception is discussed, in its conceptual relationship with the Knowledge Organization, based also on a bibliographic survey of ISKO publications that addressed the theme of phenomenology. Finally, a relationship between the concept of pre-reflective perception and Organization of Musical Information is established, achieved from a discussion that involved a description of individual experience of the Spotify music platform. The approach is defined as qualitative-realistic because it focuses on real and particular circumstances and is based on a theory or concept. In short, it could be said that there is a certain neutralization of the listeners' experiences, which is not taken into account with regard to the construction of organizational models in the area. In this perspective, we understand that the philosopher Merleau-Ponty can contribute with his theoretical construct to the OC, with regard to perception. It is believed that rethinking these organizational aspects is perhaps one of the ways in which the perception of users of musical platforms can be explored in a way that is more consistent with reality, in which the perceptive and individual multiplicity has freedom and space that are unique to it.

Keywords: Merleau-ponty's perception; Music information; Music platforms; Knowledge organization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Interface da versão mobile do Spotify, ao criar um perfil para navegação	59
Figura 2 - Interface de espera após seleção de artistas	60
Figura 3 - Aba início da plataforma, após perfil recém-criado	61
Figura 4 - Sugestões de playlists da aba inicial	62
Figura 5 - Interface da aba buscar	64
Figura 6 - Interface da seção EQUAL	65
Figura 7 - Playlists com títulos semelhantes, ambas criadas por usuários da plataforma	67
Figura 8 - Playlists criadas por usuários contendo as mesmas músicas	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados preliminares da RSL	21
Quadro 2 - Resultados finais da RSL	23
Quadro 3 - Síntese dos textos resultantes da RSL	35
Quadro 4 - Resultados do levantamento bibliográfico realizado a partir de publicações da ISKO	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	14
1.2	JUSTIFICATIVA.....	17
1.3	OBJETIVOS	19
1.3.1	Objetivo Geral	19
1.3.2	Objetivos Específicos.....	19
2	MÉTODO	20
3	PERCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: REVISÃO SISTEMÁTICA LITERÁRIA	23
4	FENOMENOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ESCOPO ISKO	38
5	FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTYANA	45
6	ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO MUSICAL E CULTURA DIGITAL	55
6.1	ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE USO DA PLATAFORMA MUSICAL.....	58
6.2	RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO MERLEAU-PONTYANA E INFORMAÇÃO MUSICAL: DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS	70
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICE A - ARTIGOS SELECIONADOS	86
	APÊNDICE B - REFERÊNCIAS DO QUADRO DO APÊNDICE A	102

1 INTRODUÇÃO

A música fundamenta-se em relações de âmbito social e enquadra-se como um elemento cultural. O ato de ouvir música é sem dúvida antigo e varia conforme o valor a ela atribuído perante a atmosfera na qual o ouvinte encontra-se (BARROS; CAFÉ, 2015). Os suportes nos quais as músicas podem estar registradas passaram por transformações e hoje é comum o uso de plataformas musicais digitais disponíveis na internet, especialmente os serviços de *streaming* nas quais as músicas são portáteis e executáveis a um simples toque, de forma online.

Navegar nos recursos interativos de uma plataforma musical, seja por meio de *tags*, que são termos ou expressões fornecidas pelos usuários, ou por meio de *playlists* e dados dispostos, permite muitas possibilidades no quesito experiência; podendo gerar no ouvinte inclusive sensações como ansiedade e frustração, por exemplo. (LEÃO; PRADO, 2016).

Da perspectiva da área de Organização do Conhecimento, a Organização da Informação Musical enfrenta desafios por ter de lidar com especificidades comportamentais encontradas na produção de uma música, objetivação e uso, e o que corrobora tal fator é que este manifestar da música apresenta características próprias. Também ocorrem variações na forma de perceber uma música, de se apropriar dela e das emoções que esta evoca, remetendo a distintas sensações, frutos da percepção subjetiva. Isso influencia tanto para quem se encarrega de representar essa informação musical e precisa extrair metainformações subjetivas quanto para quem procura por uma música com base nesses fatores (BARROS; CAFÉ, 2015).

Chauí (2004, p. 122) ressalta que a percepção é também uma forma de conhecimento, fundamental para as artes, pois permite que se tenha “ideias sensíveis ou significações perceptivas”. Barat (2007) comenta que a percepção é um processo complexo que começa com a sensação, como a visualização de uma performance musical ou de uma arte visual que pode tornar-se bastante individualizada. O mesmo se dá com a experiência de um ouvinte das plataformas musicais. Pode-se afirmar que a percepção é individualizada por depender de conhecimentos adquiridos, como crenças e ideias, bem como de um aparato cognitivo, portanto capacidades, hábitos, estruturas mentais de um sistema pessoal de símbolos.

Um usuário de uma plataforma musical também percebe a partir de sua sensibilidade. A maneira de expressar e significar essa percepção pode ser deferida a partir da construção de *playlists*, de interação com os recursos do sistema, por meio de comentários, curtidas e criação de *tags*. Então, a distinção desta pesquisa se apresenta na medida em que lidar com as diferenças de significação na organização da informação musical exige práticas que correspondam às percepções destes usuários.

A partir disso, entende-se que é possível discutir fenomenologicamente a simbólica externalização por meio de termos e expressões propostos pelos usuários de plataformas musicais, associados à música e resultantes de uma percepção individual, bem como a maneira que a organização da informação musical tem se articulado em conhecer as categorias que os usuários fazem surgir a partir dessas associações e os elementos motivadores para os significados empregados.

Entre vários conceitos e abordagens referentes à fenomenologia, escolhe-se para discutir a presente pesquisa uma abordagem do filósofo francês Merleau-Ponty (2004), especificamente no que diz respeito ao que ele chama de experiência pré-reflexiva. A percepção e a experiência pré-reflexiva podem ser ilustradas com o momento da infância no qual encaramos as coisas de maneira não preconceituosa; onde a percepção é nosso primeiro contato com as coisas. Ali há uma relação sensível com as coisas, com o mundo, que passa muito mais pela sensibilidade antes de se transformar num pensamento elaborado, conhecimento teórico, ou mesmo para utilização prática.

De acordo com o filósofo, temos a tendência de nos afastarmos desse contato primário e sempre tentarmos refazê-lo do ponto de vista intelectual, por influência do contexto social em que nos encontramos, o qual se baseia numa ideia de verdade atrelada ao saber, ao pensar, mantendo proximidade com o intelecto. Entretanto, nossa forma de estar no mundo, é primariamente alguma coisa que sentimos, vivenciamos. Mas o autor afirma que a vida mental possui um estado anterior, de pré-reflexão, visto que, quando os objetos atingem nosso intelecto já sofreram uma série de elaborações e manipulações simbólicas (MERLEAU-PONTY, 1989). O mesmo se dá quando sentimos e experimentamos a música, esse processo não precisa ter um caráter lógico para acontecer, esse retorno ou contato com a experiência pré-reflexiva pode ampliar possibilidades no que diz respeito à Organização da Informação Musical.

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Para Figueiredo (1942) toda arte é significação de algo desconhecido e, entre todas as artes, a mais íntima do ser humano, para a autora, é a música, justamente por transmitir sensações sem haver a necessidade de um entendimento lógico, racional e mais complexo deste tipo de arte. A arte de maneira geral se sustenta por sutilezas, e a música é algo que temos fácil acesso, justamente porque nossa percepção a acolhe de uma forma fluida, talvez até instintiva, visto que todo o universo material é vibração e conseqüentemente composto por sons; por uma espécie de harmonia sonora, provenientes de ondas gravitacionais (LEVIN, 2016). De fato, a

música está presente no cotidiano das mais variadas culturas e contextos da humanidade, é algo pelo qual o ser humano se sente atraído conforme a história da humanidade assim nos apresenta. E na atualidade não se faz diferente; prova disso é o sucesso que as plataformas musicais digitais como Spotify, Youtube Music, Deezer, Tidal, Soundcloud têm tido. Pode-se afirmar que é difícil encontrar uma pessoa que não faz uso de alguma destas ferramentas, atualmente.

Na área da Organização do Conhecimento, a música é encarada como documento, como objeto informacional passível de estudo e análise afim de ampliar a compreensão desse objeto e otimizar o acesso a esse tipo de informação.

O conhecimento é construído a partir de representações sociais, interação comunicacional, e fluxo de objetos informacionais; e nestas interligações surgem redes de significação que podem conferir um sentido em comum sobre determinado objeto, mais ou menos consensual (BARROS; CAFÉ, 2015). Assim se pode perceber a interação de usuários com as plataformas musicais, e com base na percepção individual de cada um, constrói-se uma rede de significados.

Chauí (2004) aponta que a percepção possui características, que se traduzem como uma experiência dotada de significação, ou seja, o que é percebido passa a ter sentido em nossa história de vida, e inclusive, o mundo exterior é organizado e estruturado por formas dotadas de sentidos. Complementa ainda que “a percepção é uma relação do sujeito com o mundo exterior”. (CHAUÍ, 2004, p. 122). Essa relação é um processo de apreensão de coisas externas, captadas pelos nossos órgãos e sentidos, e em sequência nossa mente (ou consciência) significa estes símbolos e os decodifica por meio da linguagem, semelhante a um processo de input e output dos computadores.

Com isso, pretende-se comentar que praticamente toda e qualquer pessoa pode, de fato, ‘sentir’ e ‘perceber’ uma obra musical, ou fazer uso deste objeto informacional em totalidade ainda que, por exemplo, não saiba tocar um instrumento musical ou que não conheça o contexto em que o autor, compositor e intérprete estejam inseridos, ou ainda que não compreenda o próprio idioma da canção. De fato, o mesmo talvez não ocorra quando se trata de um objeto informacional com sua estrutura normalizada, como é o caso de uma obra literária e demais documentos que de modo geral possuem conhecimento explícito.

Ainda, pesquisas referentes a comportamento de usuários apontam que o que é buscado pelos mesmos tem relação com aquilo que a experiência emotiva evoca, sendo algo de cunho subjetivo, mais complexo de expressar e, conseqüentemente, mais complexo de padronizar do que um conhecimento pautado em informações estruturadas, como ritmo e gênero musical por exemplo. (TANG; YANG, 2017).

Por exemplo, é possível notar numa simples busca que uma mesma música cujo Deezer categoriza (numa playlist pronta, sugerida pela própria plataforma) como “*Future Soul Jams*”, um usuário inclui numa playlist intitulada “*Hip Hop Gospel International*” indo para um contexto relacionado a fé, religião e ainda outro gênero musical diferente do sugerido pela plataforma.

Com base no comportamento informacional dos usuários, explicitado nas suas manifestações referentes à informação musical na *web*, percebemos que a inter-relação usuário e música pode desembocar numa miríade de possibilidades. É de interesse para a Organização do Conhecimento (OC) e a Organização da Informação (OI) musical pois a expressão — Hip-Hop Gospel International — que nomeia uma playlist do exemplo anterior, sugere um tipo de classificação e de termos relacionados à música, os quais implicam no processo de OC. Envolve o campo da OC discutir o ponto de vista de análise do universo terminológico e das possibilidades de significação de um objeto informacional (música), bem como as possibilidades de significação ainda nem externalizadas, e a OI volta-se sobre a questão de compreender a música como objeto informacional.

Tomemos como exemplo o que o britânico William Ewart Gladstone (1809-1898) notou, ao estudar a obra *A Odisseia* de Homero, escrita no século VIII a.C., na qual o autor refere-se ao mar como sendo ‘cor de vinho’. Lendo os demais registros gregos, Gladstone reparou que a cor ‘azul’ nunca aparecia; isso porque em grego antigo a cor azul não existia, logo, as palavras utilizadas para simbolizar eram diferentes das que um autor dos dias atuais usaria (BBC, 2016). A sensação de perceber o mar era comunicada de forma diferente porque remetia a vinho, provavelmente a mais próxima relação entre as cores que o autor via e descrevia; por não existir possibilidade de emprego da “cor azul” como elemento de discurso. Seguindo este exemplo, percebemos a realidade pré-reflexiva da qual fala Merleau-Ponty, a sensação anterior à linguagem. A partir do momento em que temos uma palavra que confere significado a algo no mundo real, passamos a encarar a realidade de uma nova perspectiva.

Pensemos agora no seguinte cenário: alguém que não conhece a palavra ‘samba’, ao ouvir uma música de Noel Rosa, relacionaria o trabalho do sambista com outro termo, muito provavelmente atrelado a uma experiência individual ao escutar sua obra (da mesma maneira com que Homero relacionou o mar com o vinho). A realidade, ou a experiência pré-reflexiva é anterior ao universo simbólico linguístico.

Neste âmbito é que a fenomenologia de Merleau-Ponty (1994) se desdobra na pesquisa, pois para o autor, para se perceber de maneira fidedigna as coisas (sobretudo as de cunho artístico), precisaria ignorar toda essa realidade simbolizada, uma vez que existem as mais

variadas possibilidades de perceber a música e, conseqüentemente, de classificá-la e descrevê-la.

Afinal, para a Organização do Conhecimento e da Informação, não se trata somente de depurar, normalizar e fixar significados e linguagens que mediarão essa relação de ouvinte com a música, mas também de compreender a natureza e os motivos da ocorrência das variações quando nos referimos à informação musical. Nesse sentido, uma música amplamente compreendida como um “samba” pode, a partir da experiência perceptiva do usuário, ser percebida, por exemplo, como “música de discussão e fim de casamento”. Neste caso o que é levado em conta pelo usuário não é a lógica da estrutura musical, ou do intérprete ou da indústria musical, mas a revelação direta, a experiência pré-reflexiva, a percepção desencadeada no usuário e revelada por meio da linguagem. Naturalmente, o uso da linguagem verbal para expressar a percepção é um tipo de aplicação da cognição, mas especialmente aqui da sensibilidade. No entanto, o que é revelado traz aspectos ou indícios da percepção suscitada ou despertada pela música, condizente com a experiência pré-reflexiva descrita pelo filósofo Merleau-Ponty.

Considerando que essas variações são expressões de diferentes percepções, mas que se referem ao mesmo objeto, formulamos a seguinte questão: quais as contribuições da noção de percepção pré-reflexiva concebida por Merleau-Ponty para com a Organização da Informação Musical?

1.2 JUSTIFICATIVA

Compreende-se que impor ou manter modelos estáticos na Organização da Informação Musical pode não ser tão satisfatório. Isso tem sido discutido em outras áreas, sobretudo nas ciências de caráter cognitivo. Sem dúvida é de interesse da área da Organização de Conhecimento, dialogar e repensar lógicas organizacionais sistematizadas; de modo a acompanhar as mudanças que podem ser observadas no ambiente web, por meio da cultura digital e suas tecnologias, de natureza social e recreativa. Além de buscar novos meios a fim de atender plenamente a comunidade usuária que, nesse caso, trata-se de um vasto público que faz uso deliberado dos recursos das plataformas musicais, em seus cotidianos.

A discussão teórica da pesquisa tem amparo no chamado movimento bidirecional, culminado por Merleau-Ponty, o qual envolve um ‘desapego do mundo e ao mesmo tempo retorno a tal’ (MERLEAU-PONTY, 1989). Este retornar é um direcionar-se ao mundo sensível e à relação do ser com este mundo, pois a partir disso tem-se acesso a uma fonte de

individualidade radical. Ainda, a percepção para Merleau-Ponty seria uma via de acesso para a verdade. Entende-se a partir daí que é preciso retornar a um sentido bruto, que é o sensível.

A perspectiva do filósofo Merleau-Ponty referente a redução fenomenológica implica em fazer “o mundo aparecer da forma como é, antes ainda de qualquer retorno sobre nós mesmos” igualando à reflexão a vida irrefletida da consciência (SANTAELLA, 2012). Essa ideia de retorno ao momento de interação e contato primários, chamado também de pré-reflexão ou pré-intelectualismo é o conceito escolhido para nortear a presente pesquisa, sobretudo pela sua relação com o sensível, com a renúncia a uma construção de significados baseada em concepções preestabelecidas e, conseqüentemente, por isso atingir o âmbito da informação musical e a percepção dos usuários não especialistas e a música.

Merleau-Ponty vai apontar, tanto no ensaio “O olho e o espírito” (1980) quanto em “A dúvida de Cezane” (1980), a ideia de percepção sob amparo da fenomenologia, a partir de um olhar de quem aprecia um fenômeno estético, no caso, a pintura contemporânea e as artes visuais em geral; pouco fala sobre música. Em suma, essa inter-relação do usuário com a música ‘ressoa’ na construção de significado, por exemplo, escrever um comentário em um vídeo no *Youtube*, ou na plataforma *Genius*; por isso adentra no campo sensível, por envolver a imaginação, especulação e percepção individuais dos usuários (SOUZA, 2017). Construir uma playlist pode ser encarado como uma formalização de conhecimento (com a qual a OC atém-se a discutir) e, ao mesmo tempo, é uma informalização pois é algo individual e perceptivo; e este paradoxo pode ser encarado como um fenômeno informacional a qual a presente pesquisa objetiva evidenciar e relacionar com a fenomenologia merleau-pontyana.

Outrossim, pode-se afirmar que as características de uma música são pautadas em circunstâncias que só podem vir do próprio usuário, podem estar relacionadas a algo que envolva memórias (situação, evento especial, pessoa), a sentimentos (ânimo, tristeza, paixão), a atividades (estudar, lavar louça, se exercitar), a algo técnico (instrumentos musicais, gêneros e subgêneros, movimentos musicais) etc. Essas significações, atreladas a este objeto informacional não têm relação com aspectos analíticos, são em suma aspectos de percepção. Diferentemente de outros domínios de conhecimento, como os que delimitados cientificamente, que podem ser caracterizados para fins de Organização do Conhecimento por terminologias apoiadas em garantia literária. Em outras palavras, para realizar uma ‘análise documental’, ou uma ‘leitura técnica’ de uma música, acredita-se que seja preciso buscar outras fontes - como a experiência do usuário por ele revelada - para que se conheça esse domínio e se inicie uma discussão consistente no campo da OC. É pertinente, assim, investigar as possibilidades de significação de nível micro (usuários), para compreender a necessidade de flexibilizar

terminologias que representarão algo de âmbito macro. Organizar conhecimento implica neste processo de relacionar a singularidade dentro de uma multiplicidade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar a relevância da noção de percepção merleau-pontyana para a Organização da Informação Musical.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Mapear o conceito de percepção na Organização do Conhecimento;
- b) Discutir a noção de percepção merleau-pontyana, em sua relação conceitual com a Organização do Conhecimento;
- c) Estabelecer uma relação entre o conceito de percepção pré-reflexiva e Organização da Informação Musical, tendo em vista a interação do usuário com a plataforma musical.

2 MÉTODO

A abordagem da pesquisa define-se como qualitativa pois envolve uma investigação de categorias, conceitos, gradientes, nuances qualitativos que a quantidade e as métricas não conseguem formular, bem como uma grande oportunidade de manifestação para a subjetividade: interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados (PEREIRA, 1999). Esta pesquisa também se incorpora como qualitativa-realista, a qual Patton (2005) afirma que mantém a consistência numa explicação e interpretação por meio de uma estratégia realista, ao se debruçar em circunstâncias reais e particulares. E uma abordagem qualitativa-realista também costuma ter como base uma teoria, e aqui, usaremos a noção de percepção pré-reflexiva merleau-pontyana.

Ainda, neste tipo de pesquisa a amostragem é pré-especificada, podendo ser impulsionada e engajada com o que já se sabe sobre o que está sendo investigado, que tem relação com o primeiro objetivo listado a seguir (A). E envolve também evidenciar um conceito em movimento e apontar ocorrências do mesmo.

A fim de atingir o objetivo “a) Mapear o conceito de percepção na Organização do Conhecimento”, com a intenção de levantar o ‘estado da arte’ referente às abordagens que envolvem este tema no contexto da Organização do Conhecimento realizou-se uma Revisão Sistemática Literária (RSL). Sampaio e Mancini (2011) comentam que uma RSL tem como objetivo nortear o desenvolvimento de projetos, podendo indicar novos rumos para futuras investigações e possibilitando a identificação de métodos de pesquisa foram utilizados em uma área.

Para a realização da RSL escolheu-se recuperar das seguintes bases de dados: LISTA/EBSCO (*Library & Information Science Abstracts*), Scopus, Web of Science e Brapci. As três primeiras por terem um reconhecimento internacional e grande número de publicações indexadas (a LISTA também por ser específica da área de Ciência da Informação) e a Brapci para ter um retrato nacional da área. Buscou-se levantar também quais os principais autores da área de Organização do Conhecimento que utilizam de aporte a Percepção, quais abordagens que os autores utilizaram em seus referenciais teóricos. O Quadro 1 apresenta para cada uma das bases de dados, o campo e a *string* de busca utilizada, quais os tipos de documentos selecionados, e os resultados quantitativos preliminares para cada uma delas de acordo com as estratégias definidas.

Quadro 1 - Resultados preliminares da RSL

Base de Dados	Campo	String	Tipo de Documento	Qtd
SCOPUS	Abstract	“Perception” “Knowledge Organization” AND	Article Conference paper and	68
Web of Science	Tópico	“Perception” “Knowledge Organization” AND	Article Proceeding paper and	10
LISTA/EBSCO	Abstract	“Perception” “Knowledge Organization” AND	Conferences and Journals & Magazines	131
BRAPCI	Abstract	“Perception” “Knowledge Organization” AND	Proceeding Periodical (PDF) and	28
Total de publicações				237

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O total de publicações encontradas nas quatro bases consultadas foi de 241 artigos. Após a busca em cada uma das bases, as publicações resultantes foram exportadas para a ferramenta Mendeley Desktop onde foi realizada a exclusão das publicações duplicadas, resultando em 237 documentos. Definiram-se um conjunto de critérios de exclusão, visando chegar num resultado coeso:

Optou-se por excluir da análise final todos os:

1. Resumidos e pôsteres;
2. Que não avaliem ou apliquem um viés fenomenológico acerca da percepção;
3. Que não sejam em inglês ou português;
4. Que não tenham acesso aberto.

A estratégia de extração de informação implicou em duas rodadas de revisão, na qual na primeira foram lidos título, resumo e palavras-chave e aplicados os critérios de inclusão e exclusão de cada uma das publicações. Na segunda rodada, os artigos que restaram foram lidos na íntegra e os critérios de inclusão e exclusão aplicados novamente. O APÊNDICE A apresenta o título, bem como o(s) critério(s) de exclusão aplicado(s) em cada uma delas. Durante a primeira análise, sentiu-se a necessidade de criar um critério de exclusão, visto que algumas publicações, apesar de não apresentarem nenhum critério de exclusão, não estavam disponíveis na Internet e outras não possuíam *abstract*, DOI e afins. Por isso, o quarto critério foi adicionado e as publicações que não apresentarem nenhum critério de exclusão foram as que compuseram a próxima etapa da RSL.

Como proposta inicial na RSL, houve intenção de levantar o impacto da percepção para a representação da informação musical; entretanto, a quantidade de documentos que surgiram

ao ser realizada a busca nas bases era de mais de 300 mil artigos em duas das bases quando inseridos o termo “*Music Information*”, devido a isso, optou-se por realizar este recorte e pesquisar a questão da percepção (de modo geral), e entender como ela pode se relacionar com questões específicas da Organização do Conhecimento. Para análise final, restaram seis artigos. Os resultados da RSL são apresentados na seção 3.

Ademais, a pesquisa qualitativa envolve muitos pormenores que a caracterizam, entre estes, entender o significado que um grupo de indivíduos atribui a uma questão, e ainda pode analisar indutivamente por meio de construção de particularidades, temas gerais e interpretações do próprio pesquisador (CRESWELL, 2010). Para atingir o objetivo específico “a” foi realizada uma breve análise dos textos resultantes do levantamento aqui citado.

O objetivo “b) Discutir a noção de percepção merleau-pontyana, em sua relação conceitual com a Organização do Conhecimento”; considerando que os conceitos de Merleau-Ponty não são amplamente estudados no âmbito de OC; para este tema optamos por realizar um levantamento bibliográfico mais flexível que uma revisão sistemática das obras do filósofo, buscando aquelas que abordam de forma específica a noção de percepção em sua fenomenologia. A discussão a respeito do conceito de percepção pré-reflexiva é apresentada nas seções 4 e 5. Por fim, o objetivo específico “c) Estabelecer uma relação entre o conceito de percepção pré-reflexiva e organização da informação musical, tendo em vista a interação do usuário com a plataforma musical”, foi alcançado a partir de uma discussão que envolveu uma descrição de experiência individual com a plataforma musical Spotify (sem ter furtado de transparecer a própria percepção da autora como usuária da plataforma), apontando então como essa percepção tem impacto nos processos de OI e OC, somada às contribuições da noção de percepção presente na obra do filósofo Merleau-Ponty.

3 PERCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: REVISÃO SISTEMÁTICA LITERÁRIA

Foram identificados seis trabalhos que atendem a questão de pesquisa motivadora desta RSL, os quais serão abordados detalhadamente nesta seção. O Quadro 2 apresenta a relação dos trabalhos selecionados e logo após será apresentada uma síntese de cada um deles e um quadro comparativo em relação ao seu contexto e as suas proposições. A discussão dos textos recuperados na RSL é acompanhada de outros textos que complementam e auxiliam na discussão do tema proposto.

Quadro 2 - Resultados finais da RSL

Autor	Título	Local de publicação
1. AMIRHOSSEINI, MAZIAR (2010)	<i>Theoretical base of quantitative evaluation of unity in a thesaurus term network based on Kant's Epistemology</i>	Knowledge Organization
2. BARAT, A. H (2007)	<i>Human perception and knowledge organization: visual imagery</i>	Library Hi Tech
3. GUEDES, R. de M.; MOURA, M. A	<i>The principle of semantic warrant and the study of language: Conceptual reflections</i>	Knowledge Organization
4. HAJIBAYOVA, L.; JACOB, E. K (2015)	<i>Factors Influencing User Generated Vocabularies: How Basic are Basic Level Terms?</i>	Knowledge Organization
5. SMIRAGLIA, RICHARD P (2001)	<i>Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work</i>	Knowledge Organization
6. BEAK, J (2012)	<i>Children's perceptual cognitive factors in book selection and met A data schema: Pilot study</i>	Proceedings of the ASIST Annual Meeting

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O autor da pesquisa intitulada *Theoretical Base of Quantitative Evaluation of Unity in A Thesaurus Term Network Based on Kant's Epistemology*, Amirhosseine (2010), enfatiza que termos dicionários de sinônimos e tesouros são definidos de maneira cuidadosa, variando conforme o contexto no qual estão inseridos; entre os quais incluem categorias — conceituadas como a fonte de estrutura para a experiência fenomenal da mente humana (quantidade, qualidade, relação e modalidade). Ainda, entre os termos outrora citados estão também os

estados da cognição, formados quando as intuições dos sentidos ocorrem em vários conjuntos de conceitos nas categorias da mente; estes podem ser divididos em percepção, combinação e criação de relações. É também levado em conta nesta análise na construção de tesouros e dicionários: taxa de conectividade, pensamento epistemológico, taxa de integração, avaliação quantitativa, rácios (tidos como medidas estatísticas na avaliação quantitativa do dicionário de sinônimos), relatividade: a proporção de descritores vinculados por relações associativas ao número total de descritores no vocabulário, período de restauração, dicionário de sinônimos tradicional, sentido transcendental, compreensão transcendental, pensamento de unidade, unidade no tesouro.

A análise desta rede de termos foi dividida em três etapas:

- 1) O reconhecimento da conexão entre descritores e uma combinação de relações hierárquicas e associativas em uma rede unitária;
- 2) Análise dos domínios separados das relações hierárquicas e associativas e
- 3) A descrição entre os resultados da conexão, integração e questões de relatividade.

O artigo de Amirhosseine (2010) possui uma leitura densa por tratar de uma teoria extensa, a qual foi formulada pelo filósofo Immanuel Kant. Trata do pensamento epistemológico escrito na obra *A Crítica da Razão Pura*. No artigo, o autor explica de forma minuciosa as etapas dos estados cognitivos da compreensão, entre essas: percepção, combinação e relação. Kant, conforme o Dicionário de Filosofia, dá o nome de percepção à representação com consciência, distinguindo-a em conhecimento (se for objetiva) e em sensação (se estiver endereçado apenas ao sujeito) (SEIDEL, 2013).

Kant, assim como grande parte dos filósofos, buscou compreender a origem do pensamento e conhecimento, e apontou que o pensamento em seu sentido estrito começa com o julgamento. E algumas formas de julgamento são formas de sensação impostas pelo entendimento, que não vêm da experiência de todos, mas são *a priori* (juízos analíticos). Ainda, durante o tratamento dessa questão de compreender a origem do saber, Kant distinguiu o material do seu conteúdo (ou dos fenômenos), e a forma do sentido transcendental. Para o filósofo, o material do nosso conhecimento no que tange os sentidos, vem da experiência. Essa forma então não é derivada através dos sentidos, mas é imposta ao material ou conteúdo pela mente para tornar o material ou conteúdo universal e necessário (AMIRHOSSEINI, 2010).

Essa teoria é utilizada de aporte por Amirhosseine (2010) que tem como objetivo explicar razões no campo da avaliação quantitativa da unidade em redes de tesouro. Para o autor, no estado de percepção (primeiro estado de cognição), as intuições de sentido são unificadas na mente humana em vários conjuntos de categorias. E, a mente humana já define

os conceitos das proporções antes que os dados ou as intuições de sentido acontecessem na forma de categorias. Em seguida, a definição do conceito de proporções ali citadas, são analisadas pelo autor. É neste estado que a mente percebe os conceitos de quantidade a partir dos conceitos da razão. Portanto, o primeiro passo de realizar proporções é comparado com o primeiro estado de cognição no sentido transcendental do pensamento de Kant.

De modo geral, o que se aproxima da proposta buscada na *string* desta revisão é a abordagem e referencial teórico que o autor utilizou. Amirhosseine (2010) enfatiza uma modalidade da experiência para então consolidar um conhecimento sobre uma questão. Isso relaciona-se com a percepção por implicar a uma experiência do usuário, experiência esta que é individualizada, e refere-se a um determinado saber. Tal saber pode ser compreendido como conhecimento.

Conhecimento para Setzer (1999) é uma abstração pessoal de algo que foi experimentado, vivenciado por alguém. Entretanto, o conhecimento não pode ser descrito; o que se descreve é a informação. Também não depende apenas de uma interpretação pessoal, como acontece quando se tem contato com a informação, afinal, requer-se uma vivência do objeto do conhecimento. Assim, podemos afirmar que tal conhecimento está no âmbito puramente subjetivo do homem.

O segundo artigo, da pesquisadora Agnes Hajdu Barat (2007), intitulado *Human perception and knowledge organization: visual imagery* tem uma relação um pouco mais direta com a noção de percepção abordada aqui. O objetivo da pesquisa é de explorar a teoria e prática da Organização do Conhecimento e sua conexão com a percepção humana, apontando soluções potenciais. A autora aborda o ponto de vista daquele que assiste a uma performance artística, como algo realmente individualizado e complexo, pois depende de um sistema de signos próprio da mente interpretadora, constituído por experiências, conhecimentos. E, aproveita para questionar o fato de a Organização do Conhecimento seguir utilizando modelos e padrões conceituais, sem se atentar a interação dos usuários (exemplifica com os métodos de busca destes) com recursos apresentados em plataformas web que disponibilizam objetos informacionais como fotos e vídeos artísticos (BARAT, 2007).

A autora também diferencia os símbolos percebidos numa experiência visual e numa experiência de audição e afirma que os símbolos linguísticos, provenientes destas experiências são abstratos e baseiam-se na “decisão” humana independente do meio que se encontram (LEHMANN apud BARAT, 2007). Ela também distingue as representações linguísticas por estarem presentes no ambiente de língua local, enquanto as representações perceptivas acabam provindo dentro de conceitos.

A percepção visual é um processo complexo, afirma Barat (2007). Começa com a sensação, mas depois dessa visualização torna-se bastante individualizada. A percepção depende, por exemplo, da experiência, conhecimento, cognição ou nosso sistema de símbolos. Este processo é um trabalho mental simbólico e multinível explícito. Pode haver uma interpretação visual ideal, e também uma maneira de explicar a interpretação visual e como a interpretação beneficia o intérprete humano biologicamente.

As perguntas que norteiam a pesquisa de Barat (2007) são as seguintes: Que questões científicas são levantadas pela nova conjunção de percepção visual e tecnologia de informação e comunicação? Os especialistas em Organização do Conhecimento precisam considerar as informações pictóricas e o processo de imagens visuais? A representação visual tem propriedades diferentes das denotações e argumentos textuais tradicionais? O que eles são? Como classificar e mostrar os elementos visuais dos documentos científicos? As imagens visuais ajudariam na Organização do Conhecimento? Quais métodos visuais podem ser usados pelo bibliotecário no OPAC e suas interfaces? Quais possibilidades as fotos e imagens têm na Organização do Conhecimento?

A referida autora afirma que imagem e texto complementam, em vez de competir entre si. Imagens, no entanto, quando usadas sozinhas, muitas vezes pedem esclarecimento textual. Assim, visualizar cientificamente uma imagem, recai em interpretar, e resulte numa interpretação competente, porque sem ela a imagem pode não ter sentido. Existem algumas formas específicas de visualização científica (por exemplo, imagens de temperatura ou imagens UV) que representam descrições qualitativas em vez de descrições quantitativas (BARAT, 2007).

Barat (2007) conclui sua pesquisa apontando a necessidade de os profissionais da informação identificarem características semânticas em imagens que se aproxime de uma imagem semelhante a que foi associada pela mente do usuário. Ela ainda denota que seria pertinente utilizar a abordagem da percepção como sugestão de pesquisas futuras na Organização do Conhecimento.

Santaella (1999) interpõe uma justificativa para esta preocupação em relação a percepção; afirma que 75% da percepção humana é visual e relaciona-se com os meios de extensão do sentido visual que foram criados no decorrer da história, como telescópios, microscópios, radares, aparelhos fotográficos, computadores. E 20% da percepção humana tem relação com o sonoro e só os 5% restantes são atribuídos aos demais sentidos (tato, olfato e paladar). Sua tentativa de explicar esse fator é que só o olho e o ouvido são órgãos diretamente ligados ao cérebro. E, de fato, quando pensamos em signo, automaticamente relacionamos algo

visual ou sonoro. Assim, há uma tendência de pesquisas nesse âmbito realçarem as relações entre aquilo que é percebido e a mente de quem percebe. Barat (2007) preocupa-se justamente com a relação ou afinidade necessária entre a mente do profissional da informação com a do usuário.

Barat (2007) durante sua análise utiliza uma abordagem Freudiana para explicar a capacidade de transformar percepções concretas em conceitos abstratos, e aponta que símbolos perceptivos e linguísticos são constituídos de maneira diferente. Os símbolos recebidos perceptivamente são introduzidos diretamente, enquanto os símbolos linguísticos são transmitidos como entradas codificadas ou baseadas em linguagem. (BARAT, 2007). Quando a autora comenta que a percepção começa com a sensação, mas a partir da visualização, esta percepção individualiza-se, e que a mesma depende de experiência, conhecimento, cognição ou nosso sistema de símbolos, tal processo pode ser compreendido como um trabalho explícito, multinível e simbólico da mente.

No terceiro artigo, os autores Guedes e Moura (2016) tratam de questões de garantia semântica e significação da linguagem, com base em teorias de Wittgenstein e Bakhtin, apoiando-se na argumentação em favor da existência de fatos e fenômenos reais, passíveis de significação. Em suma, o texto enfatiza que atentar-se às linguagens que constituem os Sistemas de Organização do Conhecimento e em seus propósitos informativos é pensar na língua como atividade social, ligada também às condições de comunicação e conseqüentemente estruturas sociais. Os autores (2016) afirmam que a necessidade de validar a linguagem documentária, conferindo a ela uma medida de valor, qualidade e utilidade é conhecida como ‘garantia semântica’. Embora a legitimidade do sentido de uma linguagem documentária seja inerente à sua criação, trata-se de um desafio definir os critérios ou estipular condições para avaliar a representatividade da linguagem de um SOC.

Por fim, Guedes e Moura (2016) ressaltam que a capacidade de significação e utilização adequadas das linguagens documentárias requer condições que sustentam a sensibilidade necessária, a fim de provocar um desvelamento de significados úteis em SOCs; papel do ‘princípio da garantia semântica’, e a condição principal para o desenvolvimento e avaliação dos instrumentos de organização e representação do conhecimento basear-se em consensos semânticos que os dimensionem como artefatos que retratam a realidade (GUEDES; MOURA, 2016). Em relação a isso, McGarry (1999) pontua que a informação, de modo geral, precisa atuar como um veículo que carregue um atributo essencial para a compreensão do receptor. Tal receptor precisa distinguir facilmente fenômenos que cercam esta informação.

O artigo intitulado *Factors Influencing User-Generated Vocabularies: How Basic are*

Basic Level Terms? pelas autoras Hajibayova e Jacob (2015), discute o conceito de Folksonomia; elas questionam o quão coerente é o conceito deste termo no campo da OC, afirmando que parece um tanto quanto nebuloso. E comentam ainda que alguns autores da área, acreditam que vocabulários gerados pelo usuário são uma alternativa ou um complemento para os sistemas tradicionais de representação e organização do conhecimento.

As questões básicas subjacentes a esses estudos são se um vocabulário gerado pelo usuário facilita o compartilhamento de recursos e se tal vocabulário realmente constitui uma linguagem de indexação que pode ser usada para representar o conteúdo intelectual dos recursos. A pesquisa foi realizada em um laboratório de informática do *Bloomington Information and Library Science Department* por um período de dois meses. Em uma plataforma de coleta e a análise de dados, ferramenta usada a fim de instruir os sujeitos a ler/verificar cada recurso e, em seguida, atribuir ao recurso quantas *tags* eles consideraram adequadas para a recuperação do recurso em algum ponto no futuro. Os participantes não receberam nenhuma *tag* pré-fabricada e não puderam ver nenhuma *tag* atribuída por outros participantes do estudo. A página do estudo forneceu acesso aos links reais dos recursos. Os sujeitos também responderam um conjunto de questões demográficas, incluindo gênero, idade, área de estudo ou especialização e mais alto nível de educação concluído. As respostas dos participantes eram anônimas (HAJIBAYOVA; JACOB 2015).

O processo de identificação em níveis de abstração referente às *tags*, revelou que os significados atribuídos aos termos e o nível de abstração atribuídos a um termo particular são contingentes e entrelaçados com a especificidade de um indivíduo, seu ponto de vista e experiência. Marcas como Honda e Chevrolet, por exemplo, não foram associadas por muitos participantes da pesquisa como fazendo parte da categoria VEÍCULO. Essas incongruências podem ter acontecido por diferentes fatores, como representatividade dos participantes do estudo, domínio do conhecimento e idade, bem como o número limitado de categorias de conteúdo. No entanto, este estudo exploratório forneceu um local para uma análise detalhada e precisa do vocabulário gerado por *tags* (HAJIBAYOVA; JACOB, 2015).

Este estudo sugere que os vocabulários gerados pelo usuário podem ser bastante dinâmicos e multifacetados e geralmente são compostos de termos em vários níveis de abstração, controvertendo assim as sugestões de que o nível básico de *tags* é predominante e “amplamente concordantes” (GOLDER; HUBERMAN, 2006, p. 202). Embora os usuários utilizem *tags* categorizadas como gênero, fabricante/marca ou mesmo data, entre outros, a maioria das *tags* foi identificada como relacionada ao conteúdo - como representando o conteúdo intelectual dos recursos (HAJIBAYOVA; JACOB. 2015).

Dentro da estrutura fornecida pela noção de Heidegger (1953/1996) de praticidade; a variação nos conceitos representados e no nível de abstração das *tags* relacionadas ao conteúdo é natural e fenomenológico nessa percepção e compreensão — e, portanto, o significado de “coisas” surge das experiências contextualizadas do indivíduo de engajamento com objetos (HAJIBAYOVA, 2013). Embora este estudo se concentre no vocabulário de *tags* gerado por um pequeno grupo de participantes, seu foco controlado em um número limitado de categorias de conteúdo ressalta a heterogeneidade de representação que caracteriza vocabulários gerados pelo usuário (HAJIBAYOVA; JACOB 2015).

Estudos de vocabulários gerados por usuários irão promover esse esforço e podem facilitar o desenvolvimento de sistemas centrados no usuário de representação e organização do conhecimento, potencialmente fornecendo integração mais "orgânica" de controlados ou “artificiais” (LANCASTER, 1977, p. 23) e vocabulários gerados pelo usuário e melhoram a “localizabilidade” (MORVILLE, 2005) e o uso efetivo dos recursos de conhecimento (HAJIBAYOVA; JACOB 2015).

Smiraglia (2001) no quinto artigo, intitulado *Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work*, e aqui analisado, aborda a temática de entidades conhecidas como obras (obras musicais, obras literárias, obras da arte etc.). Ele ressalta que a maior parte do conhecimento registrado sobrevive por meio de entidades. Obras são aquelas criações deliberadas (conhecidas como ópera, *oeuvres*, obras criativas) que constituem conjuntos individuais de concepções criadas que permanecem como registros formais de conhecimento. E, os documentos são definidos no texto como os pacotes que contêm e podem entregar uma ou mais concepções criativas e comunicativas. Tanto o pacote (o documento) quanto seu conteúdo (que pode ser uma obra) são unidos de várias maneiras para formar entidades documentárias, que por sua vez são entidades-chave para a recuperação da informação.

De maneira simplificada, uma obra seria um conjunto de ideias criadas e colocadas em um documento usando texto, com a intenção de serem comunicadas a um receptor. Uma obra pode ter muitos textos e pode aparecer em muitos documentos e mesmo em muitas formas documentais (SMIRAGLIA, 2001).

Para Smiraglia (2001) no domínio da recuperação da informação, a obra, em oposição ao documento, só recentemente recebeu atenção especial. Os esforços para definir obras como entidades de recuperação de informação e documentar sua ocorrência empiricamente são bastante recentes. Na verdade, os sistemas de recuperação de informações bibliográficas (como catálogos e índices) foram projetados com o documento como a entidade-chave, e as obras foram descartadas como muito abstratas ou difíceis de definir empiricamente para desempenhar

um papel na recuperação de informações. Entretanto, as obras são consideradas veículos essenciais para a comunicação do conhecimento através das fronteiras temporais e culturais.

Neste artigo ainda se examinou a definição de obras (culturais etc.) como uma entidade de recuperação de informação. Uma definição taxonômica (ou seja, uma definição construída em torno de uma taxonomia) é apresentada. Uma perspectiva epistemológica, incluindo evidências empíricas, auxilia na compreensão dos componentes da definição taxonômica. Obras, assim definidas como entidades para recuperação de informação, são vistas como constituindo conjuntos de instanciações variadas de criações abstratas (SMIRAGLIA, 2001).

O autor tem como objetivo disseminar uma nova compreensão dos papéis culturais das obras e, assim, afirmar sua importância como chave para a disseminação do conhecimento e, portanto, para a Organização do Conhecimento. Outro objetivo deste artigo é demonstrar a aplicação das ferramentas da epistemologia ao problema da compreensão das obras como entidades de recuperação da informação (SMIRAGLIA, 2001). É utilizado como referência o *Functional Requirements for Bibliographic Records (FRBR)*, da Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas (IFLA).

Representando os resultados do esforço intelectual ou artístico, o FRBR sugere um grupo de obras, expressões, manifestações e itens de entidades documentais. Uma manifestação corresponde à expressão de uma obra, que por sua vez foi incorporada por um item. A manifestação e o item das entidades, então, refletem a forma física. Dessa forma, uma obra pode ser realizada por meio de uma ou mais expressões, que podem estar incorporadas em uma ou mais manifestações, que por sua vez podem ser explicadas em um ou mais itens (IFLA, 2009).

Ou seja, uma obra começa a vida como um conjunto de impressões na mente de seu criador. Depois que o criador criou num plano mental com tais impressões suficiente para formular uma apresentação ordenada, elas podem assumir as características de expressão. Uma vez expressa, a probabilidade de definir em um conjunto específico de cadeias semânticas e ideacionais é alta e o conjunto agora ordenado torna-se uma manifestação concreta da obra, que por sua vez pode ser incorporada em um ou mais itens.

Smiraglia (2001) usa como exemplo o próprio artigo que começou como um conjunto de noções na consciência do autor que constituem a obra. Houve vários rascunhos, variando em seu escopo e detalhes — essas são expressões. O texto do artigo em si, é a manifestação desta obra, que está corporificada no item (SMIRAGLIA, 2001). Obras, então, são demonstradas como entidades eficazes para armazenamento de informações e recuperação. Ou seja, catálogos e outras ferramentas podem ser estruturado para permitir que buscas por obras ocorram ao lado (ou em vez de) pesquisas de documentos. Além disso, as obras são representações de

conhecimento registrado e criadas deliberadamente para representar os pensamentos, dados, sínteses, conhecimento, arte e artifício de seus criadores. As obras, então, servem como veículos para comunicar um ou mais desses aspectos de novos conhecimento a potenciais consumidores (leitores, acadêmicos etc.). Há também um papel social das obras, visto que seus consumidores podem usá-los para informar suas próprias novas obras, que também servem como veículos para comunicar conhecimento através do tempo e do espaço para novos consumidores (SMIRAGLIA, 2001).

As obras, então, podem ser vistas como análogas a signos que são inevitavelmente mutáveis ao longo do tempo. Os textos das obras são significantes que são claramente imutáveis quando fixados pela primeira vez, mas que possuem outras propriedades que são, em si mesmas, muito mutáveis. Elas ainda funcionam como veículos de cultura, entidades que surgem a partir de uma perspectiva cultural particular (SMIRAGLIA, 2001).

O autor faz uso também da abordagem de Ferdinand de Saussure que trata da semiologia e de métodos linguísticos para determinar as leis gerais que estão em ação em todas as línguas, bem como a teoria semiótica Peirceana, que se conceitua como ciência dos signos; os quais implicam em tudo que é utilizado para nos comunicarmos: escrita, sinais, linguagem, imagens. Para o autor (SMIRAGLIA, 2001) o significado de um símbolo não é fixo, e sim, uma função da percepção.

No texto ainda, é revisto e discutido o conceito de mutabilidade das obras, as quais podem não ter fichas concretas, mas que encontram sua realização em performances sonoras, cada uma das quais é exclusivamente criada e percebida de maneira única (SMIRAGLIA, 2001).

A ontologia (“ser”) fornece uma estrutura objetiva geral dentro da qual o conhecimento pode ser organizado, mas a epistemologia (“saber”) permite a percepção do conhecimento e seu papel subjetivo. O estudo da epistemologia é, portanto, essencial para o desenho e implementação de melhores estratégias cognitivas para orientar o processo de análise documental, particularmente para a indexação e abstração de documentos científicos. A ordenação e classificação das informações contidas nos documentos serão aprimoradas, permitindo sua recuperação efetiva somente, se for possível descobrir o arcabouço conceitual (termos, conceitos, categorias, proposições, hipóteses, teorias, padrões e paradigmas) ou seus autores dos elementos discursivos dos textos (palavras, frases e parágrafos) (SMIRAGLIA, 2001).

Enquanto a ontologia pode ser invocada para enquadrar a Organização do Conhecimento, a epistemologia nos fornece informações perceptivas importantes sobre os

objetos da OC. Cada perspectiva pode contribuir para a compreensão; coletivamente, uma perspectiva equilibrada pode ser alcançada. Para começar, o empirismo pode nos levar a taxonomias de entidades do conhecimento. O racionalismo pode demonstrar o papel cultural e o impacto sobre as entidades de conhecimento. As obras são os principais portadores de conhecimento, representando não simplesmente dados ou fatos brutos, mas pacotes construídos de evidências racionais e empíricas do conhecimento humano, projetados para servir a um papel comunicativo através do tempo e das culturas (SMIRAGLIA, 2001).

Assim, a organização de trabalhos para recuperação de informação ao longo de linhas temáticas e disciplinares tem sido a principal tarefa da OC, especificamente de classificação. Mas as obras também - especialmente aquelas com importância canônica, foram organizadas usando ordens classificadas alfabeticamente inadequadas (SMIRAGLIA, 2001).

Uma obra é um conjunto significativo e concreto de concepções ideativas que se realizam por meio da expressão semântica ou simbólica. Ou seja, uma obra abrange um conjunto de ideias que constituem tanto os componentes conceituais (significados) quanto os da imagem (significantes) de um signo. A obra funciona na sociedade da mesma maneira que um signo funciona na linguagem. As obras, como os signos, demonstram as características da arbitrariedade (a ausência de uma ligação natural entre o significado e o significante) e a linearidade (os significantes se desdobram sequencialmente ao longo do tempo). Portanto, as obras estão sujeitas à ambiguidade natural dos signos, possuindo ambas as propriedades de imutabilidade (a natureza fixa de um significante em uma dada comunidade) e mutabilidade (mudança ao longo do tempo em sua percepção e uso) (SMIRAGLIA, 2001).

Obras musicais, segundo Vellucci (1997), também podem derivar meio de apresentação musical ou transcrição notacional. Nessas categorias, o trabalho deriva culturalmente ao longo do tempo, mas o conteúdo ideativo e semântico não muda. Compreender os papéis sociais das obras expande os limites de sua definição. Estruturas epistemológicas podem nos ajudar a entender as origens socioculturais dos conceitos da obra. A definição taxonômica contribui para a percepção epistemológica das obras como entidades específicas de conhecimento registrado (SMIRAGLIA, 2001).

Uma percepção ampliada das obras, como a apresentada no artigo pelo autor, nos ajuda a compreender a variedade de maneiras pelas quais os mecanismos de controle e recuperação podem ser melhor formados no futuro. O modelo conceitual aqui apresentado pode servir de base para uma análise mais aprofundada da natureza das obras, buscando documentar melhor seus papéis epistemológicos, utilizando tanto a análise empírica (quantitativa) de coleções de obras, quanto a análise histórica e qualitativa da função social. Esse pesquisa aponta para

expandir os limites de compreensão de todas as entidades documentais, especialmente à medida que a sociedade se move para um ambiente cada vez mais virtual.

Beak (2012), no seu trabalho intitulado “*Children’s perceptual cognitive factors in book selection and metadata schema: Pilot study*” busca compreender fatores cognitivos e processos perceptuais das crianças durante a seleção do livro. Tem como intuito melhorar os Sistemas de Organização de Conhecimento (SOC), e sua problemática se dá pela falta de consideração quanto a cognição das crianças, e devido a isso, sua dificuldade em procurar informações. Ele também questiona quais fatores perceptivos são utilizados para criar elementos de metadados para bibliotecas infantis. Apoiar-se no estudo de Reuter (2007) que até o momento era o mais recente e abrangente estudo de pesquisa em termos de comportamento de seleção de livros infantis.

Estudos anteriores com bibliotecas infantis indicam que as crianças têm necessidades de informação diferentes e comportamentos de busca ou busca de informação diferentes dos adultos. Devido à falta de consideração da cognição das crianças nos SOCs, as crianças têm dificuldade em buscar informações (BEAK, 2012).

Beak (2012) afirma que a cognição ou processo cognitivo na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação geralmente se refere a fatores cognitivos ou comportamentos de processamento de informações para avaliação de relevância, eficácia ou eficiência da pesquisa. Em termos de abordagem cognitiva em OC, particularmente no que se refere a crianças, os aspectos da cognição são muito limitados.

Seu estudo delinea o processo cognitivo das crianças em três estágios: percepção, categorização e nomeação. Percepção implica em aspectos conceituais da informação que as crianças buscam por meio de estímulos externos e internos de registro sensorial. A categorização indica como as crianças desenvolvem estruturas conceituais como hierarquia conceitual. Por último, a nomenclatura está ligada à expressão linguística ou terminologia. Portanto, nomear diz respeito aos tipos de termos que as crianças usam para expressar necessidades de informação (BEAK, 2012).

Cada domínio em um SOC é representado por dois constituintes principais; representação da informação e expressão dos usuários. A representação da informação consiste em vários SOCs, por exemplo, esquemas de metadados, classificação, tesauro, vocabulários controlados e taxonomia. Por outro lado, os usuários expressam suas necessidades de informação.

Como um esquema de metadados é criado? Por quais motivos, um esquema de metadados inclui ou exclui certos elementos de metadados? Essas questões nos permitem

considerar certos aspectos entre usuários e recursos que um esquema de metadados se concentra em descrever. Para Beak (2012) existe uma falta de literatura abordando essas questões.

As informações que as crianças podem perceber por meio dos livros nas prateleiras geralmente limitam-se em títulos de lombada, nomes de autores, editoras ou títulos de séries. Esses ambientes físicos podem ter impacto sobre a cognição perceptiva das crianças (BEAK, 2012).

Compreendeu-se no decorrer da pesquisa que o interesse emocional de cada criança não apenas desempenha um papel importante na tomada de decisão sobre a seleção de um livro, mas também é percebido por muitos fatores externos dos livros e fatores internos da pessoa. E, que a conexão pessoal depende de crenças ou valores pessoais, hobbies ou personalidade. Exemplo: a criança B acredita que ler ficção a torna estúpida. Portanto, a criança B sempre escolhe a não-ficção. A criança D também gosta de contos de fadas porque acredita em magia, e assim por diante (BEAK, 2012).

Elementos contidos nos livros que envolveram as crianças também tiveram certa importância em fazer com que essas interagissem, podendo ser pequenos detalhes que acionassem sua curiosidade.

E de fato, priorizar fatores perceptuais não incorpora a criação de elementos de metadados, mas permite que uma interface de pesquisa de navegação exiba aspectos mais importantes dos livros em um espaço de interface limitado.

Os processos cognitivos perceptivos parecem diferir com vários fatores. A idade e a capacidade de ler textos influenciam a percepção das crianças durante a seleção do livro. As crianças com mais idade, têm maiores habilidades para ler com mais frequência dependem de fatores perceptivos abstratos, enquanto os participantes mais novos tendem a olhar para fatores perceptivos concretos, como capas de livros, personagens ou ilustrações internas de livros (BEAK, 2012). O estudo de Beak (2012) sugere que esses fatores de percepção precisam ser considerados quando se trata de criar um esquema de metadados para bibliotecas infantis. Fatores implicam em pontos de acesso em um esquema de metadados, o que sugere categorias de fácil percepção na navegação. Consequentemente, este estudo contribui para a melhoria de SOCs, refletindo a cognição das crianças.

Ademais, as zonas de estudo que as publicações analisadas na etapa final permeiam, são perenemente conhecidas pela preocupação da experiência do pensamento e da consciência com a realidade, a partir do significado (da linguagem, no caso). Os conceitos trabalhados nestes domínios são caracterizados por reconhecimento e categorização de significado, valores, noção de mundo, axiologias e demais indicadores de ações sensíveis. Guedes e Moura (2016)

comentam que ter êxito em organizar conhecimento é um processo complexo que requer mais que a compreensão analítica da linguagem e dos domínios do conhecimento. Em suma, esta revisão cumpriu o que se propôs, que era facilitar a compreensão do que exatamente pode implicar em “Percepção” no âmbito da OC, e apontou novas correlações na área; especificamente as publicações da pesquisadora Barat (2007), e dos autores Smiraglia (2001) e Beak (2012), que penderam para abordagens que tinham um viés mais fenomenológico referente ao conceito.

O Quadro 3 apresenta uma síntese de cada um dos seis textos restantes desta revisão sistemática literária trabalhada na presente seção.

Quadro 3 - Síntese dos textos resultantes da RSL

Autor, ano de publicação do artigo	Abordagem e autores usados na pesquisa	Ponto principais referente a Percepção
Amirhosseine (2010)	Estados cognitivos (percepção, combinação e relação) com base no idealismo transcendental de Kant	É representar com consciência, distinguindo-se em conhecimento (se for objetiva) e em sensação (se estiver endereçado apenas ao sujeito). Corresponde a um primeiro estado de cognição, as intuições de sentido são unificadas na mente humana em vários conjuntos de categorias.
Barat (2007)	Abordagem Freudiana para explicar a capacidade de transformar percepções concretas em conceitos abstratos.	Experiência individualizada que depende de um sistema de signos próprio da mente interpretadora, constituído por experiências, conhecimentos. Perceber envolve uma ação de decisão.
Guedes e Moura (2016)	Garantia semântica e significação da linguagem, com base em teorias de Wittgenstein e Bakhtin.	As linguagens que constituem os SOCs e em seus propósitos informativos envolve pensar na língua como atividade social, ligada também às condições de comunicação e consequentemente estruturas sociais.
Hajibayova e Jacob (2015)	Teoria de Wittgenstein sobre o uso da linguagem e significação; Noção de praticidade em	A variação nos conceitos representados e no nível de abstração das tags relacionadas ao conteúdo é

	Heidegger; Teoria das categorias de nível básico de Rosch.	natural e fenomenológico nessa percepção e compreensão - e, portanto, os significados atribuídos a externalidades, surgem das experiências contextualizadas do indivíduo bem como são provenientes do engajamento com objetos.
Smiraglia (2001)	Semiologia e métodos linguístico de Ferdinand de Saussure; Teoria semiótica Peirceana.	O significado de um símbolo não é fixo, e sim, uma função da percepção.
Beak (2012)	Replicou o estudo feito por Reuter (2007), o qual baseou-se em Dervin e Nilan	A percepção implica em aspectos conceituais da informação que as crianças buscam por meio de estímulos externos e internos de registro sensorial. E a conexão pessoal de uma criança com a externalidade depende de crenças ou valores pessoais, hobbies ou personalidade.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com base no que foi apresentado até então e sintetizado na tabela acima, o conceito de Percepção na Organização do Conhecimento, independentemente das especificidades utilizadas como amparo de pesquisa dentro do campo (seja folksonomia, biblioteca infantil, performances visuais), é que a percepção de cada ser humano, acaba dependendo de muitos fatores e recai numa espécie de subjetividade. Perceber algo, assim, como viver é algo sumamente subjetivo, individual. Envolve uma evidência experimental, pois mesmo que dois seres nascidos no mesmo dia, criados no mesmo contexto familiar, social, sujeitos ao mesmo ‘mundo simbólico’ durante o mesmo período e com a mesma intensidade, atribuiriam significados distintos referentes aos objetos ou artefatos externos.

A OC atribui valor científico às experiências subjetivas de usuários; experiências que não podem se igualar, ainda que os aparelhos medidores — ou órgãos — que corroboram para com o processo perceptivo, sejam iguais nos seres, o resultado pode com certeza ser diferente.

Notou-se ainda um enfoque na questão de apontar necessidade de flexibilização no tratamento da informação na Organização do Conhecimento. Atribuído também ao fato de a sociedade estar se transformando em um ambiente cada vez mais virtual, faz-se necessário expandir os limites da compreensão de possibilidades de representação da informação na OC

(SMIRAGLIA, 2001).

A seguir, temos o resultado de uma análise realizada a partir de um levantamento feito, onde reuniram-se trabalhos publicados na ISKO internacional e ISKO Brasil, entre os anos 2010 e 2020, levando em conta as abordagens utilizadas por autores no que se refere a vertente filosófica chamada “Fenomenologia”. O objetivo do levantamento consistiu em identificar de que maneira os autores da área têm trabalhado essa questão na Organização do Conhecimento (OC) e mais especificamente quais pontos são levantados no delinear dos trabalhos publicados neste evento que tanto contribui para o campo.

4 FENOMENOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ESCOPO ISKO

O objetivo inicial era de levantar outro panorama referente ao conceito de ‘percepção’ abordado nas publicações da ISKO (International Society for Knowledge Organization); associação de âmbito nacional que tem como objetivo apoiar o desenvolvimento científico, cultural e educacional na área de Organização do Conhecimento, porém, ao iniciar as buscas por “percepção” foram encontrados apenas trabalhos onde o termo foi empregado de forma indireta em pesquisas que não a relacionavam em uma abordagem de teor filosófico, ou especificamente, voltada ao fenômeno perceptivo e seu impacto, como referido nos trabalhos da revisão sistemática discutida na seção anterior. Portanto, decidiu-se buscar pelo termo “fenomenologia” e a partir de tal busca, obteve-se os resultados expostos no Quadro 4.

Quadro 4 - Resultados do levantamento bibliográfico realizado a partir de publicações da ISKO

Autor	Título	Ano de publicação
VAN DEN HEUVEL, Charles; SMIRAGLIA, Richard P.	<i>Concepts as Particles: Metaphors for the universe of knowledge.</i>	2010
SMIRAGLIA, Richard P.	<i>Perception, knowledge organization, and noetic affective social tagging.</i>	2010
SAN SEGUNDO, Rosa; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel	<i>New Conceptual Structures for the Digital Environment: From KOS to the Semantic Interconnection.</i>	2012
VUKADIN, Ana; SLAVIC, Aida.	<i>Challenges of facet analysis and concept placement in universal classifications: the example of architecture in UDC.</i>	2014
RAFFERTY, Pauline.	<i>Genette, intertextuality and KO.</i>	2014
KLEINEBERG, Michael.	<i>Integral methodological pluralism: an organizing principle for method classification.</i>	2016
BARROS, Camila; CAFÉ, Lígia e LAPLANTE, Audrey	<i>Emotional Concepts in Music Knowledge Organization</i>	2016

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em 2010 o primeiro trabalho que possui a palavra fenomenologia, foi o trabalho dos autores Charles van den Heuvel e Richard P. Smiraglia, intitulado “*Concepts as Particles:*

Metaphors for the universe of knowledge”. Notou-se que a abordagem dos autores não pretendia direcionar a pesquisa para o aspecto fenomenológico em questão, mas sim, uma teoria especulativa de que talvez não exista uma classificação universal de tudo; antes, uma teoria elementar do conhecimento, comparável ao que nas ciências naturais é chamada teoria de tudo (VAN DEN HEUVEL; SMIRAGLIA, 2010).

Essa teoria poderia ser a estrutura dentro da qual sugerem descobertas de relações entre ontologias, de domínios específicos, que podem fornecer uma teoria da universalidade e do comportamento do conhecimento, na qual a semântica se torna não uma questão de sinônimos, mas é quem coordena estruturas de conhecimento. Van Denn Heuvel e Smiraglia (2010) comentam que a proposta era descrever o papel dos conceitos no universo do conhecimento e os papéis entrelaçados de obras, instanciações e documentos. Os autores baseiam-se também na Física, para fazer uso metafórico de um colisor de partículas com a ideia de acúmulo de componentes. Montaram um experimento mental, que seria o colisor de conhecimento, no qual o conceito assume o papel na Organização do Conhecimento, assim como a “partícula” assume na Física.

Os próprios conceitos são compostos de partículas menores — signos e expressões que os significam — que podem ser agrupados em táxons e podem funcionar como ondas quando a força intelectual lhes é aplicada. Os conceitos podem ser combinados de várias maneiras, que podem ser medidas. Neste experimento mental discutido, usa-se como base de abordagem a semiótica, o pós-modernismo e a fenomenologia — para ajudar a aprofundar a especialização dos limites desta teoria conceitual. Estas abordagens funcionariam numa espécie de dispositivo (o qual os autores chamam de colisor de conhecimento metafórico) que permite que conceitos individuais sejam particionados até que suas várias partes cheguem em elementos quantificáveis, de modo que conceitos individuais assumam os atributos de entidades físicas de partículas (VAN DEN HEUVEL; SMIRAGLIA, 2010).

A teoria semiótica define a maneira pela qual um espiral cria uma fluidez no reconhecimento do conhecimento simbólico. A fenomenologia definiria a maneira pela qual o mesmo fenômeno encontrou em diferentes pontos no espaço-tempo parece ter diferentes definições perceptivas reflexivas. O pós-modernismo permite alcançar todas as explicações de uma só vez, compreendendo a possibilidade de que cada uma possa contribuir com um elemento para uma eventual teoria geral do conhecimento (VAN DEN HEUVEL; SMIRAGLIA, 2010).

Esta exposição da metáfora do universo do conhecimento, descrevendo a dissecação e a remontagem de conceitos como partículas no colisor de conhecimento, é uma tentativa de demonstrar como uma sistematização dessas abordagens pode trazer mais informações sobre a

estrutura do conhecimento e sobre o significado de sua extensão (VAN DEN HEUVEL; SMIRAGLIA, 2010).

O segundo texto, ainda no ano de 2010 tinha como título “*Noesis: Perception and Every Day Classification*”, também do autor Richard P. Smiraglia. Ele analisa brevemente o papel da percepção na Organização do Conhecimento e algumas evidências preliminares desta na construção de classificações colaborativas, através de *tags*.

Smiraglia (2010) afirma logo no início de sua publicação que a percepção é um elemento crucial na viabilidade de qualquer SOC; comumente relacionada à cognição, e colorida pela experiência individual, a percepção atua como um filtro que fornece informações contextuais sobre qualquer fenômeno. Ela é notada também como um elemento epistemológico que influencia a variabilidade na escolha de termos externalizados por usuários.

O autor considera a fenomenologia de Husserl, e a importância de compreender esta noção fenomenológica de *noesis* (percepção), quando nos direcionamos para a conceituação humana da classificação como uma ação social, na web semântica. E questiona a real necessidade para postular uma categoria, se a inflexão de cada intérprete dela for diferente? (SMIRAGLIA, 2010).

Smiraglia (2010) pontua que o ato de identificar um conceito incorpora um alto potencial de variabilidade, porque a percepção pode produzir diversas interpretações. Estudar a percepção, então, e seu papel na identificação de conceitos é fundamental para o avanço da OC. A pesquisa tinha como objetivo avançar a compreensão do papel da percepção nos SOCs; e a ideia de percepção no trabalho dos autores é compreendida como um aspecto mediador constante da cognição. O autor ainda afirma que a fenomenologia husserliana também já foi utilizada como uma lente para analisar a percepção na classificação cotidiana demonstrando mutabilidade cultural entre conceitos (SMIRAGLIA, 2008, 2010).

A abordagem fenomenológica de Smiraglia (2010) pauta-se na Noese, que é o componente perceptivo da fenomenologia de Husserl, enraizada no ego, contra o qual toda percepção é medida. Essa noese ocorre em cada momento perceptivo, quando o ego está ocupado com a tarefa inconsciente de perceber um isolado (por exemplo, um conceito) como parte de um cenário maior. Todos os componentes de qualquer cenário são percebidos contra a experiência pessoal, ou atos do ego, do indivíduo que está percebendo. Noesis demonstra também os limites confusos que os humanos carregam com eles em todas as percepções (SMIRAGLIA, 2010).

Durante o processo noético de construção coletiva de *tags*, o usuário integra seu reflexo na estrutura e ao mesmo tempo incorpora a volatilidade bem como práticas populares de outras

peessoas — essencialmente em oposição ao ego. Em suma, a noesis sugere uma riqueza de multiplicidade; permite uma liberdade de escolha destas tags envolvendo aspectos altamente pessoais, de modo ao ego ser refletido (SMIRAGLIA, 2010).

As conclusões apontaram para o valor da fluidez da estrutura folksonômica associativa. Apontou para a necessidade de flexibilidade, e os futuros SOCs que incorporam classificação social devem fornecer esse pano de fundo flexível. Além disso, foi possível desenvolver uma melhor compreensão das características de indexação de grupos de usuários divergentes específicos. Finaliza afirmando que a Noesis é uma explicação potencialmente útil do poder de pistas personalizadas multimodais para o reconhecimento de categorias (SMIRAGLIA, 2010).

Em 2012, a palavra *phenomenology* aparece apenas uma vez, no artigo que tem como título “*New Conceptual Structures for the Digital Environment: From KOS to the Semantic Interconnection*” porém, num contexto bem introdutório falando sobre mudanças históricas, a expressão é citada durante a breve explicação do período oral onde as sociedades eram regidas pela cosmologia e ‘fenomenologia da natureza’. Nesse caso, não houve uma discussão pertinente a respeito da fenomenologia (SAN SEGUNDO; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2012).

Na data de 2014, encontra-se a expressão ‘fenomenologia da arquitetura’ num dos textos da ISKO, o qual tinha como título “*Challenges of facet analysis and concept placement in universal classifications: the example of architecture in UDC*” (VUKADIN; SLAVIC, 2014). As autoras comentam a respeito da Web 3.0 e sua proliferação de linguagens, conceitos e ferramentas, de difícil administração e que muitas vezes são criadas pelos usuários. A web semântica parece ser uma evolução natural da web participativa em que nos encontramos. E a inteligência digital coletiva está se constituindo, devido ao amplo acesso a enormes quantidades de informação. A multidão inteligente surge quando as tecnologias se interconectam. Nessa interconexão global de informações semânticas, nota-se um padrão exponencial de crescimento tecnológico.

A nova materialidade digital transforma a ciência, seus conteúdos e suas formas organizacionais. Os meios de informação e os formatos de escrita sempre influenciaram a forma como a informação e o conhecimento se organizam, configurando três épocas fundamentais da história da humanidade, a fase oral, a período escrito e o período digital (VUKADIN; SLAVIC, 2014). No período oral, nas sociedades orais ou tribais, sociedades totêmicas, pré-alfabetizadas e míticas, a magia era uma forma de relação, sendo sociedades regidas basicamente pela cosmologia e pela fenomenologia da natureza. É nessas sociedades que se desenvolveram as primeiras ideias de estruturação e organização social. As categorias sociais nessas estruturas determinaram as primeiras categorias de inclusão e subordinação. E, uma vez que a sociedade

é um modelo em que o pensamento classificatório funciona e se desenvolve em múltiplos aspectos, esse pensamento classificatório foi traduzido em todas as categorias do conhecimento.

No artigo intitulado “Genette, Intertextualidade, e Organização do Conhecimento”, Rafferty (2014) trabalha com o conceito de intertextualidade, cuja definição adotada é a de que “qualquer texto é um novo tecido de citações anteriores. Pedacos de código, fórmulas, modelos rítmicos, fragmentos de linguagens sociais etc., passam para o texto e são redistribuídos dentro dele, pois sempre há linguagem antes e ao redor do texto.” (BARTHES, 1981, p. 39 apud RAFFERTY, 2014, p. 1).

Para Barthes e Kristeva, parece que apenas a literatura modernista e pós-moderna oferece realmente texto, espaço para o leitor se tornar plenamente ativo na produção de sentido (RAFFERTY, 2014, p. 68). Assim definida, pareceria haver pouco espaço para a intertextualidade na biblioteconomia e na descrição bibliográfica, porém, há uma outra abordagem da intertextualidade, por meio das obras do teórico literário estruturalista, Gerard Genette, que se mostrou bastante produtiva (RAFFERTY, 2014).

A teoria de Genette utilizada pela autora no texto; descreve cinco tipos de relações intertextuais, entre esses, a Metatextualidade, descrita no texto como um relacionamento que une um determinado texto a outro, do qual fala, sem necessariamente citá-lo (sem convocá-lo), de fato, às vezes, sem nomeá-lo. O exemplo de Genette citado é a obra “a Fenomenologia da Mente” de Hegel “alusiva e quase silenciosamente” evocando o Neveau de Rameau de Diderot (RAFFERTY, 2014, p. 4) E, isso é de interesse no desenvolvimento de um modelo para descrição bibliográfica porque nos leva ao próprio limiar da autoridade e da interpretação, e pode muito bem haver diferenças de opinião sobre até onde os mapeamentos intertextuais devem ir. (RAFFERTY, 2014). Nesta publicação a conexão com a ideia de fenomenologia é suscita.

O artigo de Kleinenberg (2016), intitulado “*Integral methodological pluralism: an organizing principle for method classification*” aponta para uma concepção mais pluralista, que agrega uma reflexão epistemológica, e permite uma abordagem mais pragmática no campo da indexação. Em resumo, o autor comenta que: no que se compreende como indexação ocorre também a produção de significado; e a partir disso surge a exige sistemas de organização do conhecimento multiperspectivos, a fim de lidar com o desafio do pluralismo. O trabalho deste autor, em suma, preocupa-se com a dimensão metodológica do conhecimento humano, incluindo atividades epistêmicas, como métodos e técnicas aplicadas que são baseadas em metodologias mais amplas ou paradigmas fundacionais. E, o pluralismo metodológico integral (IMP) baseado na teoria integral e deduzido de distinções pragmáticas formais fundamentais

propõe-se como um princípio organizador para uma classificação de métodos. Esse pluralismo metodológico integral é introduzido como um esquema básico de perspectivas ou metodologias primordiais e irreduzíveis.

A fenomenologia aparece num dos esquemas propostos pelo autor no artigo, usa como exemplo a fenomenologia clássica usando o procedimento de redução ou *epoché* fenomenológica de Edmund Husserl (abordagem direta: consciência do próprio pesquisador), como contraponto foi usada a abordagem da psicologia cognitiva usando o método de Jean Piaget, método clínico, isto é, testes psicométricos combinados com entrevistas abertas (abordagem indireta: consciência dos outros). Logo, percebe-se que a fenomenologia também não é um preceito fundamental no texto.

Kleineberg (2016) utiliza a fenomenologia como exemplo porque cada zona metodológica ali disposta requeria sua própria narrativa, não podendo ser reduzida a outras zonas pelo motivo de tipos diferentes de práticas preocuparam-se com tipos diferentes de fenômenos. No entanto, o IMP enfatiza o caráter complementar dessas zonas e oferece uma estrutura coerente para identificar o reducionismo oculto quanto para aplicar a pesquisa de múltiplos métodos além de um mero “ecletismo metodológico”; é nesta particularidade o que o autor se atêm.

Além de listagens de práticas de pesquisa derivadas meramente indutivamente, o pluralismo metodológico integral, deduzido de distinções formais-pragmáticas fundamentais, oferece um esquema básico abrangente para uma classificação de métodos que é capaz de mostrar o caráter complementar de diferentes abordagens, para identificar o reducionismo metodológico, e para orientar pesquisas interdisciplinares ou de métodos múltiplos. Esta contribuição enfatiza que a indexação de contexto expressivo além das listas de termos exige novos princípios de organização. Em termos mais gerais, pode-se concluir que, no campo da organização do conhecimento, a virada pragmática requer uma virada formal-pragmática.

Ainda em 2016, o termo *phenomenology* aparece no texto “*Emotional Concepts in Music Knowledge Organization*”, das autoras Camila Monteiro de Barros, Lígia Maria Arruda Café e Audrey Laplante. A fenomenologia é abordada no texto, especificamente a fenomenologia de Peirce, citada a fim de designar que termos e conceitos emocionais são frequentemente usados para expressar significados relativos à música. Paralelo a isso nota-se que ferramentas utilizadas na representação da informação musical adotam uma ideia de fenômeno homogêneo para tais conceitos, ainda que seja apontada a necessidade de levar em consideração especificidades na construção fenomenológica de conceitos. Aliás, a construção de um conceito emocional é baseada na experiência imediata e, portanto, é um conceito difuso

e menos estável do que, por exemplo, um conceito científico, além de ser desafiador propor qualquer significado fixo para os termos que representam um conceito emocional (BARROS, CAFE; LAPLANTE, 2016).

O mesmo ocorre com todos os relatórios da ISKO Brasil, quando se realiza a busca do termo ‘fenomenologia’ nos anos 2012, 2013, 2015, 2017, 2019. Interessante comentar que a OC lida com fenômenos informacionais, fenômenos sociais, fenômenos de modo geral e como comentado no referencial teórico, a fenomenologia estuda a origem desses fenômenos e o processo de apreensão humana de tais.

Guedes e Moura (2016) comentam que ter êxito em organizar conhecimento é um processo desafiador, o qual requer mais que a compreensão analítica da linguagem e de domínios do conhecimento. Em suma, esta revisão auxiliou quanto a ter um panorama geral da temática da Fenomenologia no âmbito da OC e culminou outras possibilidades de correlações, como por exemplo, dar atenção ao pluralismo ao falar de indexação e outras especificidades da OC. O levantamento culminou também para uma necessidade de flexibilidade referente a estrutura de SOCs. Além disso, foi possível notar que a fenomenologia de uma perspectiva mais filosófica, foi pouco explorada neste período especificado, dentro deste escopo da ISKO.

5 FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTYANA

Fenômeno, no âmbito filosófico, especificamente nos escritos de Husserl, surge referindo-se à “aparência” ou àquilo que se mostra externamente a nós, também atribuído a uma aparência sensível a qual contrapõe-se a realidade. O conceito de fenômeno pode ou não ser considerada uma manifestação da realidade ou de um fato (HUSSERL, 2009). Husserl tinha uma ideia bastante comum e aceita até nossos dias, de que há uma certa separação ou diferença entre o fenômeno e a nossa existência. Este conceito de fato transitou por diversos pensadores, até atingir esta definição comumente aceita na área filosófica.

O filósofo Platão (2000) foi um dos pensadores que reconceituou a ideia de fenômeno e aquilo que aparece externamente (e que pode ser notado como algo mutável). Ele afirmara que todas as coisas preexistem no mundo das ideias; então, antes de qualquer coisa tomar forma ou aparecer aqui neste ‘mundo’, tem sua existência delineada de maneira perfeita no ‘mundo das ideias’. Algo semelhante pode-se compreender a partir da tão conhecida alegoria da caverna de Platão (2000), pois existe também essa dualidade tanto ao que se mostra; que no caso eram as sombras do interior da caverna, bem como àquilo que não se mostra; a luz da fogueira, proveniente, do sol. Para Platão a verdade residia na ideia daquilo que se mostrava. Logo, o fenômeno como um todo, estava presente no mito a partir destas dualidades identificadas.

Ainda comentando sobre Platão, quando os prisioneiros mudam seu pensamento sobre a verdade; ocorre o que é tido para a filosofia como ‘o esquecimento do ser’, que significa em poucas palavras que o que era mostrado ali aos prisioneiros só acontecia por conta da fogueira localizada atrás destes, nesse caso, uma nova ‘verdade’ só aparecia a partir de uma luz de proveniência oculta, ou de algo que era velado. A verdade ali teria relação com o mundo metafísico, e o olhar dos prisioneiros era assim reeducado, direcionado a uma realidade que está além do sensível (LIMA, 2014).

Posteriormente, Heidegger (1998) decide retomar o conceito de esquecimento do ser, e atribuir também um novo viés a partir de tal preceito platônico. A visão tida referente à verdade era de algo que estava sendo de imediato ‘desvelado’, que passa a residir naquilo que se mostra. Ou seja, para os gregos, verdade implicava em um desabrochar, ou num desvelar que abriria espaço para o ente aparecer, e o que permanecia oculto não era tido como elemento secundário, e sim algo do qual o próprio fenômeno constitui-se (LIMA, 2014).

É possível relacionar ainda o mito da caverna e a ideia de fenômeno, com o enredo do filme alemão intitulado “O enigma de Kasper Hauser” (título original *Jeder für sich und Gott gegen alle*), de Werner Herzog, lançado no ano de 1974 — já utilizado como exemplo

ilustrativo da experiência fenomenológica em um livro intitulado “Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade”, do autor Blikstein (2003). No filme, o personagem principal vive em cativeiro por muitos anos e após um período vivendo nas condições de ser alimentado e higienizado, ele é 'solto' para viver em sociedade. É nesse momento que ele se depara com coisas outrora não vistas e essas coisas 'aparecem' a ele. Esse aparecer que pode ser tanto a luz solar ou uma carroça que estivesse em movimento não é conceituado ou interpretado pelo personagem da mesma maneira que pelos demais humanos que tiveram uma vida em sociedade e ainda assim, essas ações acontecem e aparecem a ele. Essa relação sujeito-objeto é vivenciada e talvez não percebida como algo em si; mas o fenômeno acontece igualmente. O objeto desabrocha como algo novo, como algo que se desvela ao personagem central da história, o que outrora era tido como real e único, acaba por ser superado; e neste contexto sucessivo e paradoxal, é que o fenômeno se encontra.

Voltando um pouco no contexto histórico, para o século XVIII, a ideia de fenômeno também é discutida por Kant, retratado em um conceito nomeado ‘a coisa em si’; no qual era compreendido como um objeto do conhecimento humano, qualificado e delimitado. Já para a filosofia contemporânea, o debate toma uma proporção de não só incluir o que aparece ou se manifesta ao homem, mas aquilo como é em si, na sua essência. O fenômeno é o em si da coisa, em sua manifestação (ABBAGNANO, 2003).

Enquanto o termo ‘fenomenologia’, quando mencionado na História da Filosofia, é primeiramente associado a uma disciplina nascida com Husserl, e tida como uma noção atual e viva; na qual acreditava-se que, o que está envolvido na relação entre nossa mente e o mundo é, inicialmente, uma atividade efetiva, real, empiricamente constatável, da nossa consciência (HUSSERL, 2013). Esta noção fenomenológica pode tomar a forma de uma série de vivências, indo desde uma constatação de amor ou ódio, seja por alguma entidade física e/ou abstrata ou algo mais real e possível, como o medo da morte.

Existe a partir desta noção, uma conexão íntima entre o que aparece e o ato da consciência em que aparece. A ideia que compõe a teoria de Husserl é também que não há necessariamente um mundo exterior a nós, mas um mundo vivido pela consciência; consciência que vai dando significado ao mundo percebido posteriormente (SANTAELLA, 2012).

O projeto de Husserl envolvia reformular a filosofia, para que fosse possível formar uma base totalmente segura e nortear o conhecimento racional (MINGERS, 2001). Husserl (2013) observou que as percepções humanas do mundo podem estar equivocadas e que, de fato, não podemos realmente distinguir a realidade de um sonho, por exemplo. E, a solução para tal enlace seria colocar o mundo entre parênteses, o que mais tarde é chamado de “*epoché*”

fenomenológica, que seria em resumo, colocar a existência de lado e suspender o julgamento sobre o mundo.

Para Husserl, ainda neste contexto da *epoché*, quem restava ou experimentava era o eu, ou o ego, o qual chamou mais adiante de “ego transcendental”. Este ego era mais primário que o mundo porque permanece após a *epoché* - existe se o mundo existe ou não; e é mais primário no sentido em que dá significado ao mundo (MINGERS, 2001).

A grande questão fenomenológica discutida por Husserl implicava em explorar o sujeito que experencia, de forma descomprometida. E o método para tal feito se basearia no caráter intencional da consciência, chamada também de intencionalidade, no qual a consciência é sempre consciência de algo.

Ao estudar os objetos da consciência na experiência humana cotidiana, Husserl busca descobrir regras ou estruturas *a priori* que governam nossa experiência e comprovar ou mostrar que o Ego exhibe a mesma estrutura. Para o autor isso deveria ser feito através da obtenção de descrições puras de nossas experiências, desmembrando o ego das exigências do mundo real através da *epoché* (HUSSERL, 2013).

Heidegger (1998), o qual foi estudante de Husserl, compartilha de uma visão semelhante referente a fenomenologia ao direcionar sua atenção para o sujeito que está experimentando, porém, faz do mundo cotidiano da existência o foco inicial de sua investigação. Para o autor, os seres humanos são entidades que podem ser autoconscientes, no sentido de compreender a maneira como nossa consciência está funcionando - a maneira pela qual nosso ‘eu’ trabalha, do qual muitas vezes não estamos conscientes. Ele se refere a esse eu, essa entidade que pode se perguntar, como *Dasein* expressão cujo significado é “estar lá”.

Para Heidegger, ainda, no mito da caverna de Platão inicia-se a história da metafísica, ou a história do esquecimento do ser (ABBAGNANO, 2003). Lima (2014) sugere que este ‘esquecimento’ é uma característica ontológica do Ser e ressalta que a tradição se “esqueceu do esquecimento”, e a partir daí ela não mais se deu ao trabalho de lembrar-se. Tal lembrança diz respeito a uma retomada da experiência de desabrochar, onde emerge o ente, e neste momento de emersão é que se pode vislumbrar (lembrar) o vestígio daquilo que sempre se esconde — o Ser.

Segundo Budd (2004) outros filósofos ofereceram posteriormente revisões e modificações referentes ao pensamento husserliano e heideggeriano acerca da fenomenologia, e como propósito entre estes filósofos estavam o progresso nas ciências sociais, a investigação filosófica, promoção e expansão da ética e amadurecimento da ação interpretativa, que se além a contribuir para com a fenomenologia. E é de interesse da CI abranger temáticas que têm

implicação direta nas práticas da área, além de abrir espaço para novas interlocuções e discussões. Por isso, ainda, compreender como a fenomenologia foi sendo construída e reconstruída no decorrer da história, é pertinente e construtivo para a CI (BUDD, 2004).

Compreender algo fenomenologicamente envolve deixar de lado quaisquer pré-conceitos; e voltar a atenção àquilo que parte de fenômenos e não de ideias, por isso Merleau-Ponty (1994) ressalta a importância de deixar de lado coisas que remetem a ideias definidas, pois o que se apresenta nesse caso, muitas vezes não tem ligação com a ideia. Ao entender o mundo concreto a partir de sua manifestação é que seria possível realizar uma análise fenomenológica.

Partindo de uma interpretação muito própria, ainda que influenciado por Husserl, Merleau-Ponty assume a fenomenologia como forma investigativa; enfatizando a relação do sujeito com um mundo que precede toda reflexão. Ainda, tem uma visão renovada fenomenologicamente quanto a acreditar que o pensamento não existe sozinho de forma pura. O pensamento, para o autor, é sempre pensamento de alguma coisa. Ele aponta que não há um sujeito transcendental ou puro; o homem é, ao mesmo tempo, “eu” corpóreo e sujeito pensante. Para Merleau-Ponty (1994) “voltar às coisas mesmas” significa considerar o homem enquanto ser-para-o-mundo, numa relação indestrutível do sujeito com o mundo exterior, que lhe é transcendente. Nesse sentido é que a fenomenologia como método, segundo Merleau-Ponty, conduz a uma filosofia existencial (LIMA, 2014).

Em sua obra, a *Fenomenologia da Percepção* (1994), Merleau-Ponty escreve acerca de uma experiência perceptiva; e nesta percepção vivida é que está presente a possibilidade de acessar o mundo. Nesse sentido, perceber envolve se opor ao representar ou instaurar um conhecimento objetivo. A cognição, para o autor, está embutida em nosso corpo e em nosso sistema nervoso.

Em suma, a fenomenologia para Merleau-Ponty foi definida como conhecimento das essências, mas um conhecimento que repõe as essências na existência, tratando-se, por isso mesmo, de um relato do espaço, do tempo e do mundo vividos (MERLEAU-PONTY, 1994). Era uma maneira de articular e descrever ideias fenomenológicas, e essa descrição começa no mundo cotidiano, com significados adquiridos de um mundo outrora estabelecido no que se refere a significados (SANTAELLA, 2012). Este ambiente já significado no qual o ser encontra-se, era compreendido como uma faceta do intelectualismo, resultante de um mundo já experimentado. Para Merleau-Ponty (M-P), a cognição está embutida em nosso corpo e em nosso sistema nervoso, e o corpo é que age e percebe com hábitos pré-formados. Logo, o corpo é extensão da mente, e a mente uma extensão do corpo.

Em seu texto *O olho e o espírito* (1980), M-P conduz a fenomenologia para a busca de um Ser Bruto, um Ser que está ligado a experiência e a razão antes que o pensamento reflexivo o invada. Trata-se de um contato originário com o ser, onde começam a surgir os primeiros traços de sentido.

O autor ainda afirmava (1980) que, do ponto de vista da ciência, a utilização de cálculos matemáticos ou aparatos teóricos, nos aproximaria mais das coisas do que nossa percepção nua e crua. Mas tal situação foi revista no século XX pelo que Merleau-Ponty questiona: quando estamos no mundo sem ideias pré-concebidas, o que nos influi mais: a percepção que temos das coisas ou o nosso pensamento elaborado acerca das coisas?

E, desde a infância até a vida adulta, quando encaramos as coisas de maneira não preconceituosa, a percepção é nosso primeiro contato com as coisas, do ponto de vista cultural, psicológico, do ponto de vista de nossas relações com as coisas e com os outros. Há uma certa relação sensível com as coisas, com o mundo, que passa muito mais pela sensibilidade antes de se transformar num pensamento elaborado, conhecimento teórico, ou mesmo para utilização prática. Um exemplo disso está na condição primária envolvendo o processo de aprendizagem: uma criança antes de aprender a caminhar, a falar ou ler; ela dança, canta e desenha. Este exemplo enfatiza esta questão de contato com o mundo sensível, com a fonte de originalidade, sem precisar existir um sentido somente em proveito da eficácia. Nossa forma de estar no mundo é primariamente alguma coisa que sentimos e vivenciamos. A vida parte (ou começa se impor) de uma pré-reflexão, pois nossa vida não é totalmente refletida. Afinal, nem tudo atinge nosso intelecto, logo, essa vida pré-reflexiva e pré-intelectual é que é originária.

Merleau-Ponty inicia o prefácio de sua obra *Fenomenologia da Percepção*, obra que provavelmente teve maior impacto na sua trajetória, abordando questões envolvendo a fenomenologia; afirmando que a fenomenologia é uma filosofia “[...] para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo [...] É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma diferença à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...]” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 1-2) Ou seja, antes de tudo, há um mundo “originário”, um mundo anterior à análise do qual o conhecimento fala (MERLEAU-PONTY, 2004). O eixo condutor à verdade nesta filosofia, citada no início da principal obra do autor, é a descrição de como a experiência é vivida, a partir daquilo que se mostra; renunciando explicações causais ou pressupostos teóricos. Isso quer dizer “[...] Retornar às coisas mesmas” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 4) ou “[...] ir-à-coisa-mesma tal como ela se manifesta” (BICUDO, 2000, p.

71).

Um ponto de grande relevância abordado nesta teoria, como pode-se observar em Abbagnano (2007), é que a percepção sempre se referirá a uma totalidade, em que suas partes, se consideradas separadamente, não apresentam as mesmas características. Esta frase resume em certa medida a teoria da percepção substancialmente descrita na Fenomenologia da Percepção (1994) de Merleau-Ponty.

Para uma compreensão verossímil acerca da percepção merleau-pontyana, é fundamental abordar outro conceito, que é uma particularidade desta temática: a intencionalidade. Essa noção husserliana de “intencionalidade”, aqui apontada nos escritos de Merleau-Ponty é peça chave da fenomenologia, porque lança um papel decisivo nessa abertura do universo perceptivo levada a cabo na fenomenologia da percepção (BASBAUM, 2005).

Intencionalidade implica em um modo de ser intencional da consciência, que se manifesta em um corpo-próprio. A consciência, não pode ser considerada como parte do mundo, que recebe de maneira passiva dados exteriores e os relaciona para constituir o real. (BASBAUM, 2005). Para Bicudo (2000) a consciência é entendida como um **todo absoluto**. Ela destina-se a um mundo tal qual não abarca nem possui, mas não cessa de se dirigir (MERLEAU-PONTY, 2004). Por isso, pode-se afirmar que toda consciência é sempre consciência de algo conforme os artefatos aos quais dirigem-se a ela e vice-versa, “[...] que permitem que a mesma seja deste ou daquele modo a circunstância vivida constitui a consciência tanto quanto esta constitui o mundo conforme sua perspectiva vivida”. (BASBAUM, 2005, p. 48).

Pensemos no exemplo de uma caneca sobreposta em um livro; para mim que estou neste momento a usando como marcador de página, esta caneca não é mais uma simples caneca, ainda que não deixe de ser. E sabe-se que o artefato ‘caneca’ foi criado para ser recipiente de uma bebida (mais propícia para líquidos quentes), mas em algum momento posso utilizá-la como recipiente de um líquido não bebível, como tinta enquanto realizo uma pintura, ou ainda como medidor de ingredientes para um bolo, onde pode-se acrescentar farinhas e demais ingredientes. Portanto, as coisas dispostas no mundo exterior não são dadas de forma objetiva, como se o artefato deixasse de ser caneca, mas constituídas pela intencionalidade com que a própria consciência se lança ao mundo (BASBAUM, 2005).

Assim, a fenomenologia nos possibilita conhecer o mundo, unindo objetivismo ao subjetivismo, pelo retorno às coisas, deixando de lado pressupostos teóricos e práticos (MERLEAU-PONTY, 2004). Ao mesmo tempo em que há objetividade, pois, um ato perceptivo só existe como circunstância intencional, há ainda a subjetividade neste momento, a

qual não pode ser repetida, que apresenta também uma singularidade.

Husserl (2009) foi quem anteriormente opôs a noção de uma consciência em ato algo circunstancial, e que só pode ser conquanto sendo consciência de algo. Essa afirmação foi significativa em sua época, por atingir diretamente o centro da reflexão moderna, e distinguir a noção entre sujeito e objeto. Todavia, se a consciência só pode ser “em ato”, são os objetos a que se dirige intencionalmente, que permitem que ela seja deste ou daquele modo: a circunstância vivida constitui a consciência tanto quanto esta constitui o mundo conforme sua perspectiva vivida. A chamada “redução fenomenológica”, ou *epoché* husserliana, consiste então, na possibilidade, conforme afirmara Merleau-Ponty (1994), de “distender esses fios que nos ligam ao real”. Remonta ainda na apreensão de modos em que essa intenção se manifesta e que a consciência se lança ao mundo, surpreendê-la em operação, retirar dela todo resquício de idealidade, de conceitualidade, de modo a conseguir, finalmente, acessar “as coisas elas mesmas”; expressão tal qual nos faz compreender mais a fundo sua noção de percepção, que tinha como plano de fundo a intencionalidade husserliana.

“O mundo e a razão não representam problemas [...], mas este mistério os define, não poderia tratar-se de dissipá-los por alguma ‘solução’, ele está para aquém das soluções” (Merleau-Ponty, 1994, p. 19). Todavia, trata-se de que somente sendo inacabado e vivido em sua presença e seu mistério, o “mundo” pode ser mundo, berço de todo o conhecimento possível (BASBAUM, 2005). O mundo para Merleau-Ponty, o qual depende da existência de uma consciência que percebe, é um mistério que não pode ser desvendado por completo e que não se encerra.

Ainda, para Merleau-Ponty (2004), a redução (fenomenológica) completa é impossível porque não podemos simplesmente cortar os laços firmados pela nossa proximidade com o mundo, podemos somente afrouxá-los. No sentido de que, se a consciência se define pelos objetos que visa, conforme pretendia Husserl, no pressuposto da percepção; consciência e mundo se entrelaçam na origem do sentido e não comportam a distinção cartesiana quanto ao sujeito distinguir-se de seus objetos. No caso, somos “fonte absoluta” (MERLEAU-PONTY, 1994), mas não podemos ser sem as coisas que nos constituem (BASBAUM, 2005). Nota-se uma certa problemática um tanto quanto paradoxal pontuada por Merleau-Ponty ao referir-se sobre este conceito da *epoché*/redução fenomenológica.

A percepção é encarada neste âmbito, como contrato com o mundo; ela quem inaugura a própria noção de verdade; ela é retratada como plano de fundo, bem como um interesse que nos lança além de nós mesmos, que nos põe em relação com as coisas que interrogamos movidos por uma “fé perceptiva” cujo próprio modo de ser é ocultar-se para fazer brotar o

mundo. Mundo este que se manifesta para nós já banhado em um sentido, e ainda assim, alguém de um “verdadeiro” e de um “falso” nos termos abstratos de uma objetividade que lhe é muito posterior. Para M-P a percepção é aquilo que preenche a lacuna entre o sujeito e o objeto. Está naquilo que escapa e sobretudo em como e por qual razão aquela experiência evoca tal sensação em mim (MERLEAU-PONTY, 1994).

Assim, as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter a sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23). A partir disso, pode-se afirmar que só encontramos em um texto aquilo que procuramos, e que de certo modo, esperamos encontrar. Ao ouvir uma música ou quando procuramos uma música também já estamos com uma certa intenção, ou expectativa referente a uma sensação, a um detalhe técnico, a uma lembrança.

A percepção pode significar muitas coisas, mesmo em ambiente científico, mas sob o viés da fenomenologia, ela envolve aquilo que escapa, remete às possibilidades que ficam entre o sujeito e o objeto, preenche a lacuna de um todo de possibilidades, entre sujeito e objeto. Como já anunciado e explicado no início do capítulo, a preocupação nesta pesquisa é com a percepção na vertente da fenomenologia, a qual sustenta, entre outros pressupostos, a superação da dicotomia sujeito-objeto e de corpo-mente indo na contramão do que afirmara Platão, Descartes e até mesmo o próprio Husserl, os quais supervalorizam a mente, a razão, como se o corpo fosse uma mera máquina e que o sujeito fosse algo que pudesse existir sem o objeto.

Merleau-Ponty (1994) afirmara que a consciência não chega à percepção por buscar condições que a tornam possível, por oposição de desvelar a operação que a torna atual, ou pela qual ela se constitui. Ao notar que a caneca, do exemplo anterior, é vermelha, entendemos que isso poderia estar vinculando a percepção somente como uma forma de ver uma cor, sendo este um produto de uma propriedade física do objeto percebido. Já noutras situações cotidianas, poderíamos notar (ou ‘perceber’) que a caneca está escorregadia, ou perceber ainda o som do líquido da bebida depositada dentro da caneca. Desse modo, o significado que ali existe, coincide com sentidos em aspectos de qualidades visuais, táteis ou sonoras.

A percepção quando utilizada em contexto do senso comum, pode remeter por muitas vezes, ao simples ato de notar algo visualmente. Se a percepção é assim definida, o que percebemos então são objetos, em plano da qualidade, os quais são determinados e precisos no mundo, no qual não existem ambiguidades, nem indeterminações. Podemos concluir que o

mundo que se faz presente ao ser, pode ser também algo por si só, e presente independente da presença. Enquanto, a presença se faz por meio do ar que respiro, por meio do chão que piso, dos sons que ouço, enfim, notamos o mundo por meio do que a percepção nos oferece (BASBAUM, 2005). Retomando o que diz Santaella (1999) referente a percepção humana ser algo de cunho visual, sonoro ou olfativo no capítulo anterior, podemos afirmar que percebemos objetos, em plano de qualidade, num mundo objetivo; onde dificilmente existiriam ambiguidade ou indeterminações (SEIDEL, 2013).

Sobre o conceito de percepção, Merleau-Ponty ainda afirmara que: “é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles.” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 6). A percepção é então nossa conexão estabelecida com o mundo, ou melhor, o que permite que essa conexão aconteça; ela é plano de fundo deste cenário no qual nos debruçamos a explicar e evidenciar.

Essa vivência primária, que antecede à fala, à reflexão e ao conceito — esse retorno às “coisas mesmas”, conforme proposto inicialmente por Husserl, que funda a noção de verdadeiro, de real; nos é dada no ato de ‘perceber’. Mas a experiência que se caracteriza como individualizada, se dá dentro de limites estritos, e de aspectos inclusos num determinado horizonte, tempo e espaço; dentro de tais limites que retomamos e reorganizamos o todo percebido, que é o mundo (BASBAUM, 2005). É durante este processo perceptivo, contando com a experiência individualizada, que conseguimos diferenciar e classificar os elementos a nossa volta: o que é sólido, o que é volátil, o que é vivo, e o que tem nos movimentado, nos impulsionado a perceber algo referente a nível macro. Esta classificação, ou diferenciação, só acontece posteriormente a sermos, a existirmos; a reflexão é algo secundário. Primeiro há o que é irrefletido, ou uma percepção pré-reflexiva, e depois a oportunidade de reflexão, pois somos *no mundo e com o mundo*.

Tendo em mente que a percepção é um termo utilizado para se representar o que acontece quando buscamos racionalizar o mundo, ou a exterioridade; nossos sentidos seriam os responsáveis por fornecerem dados deste mundo, sentidos os quais são percebidos pela mente e pelo corpo em uníssono.

É válido complementar que Merleau-Ponty, concordou ainda com os gestaltistas quando afirmou que “Cada parte anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está, portanto, carregada de um sentido” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 24). Para o autor, não existia uma possibilidade de sensação pura, justamente pelo fato de que dentro do que se percebe, há mais do que apenas os estímulos entregam; como conexões novas com outras memórias de sentido a partir do que é percebido.

O mundo que a percepção nos apresenta é um mundo volátil, fluido, inacabado, já imbuído de algum significado. E, a consciência confronta as recordações memorizadas a fim de associar com o momento presente e se opõe a tais; é a partir de então que surge algo fresco e inédito; esse processo para Merleau-Ponty era o que envolvia a percepção (MERLEAU-PONTY, 1994). Dessa forma, a percepção no sentido de representar a realidade primeiramente capturada por um ouvinte/usuário de plataformas musicais provavelmente não se baseie apenas no que é ouvido, mas sim numa experiência que é sentida pelo corpo em totalidade, com a mente atuando em conjunto. O corpo para Merleau-Ponty é expressivo e dotado de intencionalidade também, conseqüentemente, ele fornece significado ao mundo. A partir disso, refletimos sobre como a música é disposta visualmente nos players. As imagens utilizadas para retratar o tema de uma playlist influenciam na percepção e representação posterior dos ouvintes? Isso impacta no uso ou na escolha, ou até mesmo facilita a maneira com que o usuário faça uso da plataforma? É preciso levar em conta estes pontos ao falar de percepção ainda que de um registro sonoro, quando este registro está disposto no ambiente midiático. O quanto isso influencia o ser dotado de intencionalidade?

Merleau-Ponty (1994) prega a recuperação da reflexão a partir da ideia de que a percepção pré-reflexiva é vista como algo que nos revela o mundo pela primeira vez, e que deveria ser priorizado (acima do conhecimento elaborado); uma vez que o conhecimento que nos é fornecido diretamente traz uma verdade mais autêntica e mais efetiva do que elaborado, representado e construído através do pensamento. Esta percepção não é uma construção, é um modo de sentir o mundo, por isso é originária e primária.

A música sendo uma particularidade da realidade, também não pode ser compreendida na sua totalidade, mas interpretada, e este ato de interpretação ocorre num momento de irreflexão (diria Merleau-Ponty), por preceder o conhecimento intelectual e pré-definido, logo, não existe uma forma fixa e final de interpretar e representar a informação musical. Para Carmo (2000), descrever (ou representar) é abordar o fenômeno de uma perspectiva humana vivenciada tal como ele se apresenta à consciência.

Figueiredo (2012) ainda complementa que uma das maiores contribuições da Fenomenologia para a Ciência da Informação, é a ideia de que não é possível definir uma percepção e uma observação “puras” do mundo. Toda observação é dependente de uma teoria e de um contexto e é passível de reformulações. Essa mediação permanente entre objeto e interpretador remonta nos estudos epistemológicos da OC e tem sido pauta de discussões em pesquisas diversas.

6 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO MUSICAL E CULTURA DIGITAL

Descrever e representar o conteúdo de uma informação ou documento pode ser desafiador em função da complexidade dos aspectos envolvidos, sumamente pela questão de atender de forma plena a comunidade usuária a qual pretende-se dialogar e disponibilizar a informação tratada (BRASCHER; GUIMARÃES, 2018). Descrever uma performance sonora envolve formalizar uma percepção individual e tal processo de significação será fruto de uma experiência única que não se repetirá, sendo assim, qual a chance de ressoar diretamente com os mesmos termos utilizados pelo ouvinte que busca esta performance sonora? (SMIRAGLIA, 2001).

A OC tem um caráter heterogêneo e interdisciplinar por interagir com outros ramos do saber e trabalhar a informação em variados contextos, como no âmbito artístico e cultural, incluindo a Organização da Informação Musical. A Organização da Informação Musical, sobretudo seus processos, como representação e recuperação, são citados como objeto de estudo da Ciência da Informação pela primeira vez em 1996, em um capítulo do *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), escrito por Alexander McLane, intitulado “*Music as information*”. Tal data condiz com o desenvolvimento de tecnologias referente à música transmitidas pela internet, e a partir de então acontece uma notável popularização e difusão da internet no mundo, e conseqüentemente, novas formas de entretenimento no âmbito musical. (SANTINI, 2012). A abrangência de pesquisas que têm como temática a música também mantém viés interdisciplinar, visando estudar o comportamento dos usuários de plataformas musicais, e a relação dos algoritmos com as informações extraídas a partir do comportamento dos usuários, recaindo sobretudo em áreas que abrangem tecnologia e ciências cognitivas (TANG, 2019; WAKIMOTO, 2012; LAPLANTE, 2014; KAMINSKAS; RICCI, 2012).

Sabe-se que as tecnologias da informação ofereceram muitas possibilidades de produção, processamento técnico, acesso e uso da música com grandes impactos na indústria musical e na produção musical independente. Na perspectiva da OI, o ouvinte tornou-se elemento central na classificação musical, desenvolvimento do gosto musical, formas de acesso, compartilhamento etc. No entanto, não se trata de uma questão unicamente ferramental ou técnica, mas sim de uma mudança significativa na própria cultura da sociedade, modificando também o comportamento e a relação das pessoas com os artefatos culturais.

A cultura digital tem sumo valor para o contexto presente abordado. Cultura digital implica na integração, comunicação em rede e em tempo real, sendo usadas pelos coletivo para

produzir e consumir informação; noutras palavras cultura digital é o que fazemos diariamente em nossos aparelhos digitais; esse ato de cultivar, tratar e manipular a informação. Aliás, o termo cultura aqui refere-se etimologicamente a ‘culturali’, proveniente do latim, que significa cultivo (CASTELLS, 2005).

Navas (2010) afirma que desde a primeira década do século XXI, a atividade de buscar amostras de materiais pré-existentes e combinar isso reformulando em novas formas de acordo ao gosto pessoal tem sido onipresente na arte, música e cultura em geral; e desempenha um papel vital na comunicação entre grupos de indivíduos, especialmente nas novas mídias.

Quando pensamos em digital, é inevitável que pensemos também em interatividade e interconexão; e isso com certeza foi algo que modificou muito a relação que mantemos com estes meios; um exemplo disso no que diz respeito à música, é a comparação da possibilidade de interação que tínhamos ao ouvir música contidas num CD, com a experiência de utilizar uma plataforma. Se antes existia apenas uma emissão de informação e a interatividade era quase nula (consistia em programar qual das canções de um seletor número, tocaria), com os players hoje é possível criar seu próprio ‘álbum’ e permitir que outros também o modifiquem ou acompanhem. A opção de compartilhamento mudou muito a concepção de interatividade no ambiente digital.

A interatividade remonta a atenção captada do usuário, e é de se concordar que com os recursos atuais não tem sido difícil retê-la por um tempo cada vez maior. Neste processo, atividade conscientes entram em jogo, como a necessidade de escolha, a incerteza, sugestões, riscos; o que são vistos como elementos subjetivos, como crenças e preferências de cada indivíduo (COSTA, 2002).

Quando abordamos este tipo de entretenimento e interatividade, entra em questão o quanto um usuário consegue extrair aquilo que deseja na experiência com a interface (COSTA, 2002), visto que, diariamente, uma infinidade de músicas é acrescida nas plataformas e o usuário se depara com esse montante de informação. E, nas plataformas musicais, tema no qual a pesquisa aqui se debruça, ocorre uma curadoria dos conteúdos, geralmente executada pelos algoritmos, os quais têm o papel de filtrar, selecionar e guiar a experiência dos usuários, sendo uma forma de auxiliá-los a lidar com a abundância de conteúdo.

Os algoritmos trabalham como uma sequência lógica, que têm a tarefa de fornecer à máquina as instruções para realizar determinados atos. Por trás dos programas, redes sociais, navegadores circulam milhões de linhas de código, prontas para comandar e informar ao equipamento ou à rede o que precisa ser feito. Mas, claro, os algoritmos não são tão simples quanto parecem e muitas vezes é necessário que vários deles se unam para realizar determinada

rotina (SANTOS, 2015). Algoritmos também podem ser definidos como conjuntos de instruções de etapas estruturadas para processar dados com vista a produzir um output (KITCHIN, 2017).

A curadoria algorítmica tem sido a principal forma de selecionar, organizar e apresentar músicas, construindo significados a partir de um recorte que o curador — seja ele humano e/ou máquina — julga ser relevante para o ouvinte. Entretanto, os resultados têm esbarrado na questão da previsibilidade e imparcialidade das recomendações, que são alguns dos efeitos colaterais apontados pela literatura. Então, apesar de ser constantemente aprimorada, a curadoria algorítmica talvez não substitua a curadoria humana devido estes fatores que podem resultar em certa imprecisão (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018).

Conforme aponta Waltenberg (2016), a indústria fonográfica tem passado por um processo de reestruturação, tanto em suas materialidades e suportes quanto nos hábitos de consumo e especificamente nos processos de escuta dos usuários. Nesse páreo, o álbum de música também passa por um processo de reconfiguração devido às novas facetas e possibilidades da cultura digital, pois se antes o ouvinte teria que pagar pelo álbum todo mesmo que apenas um single fosse de seu interesse; atualmente se faz possível ter contato apenas com as faixas de sua escolha. Os elementos gráficos e textuais que compõem o álbum, como a capa, o encarte, as letras impressas, bem como as informações relativas à produção daquele material perderiam espaço nesse cenário que se tem construído, afinal, no ambiente on-line, a música é facilmente afastada de tais paratextos que agrupam o álbum.

Uma mesma música pode ser consultada quantas vezes se queira, sem necessariamente seguir uma ordem apresentada pelo seu autor/produtor, sendo que a música como documento é um objeto imóvel, é o ouvinte quem a procura, escolhe e define o tempo a ser dispensado a ela. E a possibilidade de ter acesso a quaisquer faixas, de maneira deliberada, permite ao ouvinte idas e vindas, retornos e ressignificações (SANTAELLA, 2004). Isso aponta para um traço bastante implícito na geração atual de ouvintes/usuários que é a de manipular e transformar os objetos informacionais, e conseqüentemente estar ressignificando o que outrora foi significado; essa possibilidade parece ser atrativa e tem-se feito jus a tal pelo que notamos. Complementando, McGarry (1999) afirma circunstancialmente que, entre das atividades da espécie humana, são mais evidentes o criar, negociar e alterar significados, visto que impacta essencialmente na comunicação e nas relações sociais humanas conseqüentemente. Criam-se regras e limites para criar significados, e assim, criam-se categorias para administrarmos as informações e organizarmos o conhecimento.

6.1 ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE USO DA PLATAFORMA MUSICAL

Muitas mudanças ocorreram com a emergência da cultura digital no que diz respeito a distribuição e compartilhamento, sobretudo com relação aos *streamings*. O *streaming* é uma forma de distribuição de dados. Seu uso é frequente quando se deseja distribuir conteúdo multimídia através da internet. Com essa tecnologia, as informações não são armazenadas no computador do usuário, e os dados não ocupam espaço no Disco Rígido (HD). Ou seja, através desse “stream” (que significa corrente de água, em inglês), a mídia é reproduzida à medida que chega ao usuário, dependendo também da velocidade de sua conexão para reproduzir os conteúdos. Isso impede, portanto, que seja criada uma cópia, possivelmente ilegal, no computador local (SANTOS *et al.*, 2015).

O Spotify, uma plataforma de streaming de música, foi lançado no mercado europeu em 2008 e mais tarde se expandiu em outros países até o ano de 2009. Uma das premissas deste serviço é de que o usuário tenha contato com um dos maiores acervos musicais da internet, descubra músicas novas, acesse seu serviço de playlists e rádios personalizadas e interaja socialmente dentro do aplicativo e com outras redes (Twitter, Facebook). Essas são as propostas feitas pelo Spotify, em seu site oficial, aos possíveis novos usuários. Na Figura 1 é possível ver a página inicial do endereço eletrônico do serviço (SANTOS *et al.*, 2015)

Com 140 milhões de usuários, o Spotify é o serviço de subscrição streaming musical mais popular do mundo, com uma média de 30 milhões de músicas e 2 bilhões de playlists, e com 140 milhões de usuários (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018).

Entre os modelos de playlists ofertadas aos usuários pelo Spotify, segundo Bohrer (2020) estão:

Playlist editorial a qual tem um editor que faz sua curadoria e seleciona quais músicas entrarão na playlist.

Playlist algorítmica, é feita de maneira automatizada como o nome deduz, pelo próprio algoritmo, de acordo com o perfil do usuário.

Playlist híbrida, que é um misto das duas citadas anteriormente, 75% de músicas que você curtiu ou escutou algumas vezes e outras 25% feitas por curadoria externa. Estes modelos de playlists ainda estão sendo testadas, e seu principal intuito é reter o tempo do usuário.

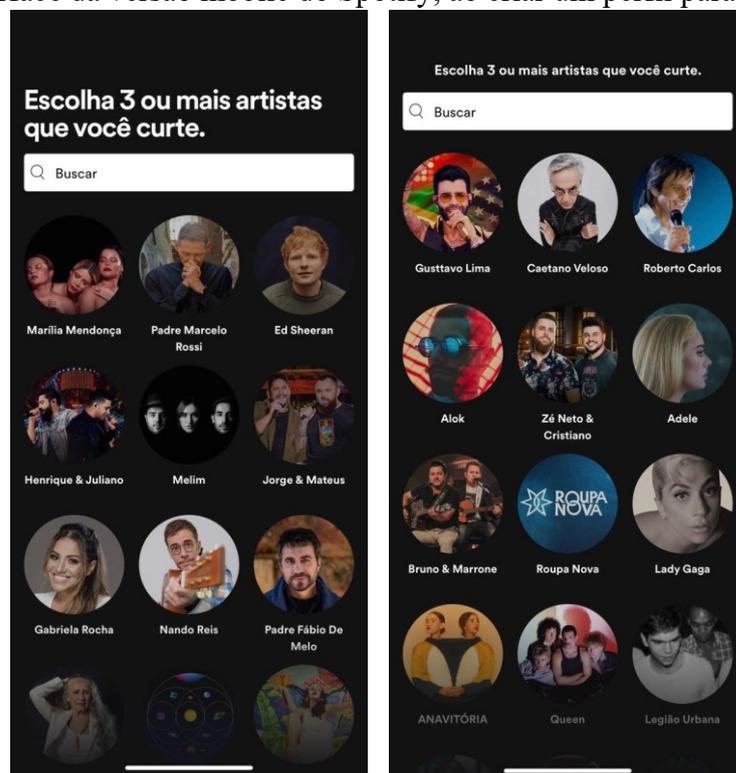
Existe também as playlists de artistas, criadas com intuito de firmar um networking com outros artistas e criar conexão com os fãs ao colocar as próprias músicas em alguma categoria ou termo com qual o próprio indivíduo (artista) se identifique. Um exemplo deste tipo de

playlist é a que geralmente é nomeada como rádio do artista em questão; no caso da cantora Céu, temos a playlist “Céu Radio” como sugestão, logo que visualizamos a página inicial da artista na plataforma.

Existe ainda uma seção chamada “Descobertas da semana”, no Spotify, que oferece uma mixtape, feita por algoritmo, de 30 músicas publicada toda segunda-feira com base na audição e interação de cada usuário individual para com a plataforma, e nos hábitos e semelhanças de perfil de outros usuários.

Ao criar um perfil novo na plataforma, o usuário precisa escolher três artistas ou estilos musicais, de uma lista não muito ampla de sugestões, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Interface da versão mobile do Spotify, ao criar um perfil para navegação



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Apesar de haver a opção de buscar na barra de pesquisa pelo artista, gênero ou podcast, as opções sugeridas (com as fotos dos artistas inseridas em círculos) são pouco diversificadas e acredita-se que um ouvinte pode não se sentir contemplado e acabar por “encaixar” seu gosto musical nas opções apresentadas. Além disso, o usuário com pouca familiaridade com streamings poderia ter alguma dificuldade optando por não fornecer essas informações iniciais. Estas escolhas, no entanto, são importantes para esta experiência inicial, considerando a proposta de serviço da plataforma e visto que as próximas sugestões irão se basear a princípio

nestas escolhas, conforme indica a página que aparece para o ouvinte na sequência (conforme mostra a Figura 1).

Acredita-se que ao ter contato com informações sonoras, o ouvinte tem mais propriedade de enriquecer sua expressão e avaliação de gosto musical, do que ter contato com palavras e imagens de álbuns. Inicialmente, parece que as questões visuais são mais relevantes para a plataforma do que as sonoras, muito provavelmente por uma questão de marketing. Por isso, algo que poderia facilitar a usabilidade e maior aproveitamento do ouvinte seria disponibilizar músicas que pudessem ser reproduzidas por poucos segundos e o usuário optando por se são ou não de seu agrado.

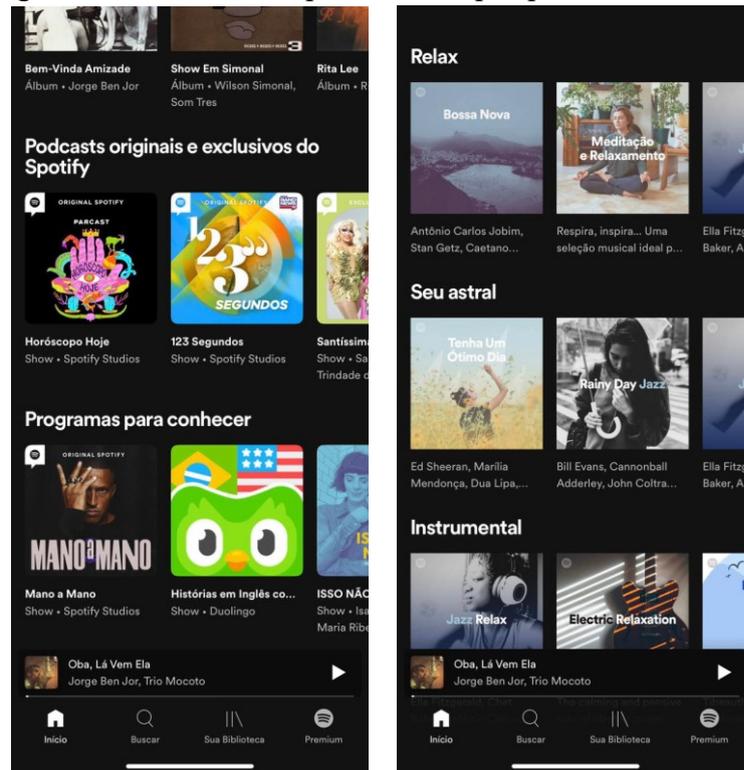
Figura 2 - Interface de espera após seleção de artistas



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com base nessas escolhas de primeiro plano, é que é possível iniciar o uso da ferramenta na versão para celular. A página que abre em sequência mostra outra barra de busca, com a sugestão de ser realizada pelos nomes dos artistas, pelos nomes das músicas, e podcasts. De maneira instantânea, uma das músicas de um dos artistas escolhidos começa a ser reproduzida.

Figura 3 - Aba início da plataforma, após perfil recém-criado



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

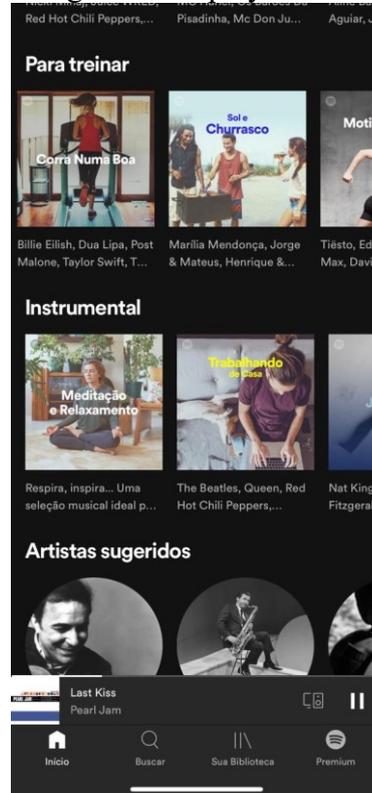
A partir de então a plataforma também apresenta algumas opções de podcast e programas (provavelmente por nenhum podcast estar em alguma das três opções de escolhas feita nesta experiência de uso), bem como sessões, nas quais playlists editoriais são disponibilizadas; algumas destas são intituladas Relax, Seu astral e Instrumental, conforme as figuras acima.

A interatividade entre os usuários dentro do Spotify não é incentivada de forma expressiva. É até um pouco difícil achar outros usuários com gostos parecidos dentro do serviço. Enquanto existe a possibilidade de que usuários criem playlists, não é facilitado o compartilhamento desse conjunto de músicas, dentro da plataforma. A opção de compartilhamento é direcionada para outras redes sociais e/ou plataformas de interação. Outra pequena sugestão é que houvesse a possibilidade de interação entre usuários que se sigam mutuamente, ou que curtam as playlists um do outro.

Navegar nos recursos interativos de uma plataforma musical por meio das playlists e dados dispostos permite diferentes possibilidades no quesito experiência, fazendo com que o usuário possa ter contato com sensações diversas, como no caso da playlist “Meditação e Relaxamento”, o que pode ser algo que surpreenda um usuário que num primeiro momento talvez buscasse canções que o fariam dançar e cantar, por exemplo. E quanto mais o usuário

conhece o funcionamento de um sistema, a capacidade de criar e se movimentar pelas redes, maior talvez sejam sua satisfação e surpresa (LEÃO; PRADO, 2016).

Figura 4 - Sugestões de playlists da aba inicial



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Uma experiência a ser comentada analisando esta página inicial do aplicativo, foi na seção "Instrumental" existir uma playlist intitulada "Trabalhando em casa", e, ao explorá-la, nota-se que nenhuma música é de fato 'instrumental' — compreendendo como usuária e ouvinte que músicas deste gênero seriam as produzidas por instrumentos musicais, exclusivamente ou na maior parte do tempo - e em sua maioria, parecem aproximar-se mais do gênero rock do que instrumentais. Quantos ouvintes estão de acordo com escutar rock enquanto fazem home office?

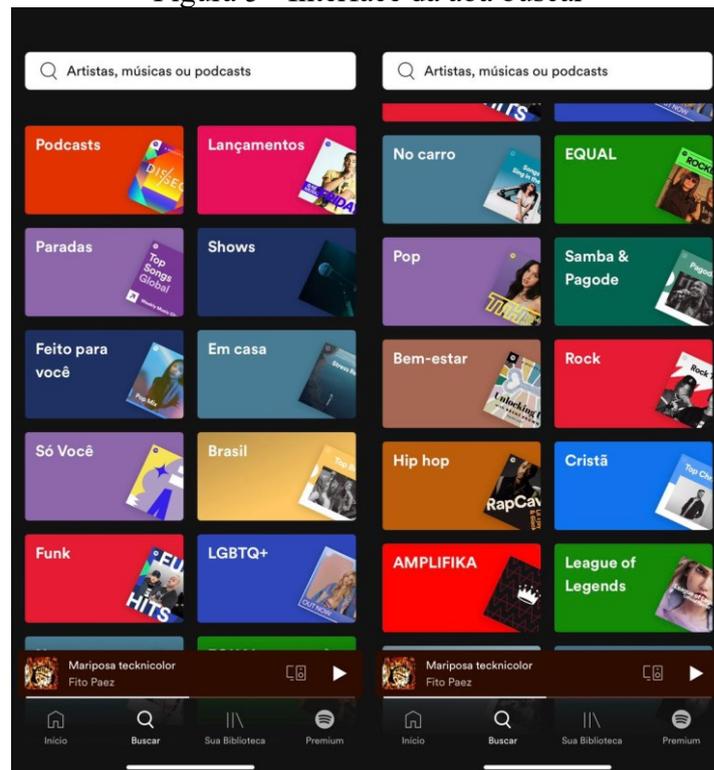
Ainda acima, inserida na seção "Para treinar", encontra-se uma playlist chamada "Sol e Churrasco", contendo músicas em sua maioria de gênero sertanejo. Aqui encontramos uma inconsistência semântica bem evidente, visto que o ato de treinar que remete a prática de exercícios físicos, difere bastante de um contexto mais festivo e de lazer, como propõe o título "Sol e Churrasco". Além de limitar e indicar que apenas canções de um mesmo gênero são consumidas nos dois tipos de contextos especificados acima, o que parece ser de todo modo algo que contemple um seletivo número de ouvintes.

Uma questão também retratada aqui quanto ao Spotify é que se um usuário curtir alguma música específica ou marcar que gosta de algum artista/gênero no momento inicial no qual cria o perfil, será sugerido, na playlist “Descobertas da Semana” — que é criada com base no gosto do usuário — uma série de outras músicas semelhantes àquela ou do mesmo artista. Neste tipo de situação, uma série de outras músicas ou informações, são escondidas, por assim dizer, como notamos ao compreender o funcionamento algorítmico e de filtros-bolha. É como se ao gostar de X automaticamente irei gostar de Y e Z, além de buscar reforçar meu gosto por X. E apesar da probabilidade de tal fato ser verdadeiro, ele não é algo absoluto e assertivo. Nesta situação a experiência espontânea de descobrir novas músicas, se perde.

Existe também a rádio do Spotify, que toca músicas baseadas no perfil musical individual do usuário. Mais especificamente, é escolhida uma música para começar tocando na rádio, enquanto as outras não são escolhidas pelos usuários, mas selecionadas pelo Spotify baseadas no estilo da música escolhida primeiramente. Na versão gratuita o número de músicas que podem ser puladas por dia, é limitado, além de ser obrigatório ouvir propagandas entre as músicas. (SANTOS *et al.*, 2015).

No Spotify, na aba contendo a opção “Buscar”, tendo como ícone uma lupa, a plataforma fornece a opção de “navegar por todas as seções”, que vão desde a podcasts, lançamentos, gêneros específicos de músicas (funk, pop, rock, MPB) e outras temáticas que nos remetem a um contexto (no carro, bem-estar), e há seções também que são nomeadas de acordo com os temas das canções e pretendendo reunir identidades de grupos que são ainda minorias sociais (EQUAL, LGBTQ+, AMPLIFIKA). É possível até encontrar seções com títulos de seriados (La casa de Papel) e tipos de animações específicas (animes).

Figura 5 - Interface da aba buscar

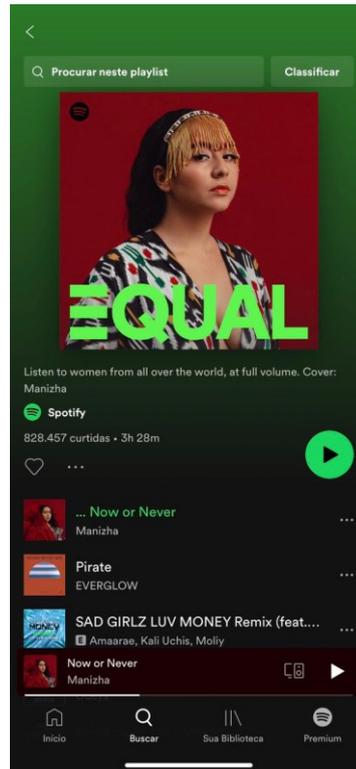


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Para Moschetta e Vieira (2018) o consumo de música é um instrumento de socialização, sendo descrita como uma experiência individual e coletiva ao mesmo tempo. Individual, pois reflete gostos e preferências singulares, além de compor o processo de construção e expressão da identidade. E coletivo, pois cria um senso de pertencimento, como sugere alguns dos termos usados para dar títulos às playlists.

Ao digitar qualquer termo na barra de pesquisa é possível ainda filtrar entre as seguintes opções: Melhores resultados, Artistas, Músicas, Playlists, Podcasts e programas, Perfis, Episódios, Álbuns, Gêneros e momentos.

Figura 6 - Interface da seção EQUAL



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Na seção EQUAL, encontramos a *playlist* EQUAL Global, com 828.456 seguidores, e levando em conta o título tanto da seção quanto da playlist, a expectativa pode ser um pouco nebulosa; levando o usuário a pensar que irá encontrar algo mais voltado para um contexto de igualdade, sem saber “que” ou “de que” igualdade se trata. Notando a imagem da capa da playlist, a foto da cantora e ativista social russa Manizha, parece indicar que as letras terão uma temática mais conectada com um contexto inclusive político e/ou ativista, mas o intuito é apenas reunir trabalhos de mulheres ao redor do mundo, como indica a descrição em letras pequenas abaixo da imagem.

A canção intitulada Assalto Perigoso da cantora Melody que está inclusa na playlist EQUAL Global, também está presente em playlists intituladas “Vem, Verão!”, “Hits da internet”, “pov” (todas playlists editoriais, visto que o perfil foi recém-criado e não teve interações suficientes para sugestões de playlists algorítmicas), apontando para formas distintas de significado e categorização de um mesmo objeto informacional (música).

Dentro da seção “viagem”, por exemplo, é possível encontrar uma playlist chamada Viagem Sertaneja e ainda outra Cantando no Carro. A primeira trata-se de uma metáfora, afinal, viagem pode se referir ao ato de viajar na estrada ou ao ato de viajar pelo gênero, ou então ‘viajar’ pelos cantoras e cantores sertanejos. Mesmo assim, sob uma perspectiva de percepção

individual, ‘Viagem Sertaneja’ parece ser uma sugestão interessante para usuários que querem descobrir novas canções, mas pensando semanticamente, o quanto o ato de viajar pode ter associação com o gênero sertanejo? Apesar de ser um gênero bastante escutado no Brasil, imagina-se hipoteticamente quantas pessoas, assim como a autora, realmente não esperariam encontrar canções com as letras mais voltadas à estrada, ou que tenham pelo menos como título/temática algo relacionado ao ato de viajar, ou ainda trilhas sonoras de *road movies*.

A playlist Cantando no Carro possui canções dos mais variados gêneros e de variadas décadas, o que talvez possa agradar apenas pessoas com gostos musicais diversificados, ecléticos e menos específicos.

Essas interpretações indicam que o Spotify faz jus a uma de suas premissas que é o de apresentar novos conteúdos ao usuário. Ainda assim, sabe-se que as plataformas digitais de maneira geral, operam dentro da lógica da “cultura algorítmica”, por sua vez, analisam e filtram um grande volume de dados, tendo como intuito oferecer uma experiência de navegação cada vez mais personalizada para os usuários, e as formas de classificação e acesso da informação que emergiram nas duas últimas décadas configuram este fato (BEZERRA, 2018). Alves (2016) afirma que essas ferramentas auxiliam na sustentação do mercado fonográfico, mas é interessante ressaltar o ponto em que são vistas como tecnologias de manipulação de informações pelo fato de limitarem o conteúdo oferecido aos internautas: o usuário que permanece exposto a dados fechados apenas ao seu histórico de navegação, possibilitando o bloqueio de informações relacionadas a conhecimentos divergentes àqueles antes acessados.

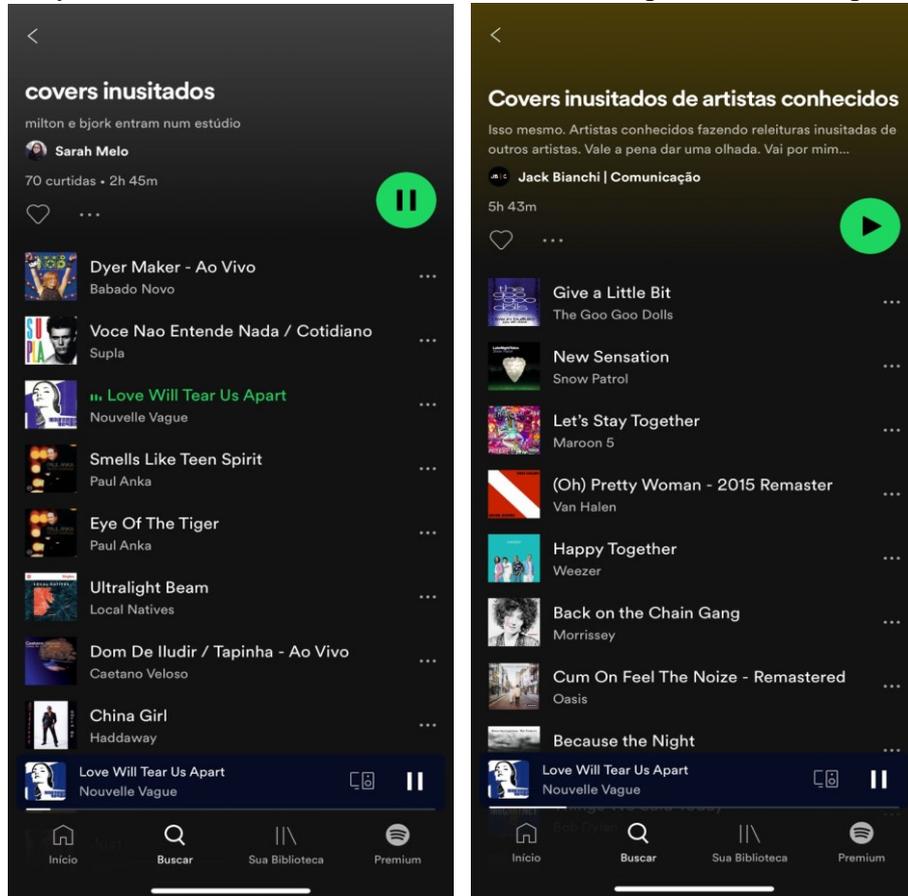
Para Mccourt e Zuberi, (2016) mesmo os melhores esforços de algoritmos e especialistas não conseguem prever o comportamento do consumidor; essas tecnologias não podem informar o motivo que levou um ouvinte decidir ouvir tal música, eles só podem fazer correlações que resultam em tautologias. Não podem ser fixados definições e mapas abrangentes para gêneros musicais, pois eles estão continuamente proliferando, evoluindo e se fundindo com outros gêneros.

A descoberta, por sua vez, está intimamente ligada a configurações de gosto musical que marcam distinções culturais e formação identitária permanente. O fazer musical, a experimentação e as transformações nas trajetórias dos artistas, nos estilos e gêneros são muitas vezes compreendidos através da linguagem da descoberta. Além disso, sons musicais, palavras e imagens também representam e narram a esta descoberta em toda a intertextualidade ali contida (MCCOURT; ZUBERI, 2016).

Pode-se notar também nesta experiência de uso que playlists, neste caso playlists criadas por usuários, com título muito semelhante (ou quase idêntico), são compostas com músicas

completamente diferentes, mesmo as que tem termos passíveis de maior e menor amplitude, ou mais abstratos, como demonstrado na Figura 7.

Figura 7 - Playlists com títulos semelhantes, ambas criadas por usuários da plataforma

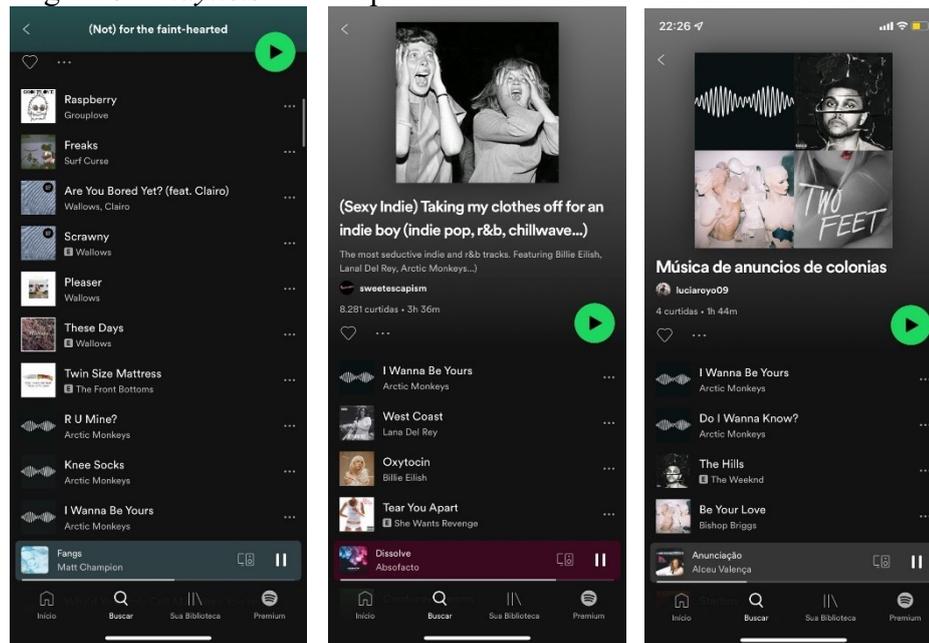


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Na Figura 7 notamos que os mesmos termos são empregados para nomear as playlists, mas nenhuma música está presente em ambas playlists, ou aparece nas duas. Compreende-se que a palavra ‘inusitado’ seja algo com significado que remonta a certa subjetividade, entretanto, ‘covers inusitados’ implica em algo de âmbito mais fechado e específico, e ainda assim, não houve qualquer semelhança nas escolhas provenientes dos dois usuários.

Agora, tomamos como ponto de partida a mesma música, intitulada “*I Wanna be Yours*”, da banda Arctic Monkeys. Notemos nos nomes das playlists onde a mesma música foi encontrada.

Figura 8 - *Playlists* criadas por usuários contendo as mesmas músicas



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Entre os títulos das playlists conforme as figuras acima estão: *(Not) for the faint-hearted*, *(Sexy Indie) Taking my clothes off for an indie boy (indie pop, r&b, chillwave...)* e *Música de anuncios de colônias*. Referente a mesma música (porém não retratado nas figuras) encontrou-se em outras: *I'm so quirky* e *Chill Vibes*. Também foi possível encontrar playlists com títulos mais voltados ao gênero da música (indie), porém com variações como indie classics, indie vibes, summer indie, etc. Algumas pessoas optaram por utilizar emojis na descrição do título, outros ainda optaram por colocar uma capa; detalhes os quais corroboram para a questão de o que é percebido e conseqüentemente significado, é algo sumamente individual.

A música retém esta imprevisibilidade da descoberta; ela pode informar sobre nossas condições e nossas aspirações para nós mesmos e para os outros; pois nela podemos encontrar inspiração, comunidade, seja no brilho de uma tela ou em uma igreja santificada, em uma pista de dança ou em um bar, em um ônibus ou na rua. A música tem a potência de construir identidades coletivas e moldar a autodescoberta (MCCOURT; ZUBERI, 2016). Então, ainda que haja um algoritmo que se assemelhe muito com a previsibilidade de um cérebro humano, nunca poderá o substituir completamente. Afinal, a percepção é algo plasmado num momento único, que não se repete. Em outras palavras, ninguém estará totalmente de acordo, independente do que seja empregado como tema de uma playlist, ou de seleção de canções escolhidas para compô-la, conforme corresponde às figuras acima.

Santos *et al.* (2015) ainda complementa que a probabilidade que um artista conhecido mundialmente, e que já tenha certo prestígio, seja recomendado a um novo usuário é bem maior

que as chances que um artista relativamente desconhecido tem. Indicando a possibilidade da tecnologia não resolver os problemas de desigualdade já consolidados na sociedade, e sim, de os reproduzir.

Por mais avançados que sejam os algoritmos, ainda não são capazes de alcançar o nível de sensibilidade de uma curadoria humana. Mesmo com aprimoramentos que envolvem inteligência artificial, os algoritmos consideram apenas o comportamento passado do utilizador. A curadoria humana tende a ser menos previsível e ainda ser capaz de agregar novas perspectivas à informação, oferecendo uma surpresa e inusitabilidade (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018).

Tal previsibilidade de descobertas é vista como um problema e discutida por vários autores, visto que, na tentativa de oferecer uma experiência mais personalizada, os serviços acabam por de certa maneira limitar o usuário em espaços-comuns, restritos aos conteúdos familiares ou com os quais já houve alguma interação (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018). Santos *et al.* (2015) ainda complementam que este aprisionamento é um tipo de censura em que o acesso não é proibido, mas direcionado; e que pode desestimular o ouvinte a explorar e criar certa apatia pelo que é diferente.

Os serviços de streaming de música então criam uma falsa percepção de controle e liberdade, como se já soubesse o que o ouvinte quer ouvir melhor do que ele mesmo. Ao automatizar determinados processos, o streaming torna o consumo uma experiência mais passiva, e dificulta uma exploração mais solta e genuína, que corrobora com o próprio tempo e ritmo do indivíduo (MOSCHETTA; VIEIRA, 2018).

Para Nowak (2016), as descobertas musicais são sistemas complexos que exigem muito mais do que discussões sobre momentos originários ou fundacionais. O autor também afirma que uma maior perspectiva longitudinal sobre gostos musicais individuais que considere a mudança e o dinamismo e inclua redescobertas que questionem a confiança nas histórias de origem de descoberta, se faz necessário.

E de fato, o gosto de um ouvinte não é algo facilmente previsível ou assertivo a partir de ações e interações que ele tem com a plataforma. Uma pessoa pode gostar de ouvir apenas um álbum específico de jazz porque isso remete a uma memória pessoal e não porque ela goste do gênero musical em questão. Da mesma forma, por não querer contato com esta memória de um dado momento de sua vida, o fato de o algoritmo sugerir, pode fazer com que o usuário sinta uma espécie de desconforto; o que com certeza não é o intuito de um serviço streaming.

Interessante ressaltar que as próprias expressões utilizadas para nomear algumas playlists da plataforma também são alteradas pela curadoria do Spotify. Nos fazendo

compreender que o significado da percepção inclusive de quem realiza essa curadoria, ou programa os algoritmos, é fluido, mutável e pode ser visto como parte de um processo, que por si só não finda.

6.2 RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO MERLEAU-PONTYANA E INFORMAÇÃO MUSICAL: DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS

Notamos a partir de então que se por um lado a cultura digital limita a experiência musical, por outro, ela permite a manifestação direta do usuário e do compartilhamento das suas experiências (sendo estas limitadas ou não). Nesse sentido é importante inserir a noção de cultura digital dentro de uma perspectiva na qual há possibilidade de termos contato com a autonarrativa dessas experiências.

À parte de analisar objetivos e consequências do funcionamento dos algoritmos, podemos acessar de forma explícita as percepções dos ouvintes/usuários, mostrando a imprecisão e instabilidade classificatória e terminológica como características da música a serem abarcadas pela OI. Um exemplo bastante ilustrativo, são os termos e conceitos voltados para atividades como ‘viajar’, ‘sol e churrasco’, ‘meditação’ utilizados pela curadoria da plataforma para dirigir-se à música, como foi possível perceber nos exemplos anteriores, citados neste capítulo.

Considerando que estamos numa era pós-informacional, como afirma Negroponte (1995), o ambiente digital, e mais especificamente, o Spotify, numa primeira instância nos faz ter a expectativa de que encontraremos todo e qualquer objeto informacional musical, entretanto, a análise a partir da experiência aqui retratada, nos apontou motivos para reconsiderarmos a premissa de que conseguiremos encontrar a música que estamos buscando ouvir naquele momento, ou uma música que poderá compor uma playlist a ser confeccionada.

Para fazer um bom uso da plataforma musical, o usuário precisa além de ser alfabetizado, ter que conhecer minimamente sobre gêneros musicais; ou ainda saber o nome completo do artista, e muitas vezes o álbum qual a canção faça parte (se não aparecer na primeira página). O caminho de encontro ao documento específico é sem dúvidas um pouco difícil caso o ouvinte não tenha acesso às informações citadas acima; esse é um problema de OC, compreendendo que a Organização Informacional disposta no Spotify é pautada numa sistematização ainda rígida.

Barros, Café e Laplante (2016) denotam que a medida em que termos e conceitos ligados a emoções individuais são frequentemente usados para expressar significados relativos a

informações musicais, em contrapartida nota-se que ferramentas utilizadas na representação da informação musical parecem adotar uma ideia de fenômeno homogêneo para tais conceitos, ainda que seja apontado a necessidade de levar em consideração especificidades na construção fenomenológica de conceitos. Ademais, a construção de um conceito emocional é baseada na experiência imediata e, portanto, é um conceito difuso e menos estável do que, por exemplo, um conceito científico, além de ser também desafiador propor um significado fixo para os termos que representam um conceito emocional (BARROS; CAFE; LAPLANTE, 2016). Nessa perspectiva, o que é externalizado pelo usuário pode ser considerado, ainda que este não seja conhecedor da linguagem e de estudos formais de música, é seu direito apontar gêneros musicais, declarar seu gosto musical etc.

Entretanto, ainda que questões como notas musicais de partituras, tablaturas, sua forma sonora, ritmo, tonalidade, arranjo sejam minuciosamente considerados, existe a necessidade específica de cada usuário, a qual ultrapassa questões linguísticas, culturais e geográficas. O fato da música, ainda que mantendo-se no papel de instrumento informacional, ser utilizada em grande parte das vezes para uso recreativo e por usuários que não são especialistas contribui para este pensar. Uma prova disso é que os termos buscados ou utilizados pelos usuários nas plataformas ou sites *streaming* são fundamentados em percepções individualizadas, na maioria de âmbito emocional.

A questão da percepção é ilustrada também por Barat (2007) como a cena de um gato sentado na frente de um buraco de um rato: essa percepção simbólica da imagem — do ponto de vista do rato — bloqueia elementos do ambiente que o impede de analisar as demais circunstâncias, e que impactam na sua sobrevivência. Assim também ocorre quando um “percebedor” se concentra na tarefa de ater-se a símbolos, marcas de referência, intenção, experiência e mudanças que envolvem as circunstâncias internas e externas de uma determinada informação.

Uma análise e compreensão das ferramentas que empregamos também pode acontecer de uma perspectiva fenomenológica: para Ihde (1993) as tecnologias devem ser entendidas fenomenologicamente, isto é, como pertencendo de maneiras diferentes à nossa experiência e uso, ou seja, como uma relação humano-tecnologia.

Visto que um dos objetivos da Organização da Informação Musical é fazer com que aquilo que acontece com o usuário comum de uma plataforma seja uma experiência mais enriquecida, ao redirecionar sua atenção para o conceito geral de percepção aqui abordado, ela passa a ter um instrumento para construir SOCs ainda mais ricos e eficazes, do ponto de vista do que é percepção.

No campo da OC existem muitas abordagens acerca da Percepção, assim como na ISKO que possui trabalhos que envolvem Fenomenologia, mas entre todas aqui apontadas e discutidas nas revisões bibliográficas dos capítulos anteriores, não foi encontrada sobre a percepção pré-reflexiva envolvendo fenômenos estéticos; nestes termos de uma dimensão da realidade que não está no objeto informacional, mas na relação entre sujeito-objeto (usuário-música). Essa música torna-se um fenômeno quando escutada e chegamos a ela por conta de uma plataforma, o qual estrutura suas informações disposta com um SOC. Esse processo é explicado pela noção da percepção constituída por Merleau-Ponty e isso faz diferença nesta missão da OIM que é prover também uma melhora na experiência geral do usuário, através de uma Organização de informações ou possibilidade de organizar tais informações.

Uma sugestão seriam formas de organização, onde a rotulagem ou título dos documentos possa ser realizado pelo usuário, de forma personalizada, tendo uma plataforma ou perfil com possibilidade total de personalização. Ao invés de marcar gêneros e artistas no início da experiência com a plataforma, seria o usuário ter a oportunidade nomear/grifar aquele gênero de acordo com o que quiser; e não que todos nós fôssemos submetidos à mesma “listagem de experiências possíveis”, concordar ou compreender o mínimo sobre música, para conseguir usufruir dos recursos da plataforma.

Esse conceito utilizado na presente pesquisa aponta uma implicação de existir maior harmonização entre as exigências de um método científico ou do método de rigor normativos da OIM, com as exigências de um fator humano incontrolável e imprevisível, que é a percepção fenomênica de cada usuário.

Sabe-se que as plataformas musicais têm cada vez mais tentado engessar perfis de usuário compostos por padrões, e comportamentos informacionais destes, e a partir disso proporcionar uma experiência cada vez mais ‘ideal’, provavelmente com intuito de viabilizar praticidade e agilidade com o uso do aplicativo. Entretanto, tudo que compreende a dimensão estética tende a ir pela contramão. Por mais que a mente faça acepções previsíveis, quando falamos de ‘perceber sensivelmente’ um artefato estético, as lógicas racionais tendem a dar espaço para a intuição, para o sentir, para o perceber puros, brutos.

Apontar ocorrências de manifestação da percepção pré-reflexiva em diferentes representações da informação musical, indica que não há como uniformizar a música documento, não há padrão ideal, tampouco existe uma forma de prever algo. Esses apontamentos coletados corroboram para com a compreensão de que o caráter subjetivo do universo musical faz com a ideia de organização da música torna-se não padronizável. Tais apontamentos ilustram que a questão intuitiva e subjetiva do usuário é que auxilia a

denominação de um possível título a uma *playlist*.

A mediação digital tem determinado um novo ponto-de-experiência, característico de uma cultura digital, onde o usuário de uma plataforma musical pode significar e ressignificar os objetos informacionais dispostos, a sua maneira. Entretanto, notamos que existe um fator limitador — os algoritmos, ou filtros-bolha — que enquanto buscam fazer o usuário ter uma experiência individual e satisfatória, acabam também por tornar a experiência e a oportunidade de descobertas na plataforma um ato não tão livre assim.

Entende-se ainda que nos exemplos retratados na seção anterior, de playlists que tiveram uma curadoria humanizada, construídas por usuários da plataforma, havia também uma impressão individualizada, fruto de uma experiência singular. E mesmo os algoritmos, que são também programados de maneira que há certa intervenção inicial de alguém, de um ser sensiente. Logo, é natural que um seletor grupo possa-se identificar com uma playlist num certo momento, e depois este número de ouvintes pode ainda aumentar, ou diminuir, ainda mais. Afinal, os significados capturados das percepções provenientes das canções, descritos ali por meio da linguagem, são fluidos. Compreende-se que cada experiência, neste contexto de irreflexão, ainda que realizada pela mesma pessoa, não pode ser repetida.

E como relata a questão da corporeidade, para Merleau-Ponty, a visão se integra, no ato percebido, aos demais sentidos, e uma mente age em conjunto. A percepção pré-reflexiva, retratada por Merleau-Ponty parece ser o que acontece neste ato de perceber inicialmente a música (objeto informacional aqui abordado).

Este momento de irreflexão ou ainda o ‘retorno às coisas mesmas’ ocorre de maneira natural com o ser humano ao apreciar a arte; seja este um artista, quanto um crítico, ou apenas apreciador, irá de qualquer modo, relacionar àquilo que lhes causou no ato que apreciam uma música. Mas tais associações não são estáticas, o significado é mutável, e a percepção subjetiva e em constante mudança, por apreender novos símbolos, de maneira constante, ao se deparar com o mundo; isso ocorre inconscientemente inclusive. E o estado de espírito do momento presente, também impacta em qual será a associação que a mente fará, junto com os sentidos. Podemos ouvir várias vezes a mesma música e dificilmente ela terá o mesmo significado para nós. Por isso a sugestão de apontar às necessidades para quem sabe suscitar maiores discussões acerca da possibilidade.

O problema da percepção, no entanto, nos parece menos uma questão de explicar este ou aquele mecanismo que possamos dominar ou controlar nas nossas sinapses e que é realizada a partir de nossos órgãos e sentidos, do que o modo como nos atamos ao mundo, como o vivemos e como o significamos (BASBAUM, 2005).

A percepção, antes de qualquer explicação, é algo vivido, é o que acontece na instância da experiência, capturada ali em sua gênese num corpo diante de uma circunstância, então mesmo que um grupo de pessoas responda e interaja com uma playlist a seguindo, não significa que sua experiência tenha sido igual, ou até mesmo semelhante à de outro usuário. Uma prova disso também são playlists com título idêntico e com músicas totalmente diferentes umas das outras, como mostrado na Figura 7.

Este mundo perceptivo pode ser comparado com a primeira experiência que um usuário tem ao acessar a plataforma do Spotify. O plano de fundo é a própria plataforma e seus objetos informacionais, que mais tarde dará significado para a experiência, e que depende do usuário para validar sua proposta e funcionalidade. Este usuário é carregado de uma intencionalidade, pois sua consciência só existe porque é consciência de algo. Esta intencionalidade implica no ato de plasmar o real, é a relação sujeito objeto, na qual os sentidos e a mente agem em conjunto, e podem pré-perceber isso neste contato inicial, bruto.

Apresentamos no capítulo anterior, possíveis incompatibilidades, colhidas da própria plataforma do Spotify, de playlists construídas por especialistas, que de certo modo aceitaram o desafio que implica em formalizar esta experiência de presença, a qual possivelmente se faz quase que impossível de ser transformada em um termo ou frase. Esta fala vivencial que entendemos retomar traz a marca da fenomenologia merleau-pontyana que buscou, abrir à experiência, por meio de uma admiração pelo mistério do vivido, o mundo perceptivo (BASBAUM, 2005).

Variados tipos de escuta surgem e conseqüentemente variadas compreensões acerca do objeto sonoro aparecem; um pianista com certeza escuta e percebe detalhes que um ouvinte que nunca estudou teoria musical ou algo do tipo, não compreenderia. A música é estática; depois de produzida e disponibilizada numa plataforma, ela se mantém imutável, mas a percepção que o mesmo indivíduo pode ter em relação a ela, é passível de mutabilidade.

Aquilo que as pessoas fazem quando interagem com as plataformas, nomeando uma playlist, como na Figura 8, por exemplo, deriva de maneira imediata e mediada pela linguagem a partir da percepção do fenômeno e advém de um âmbito geralmente intuitivo, emocional e, portanto, não reflexivo. Afirmamos que a percepção pré-reflexiva é uma visão de mundo que aparece ou que se constitui no mundo, antes de haver tempo de caracterizar; é como se houvesse vida antes de uma classificação, tem relação com o que de fato precede, quando o fenômeno ainda é puro. Então, mesmo que o sujeito seja um especialista em música, ele pode querer escutar “uma música que é trilha sonora de uma série polonesa”, provavelmente a busca para chegar na música será “nome da série + trilha sonora”, porque não conhece ou não lembra nem

o artista nem o nome da música e se for criar uma playlist com essa música há enormes chances de ter relação com sua experiência pessoal, subjetiva, suas memórias etc.

Em termos de uma pesquisa “qualitativa realista” como é proposto na abordagem metodológica aqui; a natureza da experiência deste usuário não é algo formal ou padronizado, ela provém também de uma experiência estética. E a partir disto, afirmamos que quanto mais a oportunidade de experiência estética pura, for preservada, mais profundamente a demanda por experiência musical do usuário é satisfeita (exceto se este for um pesquisador do campo, ou especialista), mas como estamos falando dos ouvintes, o ideal seria dar ainda mais espaço para o que é espontâneo.

Assim como Merleau-Ponty (2004) aponta que “a ciência por meio de seu discurso engenhoso e criativo, manipula as coisas, mas se recusa a habitá-las”; A plataforma musical precisa permitir ser habitada por um sujeito que se apropria do fenômeno e ao se apropriar do fenômeno, dá também vida ao fenômeno, da qual advém uma experiência estética que resulta no significado percebido.

A Organização da Informação Musical (OIM) não pode manipular as coisas, no caso, não manipula a informação musical e ainda assim se recusa a habitá-la. Se a OIM não habita ou não abre espaço para o usuário habitar ou preservar o estético, trata-se da ciência excluindo a arte. Uma forma disso não acontecer, é a OIM pelo seu procedimento ou estruturação, permitir pela experiência perceptiva do usuário ir ao máximo limite, do que é estético. Não significa que o Spotify ou que as demais plataformas não estejam fazendo; mas que a partir destes aspectos/critérios apontados a partir desta discussão, que têm fundamentos realistas, e provenientes da noção de percepção merleau-pontyana, é possível apontar se uma plataforma e seus SOC permitem ou recusam uma habitação estética, que fortalece ou não essa percepção aqui trabalhada.

Merleau-Ponty vai apontar ainda tanto no ensaio “O olho e o espírito (1980)” quanto em “A dúvida de Cezane (1980)” a ideia de percepção sob amparo da fenomenologia, a partir de um olhar de quem aprecia um fenômeno estético, no caso, a pintura contemporânea e as artes visuais em geral; pouco fala sobre música, mas é a partir deste brecha que imbricamos a falar deste elemento num ambiente informativo. A percepção tendo como grande fundamento na dimensão estética, acaba por culminar na arte. Mas o que a arte causa? A arte causa uma espécie de excitação proposital da percepção que não entra no território da reflexão intelectual porque se entrar deixa de ser arte; e sim discurso teórico.

Mais tarde, em *A Prosa do mundo* (2002), publicada postumamente, M-P admite que é possível experimentar pela leitura, o sentimento de ter criado o livro de parte a parte, como

pretendia Sartre. Nesse páreo, o leitor é quem anima os traços postos sobre o papel, é que os faz dizer algo, é seu olhar que os sustenta, que fez “pegar” a leitura, como se diz que o fogo pega (2006). Assim também, podemos referir-nos ao ouvinte, somente quando uma música é ouvida é que se é possível conferir vida a ela. A este respeito, Almeida (2018) contribui afirmando que entre ouvintes especialistas não há de ser diferente; numa sala de concerto, por exemplo, mesmo seguindo o programa de audição, o ouvinte desate-se de explicações puristas sobre a arquitetura da composição de Bach (1685-1750) e se entrega à contemplação do mundo sonoro percebido e desvelado por Bach. As músicas compostas por Bach não são objetos resultantes dos processos sociais, psicológicos, físicos, estruturados e delineados como produto resultante; são a experiência transformada em expressão sensível pelo artista. Não é a ciência, a teoria da música, ou os livros de história que dizem o que é a música de Bach, e sim a experiência auditiva que desvela a música e seu compositor e é ela faz apreender as nuances do estilo musical barroco, às quais o ouvinte dará significado.

Nesta perspectiva, o apreciador da obra de arte musical tem a oportunidade de criar formas de interação auditiva com as músicas, e são infinitas as possibilidades de percepção musical que o ouvir nos proporciona (ALMEIDA, 2018).

Para Merleau-Ponty a experiência do corpo por si só é consciência; o corpo é fonte da linguagem, da expressão e de sentido. A experiência irrefletida é a apreensão do mundo e nenhum pensamento reflexivo sobre ela é capaz de capturá-la e dar-lhe sentido; o corpo é autoconsciente. Almeida (2018) ainda denota que o corpo, pela sua capacidade de dar sentido a si mesmo, assim como uma música se explica pelos sons, pode ser comparado a uma obra de arte. O corpo ‘percebedor’ da música está inserido no mundo, porém não é por meio dele que se percebe, percebe-se o mundo no meu corpo.

O fato de afirmar que mente e corpo agem em conjunto, pode parecer um tanto quanto platônico, cartesiano, ou até mesmo husserliano, mas a verdade é que para Merleau-Ponty estes não são interdependentes, eles trabalham em uníssono, em conjunto. Assim, é como se esta dualidade existisse, entretanto, paradoxalmente se complementam e agem em conjunto. Quando pensamos por exemplo em calor/frio, parece ali também haver uma dualidade, mas na verdade estamos falando de temperatura; assim numa perspectiva merleau-pontyana de mente e corpo atuarem juntos para terem consciência de algo, e secundariamente perceberem algo.

No processo de percepção pré-reflexiva, ou irreflexão, a experiência singular que acontece e que não se repete, resulta numa externalização simbólica, nas plataformas aqui descritas, encontramos frases e termos utilizados como título para playlist ou imagens usadas de capa para estas, para Merleau-Ponty descrever é como se fosse algo impossível, inenarrável,

inalcançável. Até porque a cada instante ou momento em que o mesmo indivíduo, recorda da experiência e reafirma de maneira distinta, e assim compreendemos que este prisma é algo fluído, complexo.

Então, a liberdade do usuário em poder configurar o título da sua playlist poderia ser mais aberta, se a pré-reflexão é intransferível e subjetiva, poderia não limitar apenas a letras que possam se concatenar e formar palavras.

Uma sugestão para o modelo de plataforma musical que seria ideal levando em conta as questões abordadas quanto a noção de percepção para Merleau-Ponty, poderia ser ao invés de escolher obrigatoriamente três artistas ao se cadastrar na plataforma, escutar por alguns segundos certas canções e classificá-las de maneira individual, quem sabe pelo uso de *tags*, o qual a plataforma não faz uso até o momento.

E ainda, de meses em meses, o usuário poderia responder uma espécie de questionário, para identificar o que para ele naquele momento são músicas que remetem a “Sol e Churrasco”, “Cantando no Carro”, “Trabalhando em Casa”, e que possa além disso, e ser classificado por meio de um som verbal, uma cor, um símbolo que possa desenhar a mão ou algo do tipo, que faça sentido de acordo com sua individualidade. A partir desta liberdade de organizar informacionalmente seu próprio documento musical, acredita-se que haveria um maior aproveitamento, de uma experiência um pouco mais completa e mais revestida de sentido e menos voltada para padronizações.

Assim, como Heráclito (1991) pontua que “é impossível alguém se banhar no mesmo rio duas vezes”, podemos afirmar que é impossível alguém ter a mesma experiência ao escutar o mesmo som, e ainda ser capaz de descrevê-la semanticamente de forma exata, pois é algo que trespassa a semântica. Esta experiência de irreflexão ou percepção pré-reflexiva, escapa do que pode ser externalizado, seja por meio de palavras ou imagens, pois é algo que antecede este universo simbólico, e voltado para um sentido bruto. No momento em que o sujeito é-no-mundo, é que ocorre tal fenômeno e posteriormente conceitua-se a experiência.

De certo modo, é na tradição que se busca a fala, possíveis aberturas, a estratégias, para pensar aquilo que se vive. É do mistério de uma existência que se reinaugura a cada instante, e daquilo que nela abrigamos como pensado ou impensado, que emerge toda a significação que podemos encontrar nos textos, nas obras, neste mundo percebido *a posteriori*.

Procuramos reiterar a relevância do discurso merleau-pontyano no contexto contemporâneo, e, sobretudo repor em questão o conceito de percepção que se situa no mistério daquilo que é vivido, e sempre se externaliza de maneira inacabada. Enfatizando esse modo próprio perceptivo, que precisa ocultar-se para nos dar um mundo, que abriga o que é impreciso

e indeterminado, mas que ainda assim é pleno de significação: um mundo perceptivo, pré-judicativo, que a cultura digital, buscar normatizar e explicitar. Sendo que os sentidos revestidos de uma consciência é que fundam o sentido da experiência, lançam-se ao mundo e o vestem de significação (BASBAUM, 2005).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção é quem media o ouvinte do objeto a ser escolhido, a ser buscado; a percepção é que nos faz atribuir significado aos documentos, distinguir e fazer associações. E, pelo que podemos notar, a partir da experiência de uso e análise do Spotify, a OC neste âmbito de OIM, não tem se preocupado com o ouvinte como um ser que percebe. Acontece assim uma anulação da percepção individual, bem como limitações para essa percepção transitar. Visto que nem todos os artistas estão sendo recomendados, ou encontrados, o que é mais uma questão que aborda no campo da cultura digital, a relação comercial com artistas e gravadoras, mas cabe ainda assim, apontar para este fato e entender o quanto se pode encontrar canções, navegar livremente, ou ainda, ouvir repetidamente a mesma música.

Ao invés de ter apenas a possibilidade de criar ou curtir playlists de outros usuários bem como curtir canções que a plataforma recomenda; os ouvintes poderiam auxiliar na classificação das músicas, como sugerido anteriormente. Ainda que inicialmente não fizesse tanto sentido ou não ficasse totalmente organizado; representaria melhor a singularidade das percepções humanas, que não são lineares ou totalmente classificáveis. Então para que haja um encontro desta multiplicidade perceptiva e o uso da plataforma, repensar estes modelos organizacionais, talvez seja um dos meios para chegar mais perto do real. Que as pessoas não precisem entender tecnicamente de música e que possam estar apenas no papel de um experienciador. Afinal, para eu fazer usufruir ou ter acesso a uma música de uma plataforma musical, preciso antes saber jogar o jogo da indústria fonográfica cultural, e conhecer um pouco dos gêneros musicais, para então poder consumir o artefato e ter uma experiência estética.

Notamos então certa neutralização das experiências dos ouvintes, e a percepção destes além de ser anulada, não é levada em consideração para a construção dos modelos organizacionais dispostos. Nesta perspectiva, compreendemos que o filósofo Merleau-Ponty, pode contribuir com seu constructo teórico para a OC, no que diz respeito à percepção. O Spotify por ser a plataforma musical mais utilizada no mundo, reflete, numa medida global, essa proposta massiva de Organização da Informação Musical. Cabe então à Ciência da Informação explorar, questionar e propor novas práticas, que são pormenores de Organização do Conhecimento também. Que a OC possa em pesquisas futuras, explorar estes mecanismo de neutralização da experiência perceptiva de cada indivíduo, sendo um ser singular, que permeia e percebe a multiplicidade do real. Pois nosso ‘olhar’ perceptivo é tudo que temos para sentir, ler, interpretar a externalidade da vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo, Ed. 1970.

ALVES, Lorena F. **Circulação musical via internet e suas implicações: formação do repertório musical homogêneo e personalizado sobre a distribuição dos sites Deezer e Last.fm**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ARBOIT, Aline E. **O processo de institucionalização sociocognitiva do domínio de Organização do Conhecimento a partir dos trabalhos científicos dos congressos da ISKO**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123389>. Acesso em: 21 maio 2019.

AMIRHOSSEINI, Maziar. Theoretical base of quantitative evaluation of unity in a thesaurus term network based on kant's epistemology. **Knowledge organization**, v. 37, n. 3, p. 185–202, jul. 2010.

ARAÚJO, Carlos A. Á. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: Kma, 2018. 131p.

BAPTISTA, Fabricio. **Uma proposta de interface de resultados de buscas em sistemas de recuperação de informação: a semiótica e a interação humano computador como aporte teórico**. 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Cap. 6. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181135>. Acesso em: 25 maio 2019.

BARAT, A. H. The relationship between human perception and knowledge organization. In: La dimensió humana de l'organització del coneixement. **Facultat de Biblioteconomia i Documentació**, p. 286-295, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28296252_The_relationship_between_human_perception_and_knowledge_organization. Acesso em: 10 abr. 2019.

BARAT, A. H. Human perception and knowledge organization: visual imagery. **Library Hi Tech**, v. 25, n. 3, p. 338–351, 1 jan. 2007.

BARROS, Camila M. de; CAFÉ, Lígia M. A. **Fundamentos para a organização da informação musical**. Curitiba: Prismas, 2015. 161 p.

BARROS, Camila Monteiro, CAFÉ, Lígia M. A., LAPLANTE, Audrey. **Emotional Concepts in Music Knowledge Organization**. p. 164–170. *Advances in Knowledge Organization*, v. 15, 2016. *Knowledge Organization for a Sustainable World: Challenges and Perspectives for Cultural, Scientific, and Technological Sharing in a Connected Society* Proceedings of the Fourteenth International ISKO Conference, 27-29 September 2016, Rio de Janeiro, Brazil. ISKO-Brazil, São Paulo State University.

BASBAUM, S. R. **O primado da percepção digital e suas consequências no ambiente midiático**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/5132/1/o_primado_da_percepcao_e_suas_consequen

cias_no_ambiente_midiatico.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

BBC NEWS BRASIL. BBC, 2016. **Por que as civilizações antigas não reconheciam a cor azul?** Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160221_civilizacoes_antigas_cor_azul_rb#orb-banner. Acesso em: 5 fev. 2020.

BEAK, J. Children's perceptual cognitive factors in book selection and metadata schema: Pilot study. **Proceedings of the ASIST Annual Meeting**, v. 49, n. 1, 2012.

BERKELEY, George. **Tratado sobre os princípios do conhecimento humano**. Nova Cultural, 1992.

BEZERRA, Arthur Coelho. Circulação de informação e cultura na modernidade: das técnicas analógicas às técnicas digitais de reprodução. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.1, p.144-185, jan./jun.2014.

BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In: BICUDO, M. A. V. (org.). **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000a. p. 71-102.

BLAKE, William. **Matrimônio do Céu e do Inferno**. Editora Iluminuras Ltda, 2004.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. **Organização da Informação ou Organização do Conhecimento?** In: ENANCIB, 9., São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://pt.slideshare.net/doritchka/brascher-e-caf-organizacao-da-informao-ou-do-conhecimento>. Acesso em: 23 maio 2019.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BOHRER, Marcos. O que você precisa saber sobre PLAYLISTS DO SPOTIFY! (Editorial, Algoritmo e etc!). **Youtube**, 16 de jun. de 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=A8YxR6WpIh8>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CAFÉ, Lígia. G. M. A.; BARROS, Camila M. Informação musical: sistemas de classificação sob o olhar da semiótica. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 1, 2014. Disponível em:

<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/19619>. Acesso em: 20 abr. 2019.

CARMO, P. S. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: Educ, 2000. (Coleção Trilhas).

CAFE, Ligia; BRASCHER, Marisa. Organização do Conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Informação & Informação**, v. 16, p. 25-51, 23 dez. 2011. Universidade Estadual de Londrina. DOI

<http://dx.doi.org/10.5433/19818920.2011v16nesp.p25>. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10388>. Acesso em: 24 maio. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CAPURRO, Rafael. Pasado, presente y futuro de la noción de información. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 1, n. 1, p. 110-136, Oct. 2014. ISSN 2358-7806. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1494>. Acesso em: 14 out. 2019.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de Métodos Mistos: Série Métodos de Pesquisa**. São Paulo: Penso Editora, 2015.
- COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, v. 3, 2002.
- DESCARTES, René. **discurso do método: meditações: Objeções e respostas: as paixões da alma; cartas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)
- DIAS, Rafael G. **Estudo crítico das propriedades do OPAC 2.0: uma proposta de metodologia de análise**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Gestão e Organização do Conhecimento, Programa de Pós-graduação em Gestão e Organização do Conhecimento da Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECIP-AZ3HGK>. Acesso em: 5 fev. 2020
- ENIGMA DE KASPERHAUSER, O. Werner Herzog (Dir.). Distribuição Versátil Home Vídeo. Alemanha: 1974, 1 DVD, 109 min., son., color.
- FIGUEIREDO, Guilherme. **Miniatura da história da música**. Rio de Janeiro: CEB, 1942. 240p.
- FIGUEIREDO, M. Pós-fenomenologia e Ciência da Informação: aportes epistêmicos para acesso ao conhecimento. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, n. 1, p. 21-35, 28 jun. 2012.
- GNOLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Eds.). Paradigms and conceptual systems in knowledge organization. *In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE*, 11., 23-26 Feb. 2010, Rome, Italy. **Proceedings** [...]. Rome, Italy: ISKO. Advances in knowledge organization, n. 12. Würzburg: Ergon, 2010.
- GNOLI, C.; POLI, R. Levels of reality and levels of representation. **Knowledge organization**, v. 31, n. 3, p. 151-160, 2004.
- GUEDES, R. de M. MOURA, M. A. The principle of semantic warrant and the study of language: conceptual reflections. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 2, 2016.
- HAJIBAYOVA, L.; JACOB, E. K. Factors influencing user-generated vocabularies: how basic are basic level terms? **Knowledge Organization**, v. 42, n. 2, p. 102–112, abr. 2015.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 7. ed. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1998.

HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Petrópolis: Vozes, 1991.

HJØRLAND, Birger. Semantic and Knowledge organization. **ARIST**, v. 41, p. 367-405, 2007.

HJØRLAND, Birger. What is knowledge organization (KO)? **KO Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

HODGE, Gail. **Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: Beyond Traditional Authority Files**. Digital Library Federation, Council on Library and Information Resources, 1755 Massachusetts Ave., NW, Suite 500, Washington, DC 20036, 2000. Disponível em: <https://www.clir.org/wp-content/uploads/sites/6/pub91.pdf>.

HUSSERL, Edmund. **Cartesian meditations: an introduction to phenomenology**. Springer Science & Business Media, 2013.

HUSSERL, Edmund. Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica. Primeiro Livro: Introdução geral na fenomenologia pura. **Phainomenon**, n. 18-19, p. 257-280, Oct. 2009. ISSN 2183-0142. Disponível em: <https://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/198>. Acesso em: 02 fev. 2021.

IHDE, Don. Technology and Cross-Cultural Perception. *In: Japanese and Western Phenomenology*, Springer, Dordrecht, p. 221-233, 1993.

KAMINSKAS, Marius; RICCI, Francesco. Contextual music information retrieval and recommendation: State of the art and challenges. **Computer Science Review**, v. 6, n. 2-3, p. 89-119, 2012.

KITCHIN, R. Thinking critically about and researching algorithms. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 1, p. 14-29, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2016.1154087>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LAPLANTE, Audrey. Improving music recommender systems: What can we learn from research on music tastes? **ISMIR**. 2014. p. 451-456.

LEÃO, Lucia; PRADO, Magaly. Música em fluxo: programas que simulam rádios e a experiência estética em redes telemáticas. **LÍBERO**. ISSN impresso: 1517-3283/ISSN online: 2525-3166, n. 20, p. 69-79, 2016

LIMA, Antonio B. M. **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus, Bahia: Editus, 2014.

LIMA, José L. O.; ALVARES, Lillian. Organização e representação da informação e do conhecimento. **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. v. 248, p. 21-48.

MARCIANO, João Luiz P. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: fenomenologia e hermenêutica. **TransInformação**, v. 18, n. 3, p. 181-190, 2006.

- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **A Prosa do Mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. Textos selecionados seleção dos textos, traduções e notas de Marilena de Souza Chauí, **Os Pensadores**, Abril Cultural, 1980.
- MCCOURT, Tom; ZUBERI, Nabeel. Music and discovery. **Popular Communication**, v. 14, n. 3, p. 123-26, 2016.
- MOSCHETTA, Pedro Henrique; VIEIRA, Jorge. Música na era do streaming: curadoria e descoberta musical no Spotify. **Sociologias** [online], v. 20, n. 49, pp. 258-292, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-02004911>. Epub Sep-Dec 2018. ISSN 1807-0337. Acesso em: 14 jan. 2021.
- MUH-CHYUN, Tang; MANG-YUAN, Yang. **Journal of Library and Information Studies**, v. 15, n. 1, pp.1-16, 01 Jun. 2017.
- NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NOWAK, Raphael. When is a discovery? The affective dimensions of discovery in music consumption. **Popular Communication**, v. 14, n. 3, p. 137-45, 22 jul. 2016
- PATTON, Michael Quinn. Qualitative research. **Encyclopedia of statistics in behavioral science**, 2005.
- PEREIRA, Júlio César R. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde humanas e sociais**. Edusp, 1999.
- PLATÃO. **A república**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- ROCHA, Anna Karolina; MORENO, Josyane. A folksonomia como ferramenta para a representação do conhecimento na web sob a ótica das redes sociais. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p.1-8, 2012.
- SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, Feb. 2007. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141335552007000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 ago. 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. **A percepção: uma teoria semiótica**. São Paulo: Experimento, 1993.
- SANTAELLA, Lucia. **Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTINI, Rose Marie; SOUZA, Rosali F. de. Recuperação da informação de música e a Ciência da Informação: tendências e desafios de pesquisa. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8., 28-31 out. 2007, Ilhéus, Bahia. **Anais [...]**. Ilhéus, Bahia: UFBA, 2007.

SANTOS, Mylena C. G.; RAMOS, Rebecca C.; RIOS, José R. A. C. Os ‘filtros-bolhas’ da Internet nos aplicativos de música online. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO*, 38., Rio de Janeiro, 4-7 set. de 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SEIDEL, Denílson J.; ROSA, Maurício. Percebendo o professor de Matemática online usando tecnologias durante a cyberformação. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, v. 6, n. 2, 2013.

SETZER, Valdemar W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, p. 28, 1999.

SILVA, Juliana R. de F. **Diretrizes para organização de informação musical brasileira**. 2017. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SMIRAGLIA, Richard P. Self-Reflection, Perception, Cognitive Semantics: How Social is Social Tagging? *In: PROCEEDINGS OF CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE*. 2010. Disponível em: http://www.cais-acsi.ca/proceedings/2010/CAIS055_Smiraglia_Final.pdf Acesso em: 24 maio 2019.

SMIRAGLIA, R. P. **Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work** Knowledge Organization, 2001. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lxh&AN=ISTA3702708&lang=ptbr&site=ehost-liv>. Acesso em: 24 maio 2019.

SOUZA, Rafael Santana de. **Um passado permanente: os artefatos como representações do espírito do tempo**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

TANG, Muh-Chyun; JHANG, Pei-Syuan. Music discovery and revisiting behaviors of individuals with different preference characteristics: An experience sampling approach. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, 2019.

TOLSTOI, Liev. **A Sonata a Kreutzer**. São Paulo: Editora 34, 2007.

WAKIMOTO, Diana K. **Younger adults derive pleasure and utilitarian benefits from browsing for music information seeking in physical and digital spaces**. Evidence Based Library and Information Practice 7.3, p. 92-94, 2012.

APÊNDICE A - ARTIGOS SELECIONADOS

	Título	Base de Dados	Critério de Exclusão
1	SWOT of social networking sites for group work in government organizations: An exploratory Delphi study from IT managers' perspective	Lista	37 2
2	Assessment of primary factors causing positive or negative local perceptions on protected areas	Lista	2,3
3	Users' Adoption of Web 2.0 for Knowledge Management: Position Paper	Lista	2
4	Theoretical base of quantitative evaluation of unity in a thesaurus term network based on Kant's epistemology	Lista	OK
5	A developed software agent-knowledge-assisted procurement management tool for retailing enterprise	Lista	2
6	Integration of an analogical reasoning model in a model of case resolution Knowledge Organization	Lista	1,2
7	Contextual Adaptive Visualization Environments: A Knowledge Creation, Transfer and Sharing Platform	Lista	2
8	Jumping to Conclusions	Lista	1,2
9	Human perception and knowledge organization: visual imagery	Lista	Ok
10	Information and knowledge: An evolutionary framework for information science	Lista	2
11	Are You Informationally Fit?	Lista	2
12	Embedding Knowledge Management in Public Sector Procurement - Redesigning for the Knowledge Economy	Lista	2
13	Context: the shared knowledge enigma	Lista	2

14	Critical theory and the legitimation of library and information science	Lista	2
15	Knowledge Sharing Barriers in the Educational Program Management Administrative Processes: A Case of a Bachelor Program in a Russian Universit	Lista	2
16	Students' Perception on Developing Conceptual Generic Skills for Business.	Lista	2
17	Students' perception on developing conceptual generic skills for business	Lista	2
18	Unpacking 'ethno-finance': an introduction to indigenous 'financial' knowledge systems	Lista	2
19	Extending Map-Based Visualizations to Support Visual Tasks: The Role of Ontological Properties	Lista	2
20	Management Challenges in the identification of Organizational Identity and Corporate Reputation as Intangible Assets	Lista	2
21	A Learning Health Care System Using Computer-Aided Diagnosis	Lista	1,2
22	People Are Not Resources	Lista	2
23	The mediating role of sense of virtual community	Lista	4
24	Children using Facebook: teachers' discursive constructions of childhood.	Lista	2
25	Communication skills importance and proficiency: perception differences between IS staff and IS users	Lista	2
26	Delivering Business Value through Information Literacy in the Workplace	Lista	2
27	Understanding the continuance intention of knowledge sharing in online communities of practice through the post-knowledge-sharing evaluation processes	Lista	2
28	Relationship between Pre-service Teachers' Personal Knowledge Management Competency and Their Knowledge Acquisition for Teaching	Lista	2

29	The Development of the Polish Qualifications Framework as an Application of Knowledge Management in Public Policy	Lista	2
30	Information use and early warning effectiveness: Perspectives and prospects	Lista	4
31	Gestión de información e inteligencia: integración en los contextos organizacionales	Lista	3
32	La inteligencia organizacional: necesario enfoque de gestión de información y del conocimiento	Lista	3
33	Use of Taxonomy of Privacy to Identify Activities Found in Social Networks' Terms of Use	Lista	2
34	Knowledge Geometry	Lista	1
35	The principle of semantic warrant and the study of language: Conceptual reflections.	Lista	Ok
36	The prevalence of web browser extensions use in library services: an exploratory study.	Lista	2
37	Being fleid worthy: environmental knowledge practices and the space of the field in forest certification	Lista	2
38	A perception study of webct as a basis for facilitating and encouraging learning at coventry university (Business School)	Lista	2
39	Identifying knowledge transfer problems from sport science to coach practice	Lista	2
40	Are librarians the ultimate knowledge managers? A study of knowledge, skills, practice and mindset	Lista	2
41	Turning knowledge into value in professional service firms	Lista	2
42	What Influences Knowledge Hoarding in Postgraduate Students? An Empirical Research in Universities	Lista	2
43	An Exploratory Study of User Perception in Visual Search Interfaces Based on SKOS	Lista	2

44	Collaborative Development of Knowledge Representations -a Novel Approach to Knowledge Elicitation and Transfer	Lista	2
45	Apuntes sobre la teoría y la práctica de la organización y representación del conocimiento.	Lista	3
46	On Knowledge Organization	Lista	3
47	Information as a cognitive construction: a communication-theoretic model and consequences for information systems	Lista	2
48	The Influence of Affective Commitment and Trust on Knowledge Sharing in Malaysian Universities: A Comparison Between Public and Private Universities	Lista	2
49	Knowledge Sharing Among Malaysian Academics: Influence of Affective Commitment and Trust	Lista	2
50	Profiling the Caribbean Special Librarian: demography, skills and professional progress	Lista	2
51	Nodes of Topicality: Modeling User Notions of On Topic Documents	Lista	2
52	Basic-level categories: A review	Lista	2
53	Factors Influencing User-Generated Vocabularies: How Basic are Basic Level Terms?	Lista	Ok
54	Knowledge Creation in Collaborative Research Projects: Project Management as Enabler, Hindrance or Just a Simple Tool?	Lista	2
55	Intellectual Capital in Universities: Faculty and Student Perceptions	Lista	2
56	Effective use of digital applications promotes professional self-efficacy	Lista	2
57	Concept theory	Lista	2
58	A percepção dos alunos do mestrado em engenharia de produção sobre a existência de ambientes de criação do conhecimento	Lista	2
59	Factors influencing people's health knowledge adoption in social media	Lista	2

60	Design Patterns as Tools to Support Social Creativity and Knowledge Management in Collaborative Design Processes	Lista	2
61	Do They Perceive Themselves as Knowledge Workers?	Lista	2
62	Managers' perception of information management and the role of information and knowledge managers: The Malaysian perspectives	Lista	2
63	Diffusion of KM Education in LIS Schools	Lista	2
64	Managing the relationship between knowledge and power in organisations	Lista	2
65	How the Illusion of a Common Language Arises and Persists/ Ontology Without Borders	Lista	4
66	Understanding Knowledge Representation in the Knowledge Management Environment: Evaluation of Ontology Visualization Methods	Lista	2
67	Process improvement in is development	Lista	1
68	Knowledge Management Perceptions in Academic Libraries	Lista	2
69	Understanding Medical Physicians' Knowledge Sharing: The Social Cognition Perspective	Lista	2
70	Towards a "musicianship model" for music knowledge organization	Lista	2
71	Boundary Spanning Role of the IS Development Team in Consultant-Partnered Projects: Knowledge Management Perspective	Lista	2
72	A cross-national comparison of perceived strategic importance of RFID for CIOs in Germany and Italy	Lista	2
73	Knowledge discovery and semantic learning in the framework of axiomatic fuzzy set theory	Lista	1
74	Knowledge sharing in immersive virtual communities of practice.	Lista	2
75	Preferences and Motivating Factors for Knowledge Sharing by Students.	Lista	1,2

76	Knowledge sharing in Romanian companies.	Lista	2
77	Arab authors' perceptions about the scholarly publishing and refereeing system used in Emerald's library and information science journals.	Lista	2
78	Perceptions of knowledge creation, knowledge management processes, technology and applications in military organisations.	Lista	2
79	Evaluation Model for Knowledge Transfer in Research Centers.	Lista	2
80	Collective Intelligence Model for Knowledge Management in Technology-Based Clusters.	Lista	2
81	Knowledge and Information Spaces: Implications for Retrieval Systems.	Lista	2
82	Search: Holy Grail of KM?	Lista	2
83	Nuevos desafíos para la formación del profesional de la información frente al surgimiento de la cibernación: un enfoque de competencias.	Lista	2,3
84	Sense-making and Information Management in Emergency Response.	Lista	1,2
85	A Response to Perry Lewis Regarding the Educated Person.	Lista	2
86	Folksonomies, Tagging Communities, and Tagging Strategies--An Empirical Study.	Lista	2
87	Librarians' perceptions of knowledge management in developing countries: A case with Indian academic libraries.	Lista	2
88	CONCEPT AND EXPRESSION OF TIME: CULTURAL VARIATIONS AND IMPACT ON KNOWLEDGE ORGANIZATION.	Lista	2
89	Intercultural communication in Information System Development Teams.	Lista	2
90	Modeling the Relationship between Human Intelligence, Knowledge Management Practices, and Innovation Performance.	Lista	1
91	Knowledge management issues in knowledge-intensive SMEs	Lista	2

92	Theorising a new Concept: 'Micro Intellectual Capital' (MIC) Using Knowledge from Inside the Classroom.	Lista	2
93	Conceptualising 'knowledge management' in the context of library and information science using the core/periphery model.	Lista	2
94	Perception and attitude of library and information science professionals towards knowledge management: a survey of certified librarians in Nigeria.	Lista	2
95	Scope of Knowledge Management for Improving Performance in Call Centre Service Delivery.	Lista	1
96	The Impact of Digital Transformation of the Russian Economy on Knowledge Management Processes.	Lista	2
97	The Importance of Language Knowledge in International Companies.	Lista	2
98	Intellectual Capital (IC) Measurement in the Mass Media Context.	Lista	2
99	Ready for Future International Challenges: Promoting Intercultural Competencies.	Lista	2
100	A organização do conhecimento em ambientes digitais: aplicação da teoria da classificação facetada.	Lista	2
101	Making Knowledge Sharing Working in Healthcare: Relevant Factors and Strategies.	Lista	2
102	Perception and Implementation of Knowledge Management by University Librarian in India.	Lista	2
103	Gender Differences in the Perception of the Importance of Transfer and Knowledge Management Systems.	Lista	2
104	How library practitioners view knowledge management in libraries: A qualitative study.	Lista	2

105	Knowledge Management Revisited: An Empirical Test on the 'Discussion Group' within the Social Media.	Lista	2
106	KNOWLEDGE MANAGEMENT IN ENVIRONMENTAL IMPACT ASSESSMENT AGENCIES: A STUDY IN QUÉBEC, CANADA.	Lista	2
107	Classification: some fundamentals, some myths, some realities	Lista	1
108	Conceptualizing information, technology, and people: Comparing information science and information systems literatures.	Lista	2
109	Building Socially-Aware E-Learning Systems Through Knowledge Management.	Lista	2
110	The Study of Web Findability Based on Its Breadth and Depth.	Lista	2
111	Toward a Topography of Library Collections.	Lista	2
112	Knowledge Management in the Human Resources Recruitment and Selection Process.	Lista	2
113	Knowledge, Attitude and Perception of Health Workers on the Health Management Information System: A Case Study of Kinondoni Municipality in Dar Es Salaam Region, Tanzania.	Lista	2
114	Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work	Lista	OK
115	Cutting the NSF-OSIS Budget: Potential Disaster for Information Science and Technology.	Lista	2
116	Universities as Knowledge Creation and Sharing Institutions – Research Perspectives from Romania.	Lista	2
117	Mapping the knowledge domain and the theme evolution of appropriability research between 1986 and 2016: a scientometric review.	Lista	2
118	Using Audio Description for Indexing Moving Images.	Lista	2
119	Continuum Mechanics and Memory Banks: (1) Multi-polarity.	Lista	2

120	Nine drivers of knowledge transfer between universities and industry R&D partners in South Africa	Lista	2
121	Utilization and Perceived Benefit for Diverse Users of Communities of Practice in a Healthcare Organization.	Lista	2
122	To Tweet or not to Tweet, that is the Question - Social Media as a Missed Opportunity for Knowledge Management.	Lista	2
123	Task-technology fit in knowledge creation: the moderating role of cognitive style.	Lista	2
124	Assessing the suitability of process and information technology in supporting tacit knowledge transfer.	Lista	2
125	Exploring the perceptions of knowledge management systems.	Lista	2
126	Multidimensional Models of Information Need.	Lista	2
127	Exploring behavioral transfer from knowledge seeking to knowledge contributing: The mediating role of intrinsic motivation.	Lista	2
128	Understanding knowledge-sharing behaviour in Wikipedia.	Lista	2
129	Knowledge sharing among innovative customers in a virtual innovation community: The roles of psychological capital, material reward and reciprocal relationship	Lista	2
130	Text mining based theme logic structure identification: application in library journals.	Lista	2
131	Design of the PromoPad: An Automated Augmented-Reality Shopping Assistant.	Lista	2
132	Knowledge management perception in the Middle Eastern region: An empirical investigation within Egypt context	Scopus	2
133	A Study of Teacher-Mediated Enhancement of Students' Organization of Earth Science Knowledge Using Web Diagrams as a Teaching Device	Scopus	2
134	From paradigms of cognition and perception to phenomenon	Scopus	4

135	Towards shared meaning: Inline communication media as change agent for sustainable strategic stakeholder relationships	Scopus	2
136	Information and knowledge: An evolutionary framework for information science	Scopus	2
137	Children's perceptual cognitive factors in book selection and metadata schema: Pilot study	Scopus	Ok
138	The type of information overload affects electronic knowledge repository continuance	Scopus	2
139	Knowledge strategy planning: an integrated approach to manage uncertainty, turbulence, and dynamics	Scopus	2
140	Diverging assessments of learning organizations during reform implementation	Scopus	2
141	Spatial primitives and knowledge organization in planning and architecture: some experimental notes	Scopus	2
142	Norwegian Working Fathers in Global Working Life	Scopus	2
143	Teachers' perception about the behaviours of school leaders with regard to knowledge management	Scopus	2
144	Intellectual capital and corporate performance in knowledge-intensive SMEs	Scopus	2
145	The principle of semantic warrant and the study of language: Conceptual reflections	Scopus	2, 4
146	Combination of distances and image features for clustering image data bases	Scopus	2
147	Visualizing similarity in subject term co-assignment	Scopus	2, 4
148	An exploratory study of user perception in visual search interfaces based on SKOS	Scopus	2
149	An exploratory study on the impact of organizational learning on corporate branding	Scopus	2, 4
150	A note on the theory and practice of knowledge organization and knowledge representation	Scopus	2, 4

151	Improvisation experience predicts how musicians categorize musical structures	Scopus	2
152	The totalitarian ego: Fabrication and revision of personal history.	Scopus	2
153	Basic-level categories: A review	Scopus	4
155	PLS-Based Multi-Group analysis for knowledge management in the life insurance industry	Scopus	2
156	Classification of human resources based on measurement of tacit knowledge	Scopus	4
157	The New Natural Resource	Scopus	2, 4
158	Relationships among category semantics, perceptions of term utility, and term length and order in a social content creation system	Scopus	1
159	Do they perceive themselves as knowledge workers?	Scopus	2
160	Evaluation of knowledge work productivity – case distributed software development	Scopus	2
161	Factors affecting employee knowledge acquisition and application capabilities	Scopus	2
162	Teaching the novice programmer: A study of instructional sequences and perception	Scopus	2, 4
163	Towards a "musicianship model" for music knowledge organization	Scopus	2
164	Meeting the Discipline-Culture Framework of Physics Knowledge: A Teaching Experience in Italian Secondary School	Scopus	2, 4
165	Intellectual capital: Management attitudes in service industries	Scopus	2
166	Overcoming human barrier as a measure towards improved knowledge management	Scopus	2
167	Conceptual knowledge in the brain: fMRI evidence for a featural organization	Scopus	2
168	The knowledge organization: Cultural priorities and workspace design	Scopus	2
169	Great expectations: Professionals' perceptions and knowledge organization curricula	Scopus	4

170	Enacting space in virtual reality: A comparison between Money's Road Map test and its virtual version	Scopus	2
171	An exploration of factors predicting work alienation of knowledge workers	Scopus	2
172	Employee perceptions of knowledge management in two service units: A case study of management services and organisational development (OD) and skills development units	Scopus	2
173	Knowledge management issues in knowledge-intensive SMEs	Scopus	2
174	Impact of psychic distance to the internationalization behavior of knowledge-intensive SMEs	Scopus	2
175	Managerial practices as determinant of the knowledge management: A comparative study of certified companies for ISO 9001	Scopus	2
176	Knowledge sharing and the psychological contract: Managing knowledge workers across different stages of employment	Scopus	2
177	Relation analysis of knowledge management, research, and innovation in university research groups	Scopus	2
178	Being a guest – perspectives of an extended hospitality approach	Scopus	2
179	A common processing system for the concepts of artifacts and actions? evidence from a case of a disproportionate conceptual impairment for living things	Scopus	2
180	A organização do conhecimento em ambientes digitais: aplicação da teoria da classificação facetada	Scopus	2
181	Managing information and knowledge in service industries	Scopus	2
182	Problems of the organization of work at viewing screen apparatus: Stage and need of processing	Scopus	1, 4

183	Value perceptions and performance of research joint ventures: An organizational learning perspective	Scopus	2
184	Inferring Cognitive Focus from Students' Programs	Scopus	2
185	Cognition of industrial innovation in Latin America: Advances and challenges	Scopus	2
186	Taxonomic and thematic categories: Neural correlates of categorization in an auditory-to-visual priming task using fMRI	Scopus	2
187	Organisational and individual unlearning in identification and evaluation of technologies	Scopus	2
188	User evaluation of a pilot terminologies server for a distributed multi-scheme environment	Scopus	2
189	The neural organization of semantic memory: Electrophysiological activity suggests feature-based segregation	Scopus	2, 4
190	Perception, knowledge organization, and noetic affective social tagging	Scopus	4
191	Noesis: Perception and everyday classification	Scopus	4
192	Cultural synergy in information institutions	Scopus	4
193	Knowledge workers' perceptions of performance ratings	Scopus	2
194	Understanding concepts in the defence in depth strategy	Scopus	2
195	The salience of temporal cues in the developing structure of event knowledge	Scopus	2
196	Organizational learning: Prospective on employees readiness using information system supported learning	Scopus	2
197	KM coursework: Pooled judgments of experts	Scopus	2
198	Facing interfaces: Paul Otlet's visualizations of data integration	Scopus	2

199	Psychology of multimedia databases	Scopus	2
200	Characteristics of effective language teachers as perceived by low and high proficiency students	Scopus	2
201	An Exploratory Study of User Perception in Visual Search Interfaces Based on SKOS	Web of Science	2
202	Transdisciplinarity as a new form of fundamental knowledge in the system of higher education	Web of Science	2
203	Combination of Distances and Image Features for Clustering Image Data Bases	Web of Science	2
204	The Principle of Semantic Warrant and the Study of Language: Conceptual Reflections	Web of Science	2
205	Basic-level categories: A review	Web of Science	2
206	Towards Better Code Snippets: Exploring How Code Snippet Recall Differs with Programming Experience	Web of Science	2
207	Cognitive robots in the development and rehabilitation of children with developmental disorders	Web of Science	2
208	Meeting the Discipline-Culture Framework of Physics Knowledge: A Teaching Experience in Italian Secondary School	Web of Science	2
209	Enacting space in virtual reality: A comparison between Money's Road Map test and its virtual version	Web of Science	2
210	Knowledge organization in digital environments: faceted classification theory applied	Web of Science	2

211	Prospecção de cenários futuros: estudo aplicado a biblioteca virtual Paul Otlet	Brapci	2
212	Propostas para a construção de caminhos	Brapci	2
213	Editorial	Brapci	2
214	Poder e compartilhamento da informação: relações e implicações na arena política organizacional	Brapci	2
215	Relações semânticas em tesouros: contribuições da abordagem pragmática	Brapci	2
216	Mediação da informação e a Organização do Conhecimento: interrelações	Brapci	2
217	Gestão de pessoas e gestão do conhecimento à luz da estética organizacional	Brapci	2
218	Ontologias como ferramenta de organização e representação do conhecimento: um olhar sobre os laudos médico-legais	Brapci	2
219	O uso de comunidades de prática virtuais (vcops) para fins de inovação segundo percepção de seus membros	Brapci	2
220	Quem dissemina saber, aprende com o conhecimento que constrói? um estudo de múltiplos casos em organizações públicas do nordeste do brasil	Brapci	2
221	De Paul Otlet à Web Semântica: aportes teóricos sobre a organização do conhecimento	Brapci	2
222	Análise da gestão da inovação e do conhecimento em um banco brasileiro	Brapci	2
223	Gestão da informação ou gestão do conhecimento? Percepção de profissionais da indústria de software de Santa Catarina	Brapci	2
224	Conhecimento como recurso estratégico empresarial	Brapci	2
225	A percepção dos profissionais e dos estudantes de Biblioteconomia acerca da praxis do arquiteto da informação	Brapci	2
226	Gestão do conhecimento em empresa internacional de energia	Brapci	2

227	Mapas cognitivos e categorias temáticas como metodologias associadas de análise e organização de dados em pesquisa qualitativa	Brapci	2
228	A gestão do conhecimento como suporte ao processo estratégico na administração pública municipal: um estudo comparativo de casos no Brasil e em Portugal	Brapci	2
229	Contribuições de educação a distância na aprendizagem organizacional: um estudo na Universidade Federal da Paraíba	Brapci	2
230	Conhecimento como recurso estratégico empresarial	Brapci	2
231	Nanopublicações e indexação: processos e relações	Brapci	2
232	Narrativas para a gestão de mudanças: um estudo de caso na indústria vidreira	Brapci	2
233	O caminhar da ciência da informação e o XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação	Brapci	2
234	Tecnologias de apoio a Gestão do Conhecimento: uma abstração por conceito, taxonomia e tipologia	Brapci	2
235	Narrativas para a gestão de mudanças: um estudo de caso na indústria vidreira	Brapci	2
236	O caminhar da ciência da informação e o XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação	Brapci	2
237	Tecnologias de apoio a Gestão do Conhecimento: uma abstração por conceito, taxonomia e tipologia	Brapci	2

APÊNDICE B - REFERÊNCIAS DO QUADRO DO APÊNDICE A

<p>AGNES, H. B. Human perception and knowledge organization: visual imagery. Library Hi Tech, v. 25, n. 3, p. 338–351, 1 jan. 2007.</p>
<p>ALMEIDA JUNIOR, O. F.; SANTOS NETO, J. A. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. Informação & Informação, v. 19, n. 2, p. 98-116, 2014. DOI 10.5433/1981-8920.2014v19n2p98. Acesso em: 27 jun. 2019.</p>
<p>AHMED, A. M. M. B.; HEGAZY, K. A. A. Knowledge management perception in the Middle Eastern region: an empirical investigation within Egypt context. International Journal of Management Practice, v. 2, n. 2, p. 109, 2006.</p>
<p>AL-BUSAIDI, K. A. SWOT of social networking sites for group work in government organizations An exploratory Delphi study from IT managers' perspective. VINE: The Journal of Information & Knowledge Management Systems, v. 44, n. 1, p. 121–139, jan. 2014.</p>
<p>ALKAN, H.; KORKMAZ, M.; TOLUNAY, A. Assessment of primary factors causing positive or negative local perceptions on protected areas. Svarbiausių veiksnių, lemiančių atsakomybę dėl veiklos saugomose teritorijose, įvertinimas, v. 17, n. 1, p. 20–27, mar. 2009.</p>
<p>ALONSO GAONA-GARCIA, P. et al. An Exploratory Study of User Perception in Visual Search Interfaces Based on SKOS. KNOWLEDGE ORGANIZATION, v. 43, n. 4, p. 217–238, 2016.</p>
<p>ALQAHTANI, F. H.; WATSON, J.; PARTRIDGE, H. Users' Adoption of Web 2.0 for Knowledge Management: Position Paper. Proceedings of the International Conference on Information Management & Evaluation, p. 19–29, jan. 2010.</p>
<p>AMIRHOSSEINI, M. (2010). Theoretical base of quantitative evaluation of unity in a thesaurus term network based on Kant's Epistemology. DOI http://10.0.22.139/0943-7444-2010-3-185. Knowledge Organization, v. 37, n. 3, p. 185–202, jul. 2010.</p>
<p>ANDERSON, O. R.; CONTINO, J. A Study of Teacher-Mediated Enhancement of Students' Organization of Earth Science Knowledge Using Web Diagrams as a Teaching Device. Journal of Science Teacher Education, v. 21, n. 6, p. 683–701, 2010.</p>
<p>ANTHONY JNR, B. A developed software agent-knowledge-assisted procurement management tool for retailing enterprise. VINE: The Journal of Information & Knowledge Management Systems, v. 49, n. 1, p. 54–75, jan. 2019.</p>
<p>ARAJ, H. Integration of an analogical reasoning model in a model of case resolution. Knowledge Organization, 1996. Disponível em: http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lxh&AN=ISTA3200141&lang=pt-br&site=ehost-live</p>
<p>ARAÚJO, D. G de; DIAS, G. A. Contribuições de educação a distância na aprendizagem organizacional: um estudo na Universidade Federal da Paraíba. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, n. 1, v. 8, p. 191-209, 2018.</p>
<p>BAI, X.; WHITE, D.; SUNDARAM, D. Contextual Adaptive Visualization Environments: a Knowledge Creation, Transfer and Sharing Platform. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management, v. 1, p. 56–64, jan. 2011.</p>
<p>BALL, D. JUMPING TO CONCLUSIONS. Mathematics Teaching, n. 215, p. 20–21, set. 2009.</p>

<p>BARÁT, Á. H. From paradigms of cognition and perception to phenomenon. Advances in Knowledge Organization. Proceedings [...]. 2010. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84901782384&partnerID=40&md5=7cc642f9776ceb7387a985aafe507ad0</p>
<p>BARAT, A. H. Human perception and knowledge organization: visual imagery. Library Hi Tech, v. 25, n. 3, p. 338–351, ago. 2007.</p>
<p>BARKER, R.; SLABBERT, Y. Towards shared meaning: Inline communication media as change agent for sustainable strategic stakeholder relationships. Tydskrif vir Geesteswetenskappe, v. 58, n. 4, p. 841–859, 2018.</p>
<p>BATES, M. J. Information and knowledge: An evolutionary framework for information science. Information Research, v. 10, n. 4, 2005.</p>
<p>BATES, M. E. Are You Informationally Fit? EContent, v. 29, n. 3, p. 28, abr. 2006.</p>
<p>BEAK, J. Children's perceptual cognitive factors in book selection and metadata schema: Pilot study. Proceedings of the ASIST Annual Meeting, v. 49, n. 1, 2012.</p>
<p>BEDFORD, D. A. D. Embedding Knowledge Management in Public Sector Procurement - Redesigning for the Knowledge Economy. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management, v. 1, p. 25–34, jan. 2013.</p>
<p>BENNET, A.; BENNET, D. CONTEXT: the shared knowledge enigma. VINE: The Journal of Information & Knowledge Management Systems, v. 37, n. 1, p. 27–40, mar. 2007.</p>
<p>BENOIT, G. Critical theory and the legitimation of library and information science. Information Research, v. 12, p. 1–16, 2 out. 2007.</p>
<p>BLAGOV, E. <i>et al.</i> Knowledge Sharing Barriers in the Educational Program Management Administrative Processes: A Case of a Bachelor Program in a Russian University. Electronic Journal of Knowledge Management, v. 15, n. 2, p. 113–125, jul. 2017.</p>
<p>BOCK, G.-W. <i>et al.</i> The type of information overload affects electronic knowledge repository continuance. PACIS 2008 - 12th Pacific Asia Conference on Information Systems: Leveraging ICT for Resilient Organizations and Sustainable Growth in the Asia Pacific Region. Proceedings [...]. 2008. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84863410321&partnerID=40&md5=10d1d8bbf079f391bed52a7d329c48f6</p>
<p>BOLISANI, E.; BRATIANU, C. Knowledge strategy planning: an integrated approach to manage uncertainty, turbulence, and dynamics. Journal of Knowledge Management, v. 21, n. 2, p. 233–253, 3 abr. 2017.</p>
<p>BORGE, B. H. <i>et al.</i> Diverging assessments of learning organizations during reform implementation. The Learning Organization, v. 25, n. 6, p. 399–409, 10 set. 2018.</p>
<p>BORRI, D.; CAMARDA, D.; STUFANO, R. Spatial primitives and knowledge organization in planning and architecture: some experimental notes. City, Territory and Architecture, v. 1, n. 1, p. 2, 2014.</p>
<p>BØRVE, H. E.; BUNGUM, B. Norwegian Working Fathers in Global Working Life. Gender, Work & Organization, v. 22, n. 4, p. 309–323, jul. 2015.</p>
<p>BRATIANU, C.; VĂTĂMĂNESCU, E. M. Students' Perception on Developing Conceptual Generic</p>

Skills for Business. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , p. 101–108, jan. 2016.
BRATIANU, C.; VATAMANESCU, E.-M. Students' perception on developing conceptual generic skills for business. VINE: The Journal of Information & Knowledge Management Systems , v. 47, n. 4, p. 490–505, out. 2017.
BRAY, R. J. C.; ELS, G. Unpacking 'ethno-finance': an introduction to indigenous 'financial' knowledge systems. South African Journal of Information Management , v. 9, n. 1, p. 9, mar. 2007.
BRIO, L. M. P. o; GALVÃO, A. P.; OLIVEIRA, P. W. S. De Gestão do conhecimento em empresa internacional de energia Informação & Sociedade: Estudos , n. 1, v. 23, 2013.
BRYLINA, I.; KORNIENKO, A.; KABANOVA, N. Transdisciplinarity as a new form of fundamental knowledge in the system of higher education. Psychology And Psychiatry, Sociology and Healthcare, Education, Vol I. Proceedings [...] . International Multidisciplinary Scientific Conferences on Social Sciences and Arts, 2014.
BRUSAMOLIN; V. Narrativas para a gestão de mudanças: um estudo de caso na indústria vidreira. Transinformação , n. 1, v. 23, p. 15-28, 2011.
BUCHEL, O.; SEDIG, K. Extending Map-Based Visualizations to Support Visual Tasks: The Role of Ontological Properties. Knowledge Organization , v. 38, n. 3, p. 204–229, jul. 2011.
BUEO, E. et al. Management Challenges in the identification of Organizational Identity and Corporate Reputation as Intangible Assets. Electronic Journal of Knowledge Management , v. 13, n. 3, p. 173–184, out. 2015.
CAHAN, A.; CIMINO, J. J. A Learning Health Care System Using Computer-Aided Diagnosis. Journal of Medical Internet Research , v. 19, n. 3, p. 1, mar. 2017.
CASSE, P. People Are Not Resources. Journal of European Industrial Training , v. 18, n. 5, p. 23–26, maio 1994.
CASTRO, AHIRAM BRUNNI CARTAXO DE; BRITO, LYDIA MARIA PINTO; VARELA, JEDIDJA HADASSA DE SANTANA. Quem dissemina saber, aprende com o conhecimento que constrói? Um estudo de múltiplos casos em organizações públicas do Nordeste do Brasil. Perspectivas em Gestão & Conhecimento , n. 2, v. 4, p. 126-146, 2014. Disponível em: http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/17368/12251 . Acesso em: 4 ago. 2019.
CELEP, C.; ÇETIN, B. Teachers' perception about the behaviours of school leaders with regard to knowledge management. International Journal of Educational Management , v. 19, n. 2, p. 102–117, mar. 2005.
CHANG, H. H.; HSIEH, P.-H.; FU, C. S. The mediating role of sense of virtual community. Online Information Review , v. 40, n. 7, p. 882–899, nov. 2016.
CHANG-KREDL, S.; KOZAK, S. Children using Facebook: teachers' discursive constructions of childhood. Learning, Media & Technology , v. 43, n. 2, p. 211–215, jun. 2018.
CHENA, H. H. G. et al. Communication skills importance and proficiency: perception differences between IS staff and IS users. International Journal of Information Management , v. 25, n. 3, p. 215–227, jun. 2005.
CHEUK, B. Delivering Business Value through Information Literacy in the Workplace. Libri:

International Journal of Libraries & Information Services , v. 58, n. 3, p. 137–143, set. 2008.
CHEUNG, C. M. K.; LEE, M. K. O.; LEE, Z. W. Y. Understanding the continuance intention of knowledge sharing in online communities of practice through the post- knowledge-sharing evaluation processes. Journal of the American Society for Information Science & Technology , v. 64, n. 7, p. 1357–1374, jul. 2013.
CHI KEUNG, C. Relationship between Pre-service Teachers' Personal Knowledge Management Competency and Their Knowledge Acquisition for Teaching. New Horizons in Education , v. 61, n. 1, p. 37–48, jan. 2013.
CHŁOŃ-DOMIŃCZAK, A.; SIENKIEWICZ, Ł.; TRAWIŃSKA-KONADOR, K. The Development of the Polish Qualifications Framework as an Application of Knowledge Management in Public Policy. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 1, p. 214–222, jan. 2014.
CHOO, C. W. Information use and early warning effectiveness: Perspectives and prospects. Journal of the American Society for Information Science & Technology , v. 60, n. 5, p. 1071–1082, maio 2009.
COHEN, S.; KAIMENAKIS, N. Intellectual capital and corporate performance in knowledge-intensive SMEs. The Learning Organization , v. 14, n. 3, p. 241–262, 24 abr. 2007.
CORREA, F. Tecnologias de apoio a Gestão do Conhecimento: uma abstração por conceito, taxonomia e tipologia. Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação , 11(2), 498-522, 2018. https://doi.org/10.26512/rici.v11.n2.2018.8340
CRUZ, Y. R. Gestión de información e inteligencia: integración en los contextos organizacionales. Intelligence and information management: integration in organizational contexts. , v. 17, n. 5, p. 51–60, maio 2008.
CRUZ, Y. R.; DOMÍNGUEZ, E. G. La inteligencia organizacional: necesario enfoque de gestión de información y del conocimiento. The organizational intelligence: a necessary approach to information and knowledge management. , v. 36, n. 3, p. 51– 58, set. 2007.
DE ASSIS RODRIGUES, F.; GONÇALVES SANT'ANA, R. C. Use of Taxonomy of Privacy to Identify Activities Found in Social Networks' Terms of Use. Knowledge Organization , v. 43, n. 4, p. 285–295, jul. 2016.
DE MELLO, F. L.; DE CARVALHO, R. L. Knowledge Geometry. Journal of Information & Knowledge Management , v. 14, n. 4, p. 1, dez. 2015.
ECHTERNACHT, T. H. S.; QUANDT, C. O. A gestão do conhecimento como suporte ao processo estratégico na administração pública municipal: um estudo comparativo de casos no Brasil e em Portugal Perspectivas em Gestão & Conhecimento , v. 7, p. 35-49, 2017.
EDEN, S. Being fleidworthy: environmental knowledge practices and the space of the field in forest certification. Environment & Planning D: Society & Space , v. 26, n. 6, p. 1018–1035, dez. 2008.
ELLIS, L.; VIGAR-ELLIS, D. A PERCEPTION STUDY OF WEBCT AS A BASIS FOR FACILITATING AND ENCOURAGING LEARNING AT COVENTRY UNIVERSITY (BUSINESS SCHOOL). Mousaion , v. 27, n. 1, p. 24–42, abr. 2009.

<p>ESTEVEES, D. et al. Identifying knowledge transfer problems from sport science to coach practice. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management, p. 375–385, jan. 2010.</p>
<p>FARIAS, K. M.; PINHO, F. A. Ontologias como ferramenta de organização e representação do conhecimento: um olhar sobre os laudos médico-legais. Informação em Pauta, v. 1, n. 2, p. 41-65, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41735. Acesso em: 27 jun. 2019.</p>
<p>FERGUSON, S.; HIDER, P.; LLOYD, A. Are librarians the ultimate knowledge managers? A study of knowledge, skills, practice and mindset. Australian Library Journal, v. 57, n. 1, p. 39–62, fev. 2008.</p>
<p>FORSTENLECHNER, I. et al. Turning knowledge into value in professional service firms. Performance Measurement & Metrics, v. 8, n. 3, p. 146–156, 6 nov. 2007.</p>
<p>FRITSCHER SANTOS, R.; DE GARCIA, P. S.; OLIVEIRA, M. What Influences Knowledge Hoarding in Postgraduate Students? An Empirical Research in Universities. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management, v. 1, p. 278–285, jan. 2018.</p>
<p>FROST, S.; BAIER, D. Combination of Distances and Image Features for Clustering Image Data Bases. In: Studies in Classification, Data Analysis, and Knowledge Organization. [s.l.: s.n.]. v. 48p. 251–260.</p>
<p>GABEL, J.; SMIRAGLIA, R. P. Visualizing similarity in subject term co- assignment. Advances in Classification Research Online. Anais...2009 Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84869778267&partnerID=40&md5=e3983cc34489f417e09b010989bdbb1d</p>
<p>GAONA-GARCÍA, P. A. et al. An Exploratory Study of User Perception in Visual Search Interfaces Based on SKOS. Knowledge Organization, v. 43, n. 4, p. 217–238, jul. 2016.</p>
<p>GARCIA-PEREZ, A.; AYRES, R. Collaborative Development of Knowledge Representations -- a Novel Approach to Knowledge Elicitation and Transfer. Electronic Journal of Knowledge Management, v. 7, n. 1, p. 55–62, abr. 2009.</p>
<p>GILANI, H.; WAQAR, U. An exploratory study on the impact of organizational learning on corporate branding. Knowledge Management, v. 12, n. 3, p. 47–66, 2013.</p>
<p>GILCHRIST, A. A note on the theory and practice of knowledge organization and knowledge representation. Scire, v. 17, n. 1, p. 23–28, 2011.</p>
<p>GILCHRIST, A. Apuntes sobre la teoría y la práctica de la organización y representación del conocimiento. A note on the theory and practice of knowledge organization and knowledge representation., v. 17, n. 1, p. 23–28, jan. 2011.</p>
<p>GILCHRIST, A. On Knowledge Organization. Bilginin Düzenlenmesi Üzerine., v. 13, n. 1, p. 249–256, jan. 2012.</p>
<p>GODERT, W. Information as a cognitive construction: a communication-theoretic model and consequences for information systems Knowledge Organization, 1996. Disponível em: http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lxh&AN=ISTA3202151&lan_g=pt-br&site=ehost-live</p>
<p>GOH, S. K.; SANDHU, M. S. The Influence of Affective Commitment and Trust on Knowledge</p>

Sharing in Malaysian Universities: A Comparison Between Public and Private Universities. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 1, p. 396–405, jan. 2012.
GOH, S. K.; SANDHU, M. S. Knowledge Sharing Among Malaysian Academics: Influence of Affective Commitment and Trust. Electronic Journal of Knowledge Management , v. 11, n. 1, p. 38–48, jan. 2013.
GOLDMAN, A.; JACKSON, T.; SAJDA, P. Improvisation experience predicts how musicians categorize musical structures. Psychology of Music , p. 030573561877944, 27 jun. 2018.
GOSINE-BOODOO, M. Profiling the Caribbean Special Librarian: demography, skills and professional progress. Information Development , v. 22, n. 4, p. 292–299, nov. 2006.
GREENWALD, A. G. The totalitarian ego: Fabrication and revision of personal history. American Psychologist , v. 35, n. 7, p. 603–618, 1980.
GREISDORF, H.; O'CONNOR, B. Nodes of Topicality: Modeling User Notions of On Topic Documents. Journal of the American Society for Information Science & Technology , v. 54, n. 14, p. 1296–1304, dez. 2003.
GUEDES, R. DE M.; MOURA, M. A. The Principle of Semantic Warrant and the Study of Language: Conceptual Reflections. Knowledge Organization , v. 43, n. 2, p. 102–106, 2016.
HAJIBAYOVA, L. Basic-level categories: A review. Journal of Information Science , v. 39, n. 5, p. 676–687, 9 out. 2013.
HAJIBAYOVA, L.; JACOB, E. K. Factors Influencing User-Generated Vocabularies: How Basic are Basic Level Terms? Knowledge Organization , v. 42, n. 2, p. 102–112, abr. 2015.
HALD, L.; JOHANSEN, A.; EKAMBARAM, A. Knowledge Creation in Collaborative Research Projects: Project Management as Enabler, Hindrance or Just a Simple Tool? Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 1, p. 433–440, jan. 2012.
HANDZIC, M.; OZLEN, K. Intellectual Capital in Universities: Faculty and Student Perceptions. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 1, p. 408–415, jan. 2011.
HASGALL, A. E.; SHOHAM, S. Effective use of digital applications promotes professional self-efficacy. VINE: The Journal of Information & Knowledge Management Systems , v. 45, n. 2, p. 279–291, abr. 2015.
HJØRLAND, B. Concept theory. Journal of the American Society for Information Science & Technology , v. 60, n. 8, p. 1519–1536, ago. 2009.
HOLANDA, L. M. C.; DE FRANCISCO, A. C.; KOVALESKI, J. L. A percepção dos alunos do mestrado em engenharia de produção sobre a existência de ambientes de criação do conhecimento. The perception of production engineering master degree students about the existence of creation environment of knowledge. , v. 38, n. 2, p. 96–109, maio 2009.
HUANG, L.-S. et al. PLS-Based Multi-Group Analysis for Knowledge Management in the Life Insurance Industry. 2017 Portland International Conference on Management of Engineering and Technology (PICMET). Proceedings [...]. IEEE, jul. 2017. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85043482574&doi=10.23919%2FPICMET.2017.8125423&partnerID=40&md5=7924f5d726bfe5215

230ba97676c49ab
HUO, C.; ZHANG, M.; MA, F. Factors influencing people's health knowledge adoption in social media. Library Hi Tech , v. 36, n. 1, p. 129–151, jan. 2018.
IACOB, C. Design Patterns as Tools to Support Social Creativity and Knowledge Management in Collaborative Design Processes. Journal of Information & Knowledge Management , v. 10, n. 4, p. 343–350, dez. 2011.
ICHINCO, M.; KELLEHER, C. Towards better code snippets: exploring how code snippet recall differs with programming experience. (Henley, AZ and Rogers, P and Sarma, A, Ed.) In: 2017 IEEE Symposium On Visual Languages AND HUMAN-CENTRIC COMPUTING (VL/HCC), 2017. Anais... : Symposium on Visual Languages and Human Centric Computing VL HCC.2017.
JAFARI, M.; AKHAVAN, P.; NOURIZADEH, M. Classification of human resources based on measurement of tacit knowledge. Journal of Management Development , v. 32, n. 4, p. 376–403, 5 abr. 2013.
JOHNSEN, H. C. G. The New Natural Resource. [S. l.]: Routledge, 2016.
JÖRGENSEN, C.; STVILIA, B.; WU, S. Relationships among category semantics, perceptions of term utility, and term length and order in a social content creation system. ACM International Conference Proceeding Series. Proceedings [...]. 2012. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84863238356&doi=10.1145%2F2132176.2132280&partnerID=40&md5=381b323ed780feca142cddb e2fcc5ca
JUCEVIČIENE, P.; LEŠČINSKIJ, R. Do they perceive themselves as knowledge workers? Proceedings of the European Conference on Knowledge Management, ECKM. Anais... 2018. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85055492550&partnerID=40&md5=0ec08acea6612a1b3038fd2e8172453d
JUCEVIČIENĖ, P.; LEŠČINSKIJ, R. Do They Perceive Themselves as Knowledge Workers? Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 1, p. 361–368, jan. 2018.
KAMAJA, P. et al. Evaluation of knowledge work productivity – case distributed software development. Proceedings of the European Conference on Intellectual Capital. Anais... 2017Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85042100128&partnerID=40&md5=30390e2b6b864992f680841fb32a3375
KARIM, N. S. A.; HUSSEIN, R. Managers' perception of information management and the role of information and knowledge managers: The Malaysian perspectives. International Journal of Information Management , v. 28, n. 2, p. 114–127, abr. 2008.
KATUŠČÁKOVÁ, M.; JASEČKOVÁ, G. Diffusion of KM Education in LIS Schools. Journal of Education for Library & Information Science , v. 60, n. 1, p. 83–100, jan. 2019.
KELLY, C. Managing the relationship between knowledge and power in organisations. Aslib Proceedings , v. 59, n. 2, p. 125–138, abr. 2007.
KELLY, M. How the Illusion of a Common Language Arises and Persists/ Ontology Without Borders. Knowledge Organization , v. 46, n. 2, p. 147–154, mar. 2019.

KIM, J.-A. Understanding Knowledge Representation in the Knowledge Management Environment: Evaluation of Ontology Visualization Methods. Knowledge Organization , v. 39, n. 3, p. 193–203, jul. 2012.
KIM, S.; LEE, H. Factors affecting employee knowledge acquisition and application capabilities. Asia-Pacific Journal of Business Administration , v. 2, n. 2, p. 133–152, 28 set. 2010.
KING, W. R. PROCESS IMPROVEMENT IN IS DEVELOPMENT. Information Systems Management , v. 22, n. 1, p. 87–88, 2005.
KOLONIARI, M.; FASSOULIS, K. Knowledge Management Perceptions in Academic Libraries. Journal of Academic Librarianship , v. 43, n. 2, p. 135–142, mar. 2017.
KOMENDZINSKI, T. et al. Cognitive robots in the development and rehabilitation of children with developmental disorders. Bio-algorithms and med-systems , v. 12, n. 3, p. 93–98, 2016.
KRANCH, D. A. Teaching the novice programmer: A study of instructional sequences and perception. Education and Information Technologies , v. 17, n. 3, p. 291–313, 10 set. 2012.
KUO, F.-Y.; TSENG, F.-C.; LIU, C.-Y. Understanding Medical Physicians' Knowledge Sharing: The Social Cognition Perspective. Journal of Library & Information Studies , v. 4, n. 1/2, p. 97–114, jun. 2006.
LAM, M. Towards a “musicianship model” for music knowledge organization. OCLC Systems & Services: International digital library perspectives , v. 27, n. 3, p. 190–209, 22 ago. 2011.
LEE, S.; SHIN, B.; LEE, H. Boundary Spanning Role of the IS Development Team in Consultant-Partnered Projects: Knowledge Management Perspective. International Journal of Knowledge Management , v. 7, n. 2, p. 22–48, abr. 2011.
LEIMEISTER, S. et al. A cross-national comparison of perceived strategic importance of RFID for CIOs in Germany and Italy. International Journal of Information Management , v. 29, n. 1, p. 37–47, fev. 2009.
LEVRINI, O. et al. Meeting the Discipline-Culture Framework of Physics Knowledge: A Teaching Experience in Italian Secondary School. Science & Education , v. 23, n. 9, p. 1701–1731, 28 set. 2014.
LIM, L. L. K.; DALLIMORE, P. Intellectual capital: management attitudes in service industries. Journal of Intellectual Capital , v. 5, n. 1, p. 181–194, mar. 2004.
LIU, X. et al. Knowledge discovery and semantic learning in the framework of axiomatic fuzzy set theory. WIREs: Data Mining & Knowledge Discovery , v. 8, n. 5, p. 1, set. 2018.
MAJID, S. et al. Preferences and Motivating Factors for Knowledge Sharing by Students. Journal of Information & Knowledge Management , v. 14, n. 1, p. 1, mar. 2015.
MÂNDRULEANU, A. Knowledge sharing in Romanian companies. In: PROCEEDINGS OF THE EUROPEAN CONFERENCE ON KNOWLEDGE MANAGEMENT, v. 1, p. 563–568, set. 2011.
MANSOUR, E. Arab authors' perceptions about the scholarly publishing and refereeing system used in Emerald's library and information science journals. New Library World , v. 117, n. 7/8, p. 414–

439, jul. 2016.
MANURI, I.; YAACOB, R. A. R. Perceptions of knowledge creation, knowledge management processes, technology and applications in military organisations. Malaysian Journal of Library & Information Science , v. 16, n. 1, p. 73–85, jul. 2011.
MARICAN, S.; ABDULLAH, S. A. J. Overcoming human barrier as a measure towards improved knowledge management . Innovation and Knowledge Management in Business Globalization: Theory and Practice - Proceedings of the 10th International Business Information Management Association Conference. 2008. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84896261937&partnerID=40&md5=4072c11a7a9c72fce61a3ba18d2b03f6
MARQUES, J. F. et al. Conceptual knowledge in the brain: fMRI evidence for a featural organization. Brain Research , v. 1194, p. 90–99, 2008.
MARULANDA, C.; BEDOYA, O. Evaluation Model for Knowledge Transfer in Research Centers. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 1, p. 537–544, jan. 2018.
MARULANDA, C.; Y. LÓPEZ, P. L. M. Collective Intelligence Model for Knowledge Management in Technology-Based Clusters. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 1446–1453, jun. 2012.
MCGILL, M. J. Knowledge and Information Spaces: Implications for Retrieval Systems. Journal of the American Society for Information Science , v. 27, n. 4, p. 205–210, jul. 1976.
MEERWARTH, T. L.; TROTTER II, R. T.; BRIODY, E. K. The knowledge organization: Cultural priorities and workspace design. Space and Culture , v. 11, n. 4, p. 437–454, 2008.
MILLER, S. J. et al. Great expectations: Professionals' perceptions and knowledge organization curricula. Advances in Knowledge Organization. Proceedings [...]. 2006. Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84901792810&partnerID=40&md5=9055fd6389993dc9540047d393c0377b
MOORE, A. Search: Holy Grail of KM? KM World , v. 13, n. 1, p. 1–30, jan. 2004.
MORGANTI, F. Enacting space in virtual reality: A comparison between Money's Road Map test and its virtual version. Frontiers in Psychology , v. 9, n. Dec. 2018.
MORILLO, J. P.; VERA, T. P. Nuevos desafíos para la formación del profesional de la información frente al surgimiento de la cibernación: un enfoque de competencias. New challenges for the formation of the information professional put before the emergence of cibernation: a focus on competence. , v. 19, n. 38, p. 118–139, jan. 2005.
MOSTAFA, J. Classification of human resources based on measurement of tacit knowledge. Journal of Management Development , v. 32, n. 4, p. 376–403, 1 jan. 2013.
MUHREN, W. J.; VAN DE WALLE, B. Sense-making and Information Management in Emergency Response. Bulletin of the American Society for Information Science & Technology , v. 36, n. 5, p. 30–33, jun. 2010.
MULCAHY, D. G. A Response to Perry Lewis Regarding the Educated Person. Studies in Philosophy & Education , v. 28, n. 3, p. 291–293, maio 2009.

MUNK, T. B.; MØRK, K. Folksonomies, Tagging Communities, and Tagging Strategies--An Empirical Study. Knowledge Organization , v. 34, n. 3, p. 115–127, jul. 2007.
NAIR, N.; VOHRA, N. An exploration of factors predicting work alienation of knowledge workers. Management Decision , v. 48, n. 4, p. 600–615, 2010.
NHACUONGUE, J. A.; DUTRA, M. L. De paul otlet à Web Semântica: aportes teóricos sobre a organização do conhecimento. Informação & Tecnologia , n. 1, v. 3, p. 138-158, 2016.
NAZIM, M.; MUKHERJEE, B. Librarians' perceptions of knowledge management in developing countries: A case with Indian academic libraries. International Information & Library Review , v. 45, n. 1/2, p. 63–76, set. 2013.
NEELAMEGHAN, A.; NARAYANA, G. J. Concept and expression of time: cultural variations and impact on knowledge organization. Information Studies , abr. 2012. Disponível em: http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lxh&AN=75333244&lang=pt-br&site=ehost-live
NEVES, D. A. B.; FUJITA, M. S. L. Editorial. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , v. 17, n. esp., 2012. DOI: 10.5007/1982-3701.v17n01p001 . Acesso em: 27 jun. 2019.
NGCAMU, B. S. Employee perceptions of knowledge management in two service units: A case study of management services and organisational development (OD) and skills development units. Corporate Ownership and Control , v. 8, n. 3 E, p. 464–478, 2011.
NHLAPO, E.; GOEDE, R. Intercultural communication in Information System Development Teams. Proceedings of the International Conference on Information Management & Evaluation , p. 273–280, jan. 2010.
NOORDIN, M. F.; KARIM, Z. A. Modeling the Relationship between Human Intelligence, Knowledge Management Practices, and Innovation Performance. Journal of Information & Knowledge Management , v. 14, n. 1, p. 1, mar. 2015.
NUNES, M. B. et al. Knowledge management issues in knowledge-intensive SMEs. Journal of Documentation , v. 62, n. 1, p. 101–119, 2006.
OJALA, A.; TYRVÄINEN, P. Impact of psychic distance to the internationalization behavior of knowledge-intensive SMEs. European Business Review , v. 21, n. 3, p. 263–277, 15 maio 2009.
OLIVEIRA, R. D.; SCHIEHL, E. Managerial practices as determinant of the knowledge management: A comparative study of certified companies for ISO 9001 . Proceedings of the European Conference on Knowledge Management, ECKM. Anais...2007 Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84871049213&partnerID=40&md5=fcd5f7f21740a48adf47dc025a748b3b
OLIVEIRA, P. C.; OSHIRO, A. U.; SOUZA, J. A.; DANDOLINI, G. A. Gestão da Informação ou Gestão do Conhecimento? Percepção de profissionais da indústria de software de Santa Catarina. Perspectivas em Gestão & Conhecimento , v. 4, n. 2, p. 67-89, 2014.
OLIVER, G. Theorising a new Concept: “Micro Intellectual Capital” (MIC) Using Knowledge From Inside the Classroom. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 506–516, jun. 2013.

O'NEILL, B. S.; ADYA, M. Knowledge sharing and the psychological contract. Journal of Managerial Psychology , v. 22, n. 4, p. 411–436, 8 maio 2007.
ONYANCHA, O. B.; OCHOLLA, D. N. Conceptualising “knowledge management” in the context of library and information science using the core/periphery model. South African Journal of Information Management , v. 11, n. 4, p. 1–15, dez. 2009.
OYEDOKUN, T. T.; OYEWUMI, F. A.; LAARO, D. M. Perception and attitude of library and information science professionals towards knowledge management: a survey of certified librarians in Nigeria. Library Philosophy & Practice , p. 1–23, 11 abr. 2018.
PAEZ-LOGREIRA, H.; ZAMORA-MUSA, R.; VELEZ-ZAPATA, J. Relation Analysis of Knowledge Management, Research, and Innovation in University Research Groups. Journal of technology management & innovation , v. 11, n. 4, p. 5–11, 2016
PANDEY, P.; MOFFETT, S.; MCADAM, R. Scope of Knowledge Management for Improving Performance in Call Centre Service Delivery. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 1147–1150, 15 set. 2011.
PAVLEKOVSKAYA, I. et al. The Impact of Digital Transformation of the Russian Economy on Knowledge Management Processes. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 677–684, jul. 2018.
PAULA, Lorena Tavares de; MOURA, Maria Aparecida. Nanopublicações e indexação: processos e relações. Informação & Informação , [S.l.], v. 20, n. 1, p. 137-161, jun. 2015. ISSN 1981-8920. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/18241 . Acesso em: 04 ago. 2019. doi: http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2015v20n1p137 .
PECHLANER, H.; NORDHORN, C.; POPPE, X. Being a guest – perspectives of an extended hospitality approach. <i>International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research</i> , v. 10, n. 4, p. 424–439, 3 out. 2016.
PELAU, C.; PURCAREA, I.; STANCU, S. The Importance of Language Knowledge in International Companies. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 535–542, jun. 2013.
PIENAAR, J. Intellectual Capital (IC) Measurement in the Mass Media Context. Journal of Information & Knowledge Management , v. 11, n. 4, p. 1250013– 1250029, dez. 2012.
PILLON, A.; D'HONINCTHUN, P. A common processing system for the concepts of artifacts and actions? Evidence from a case of a disproportionate conceptual impairment for living things. Cognitive Neuropsychology , v. 28, n. 1, p. 1–43, fev. 2011.
PINTO, V. B.; RABELO, C. R. O.; GIRÃO, I. P. T., RAULINO NETO, F. H. S. A percepção dos profissionais e dos estudantes de Biblioteconomia acerca da praxis do arquiteto da informação. Folha de Rosto , n. 2, v. 1, p. 17-28, 2015.
PLUMANN, L. et al. Ready for Future International Challenges: Promoting Intercultural Competencies. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 708–715, jul. 2018.
PONTES, F. V.; DE OLIVEIRA LIMA, G. A. Knowledge organization in digital environments: faceted classification theory applied. Perspectivas em Ciência da Informação , v. 17, n. 4, p. 18–40,

2012.
PONTES, F. V.; DE OLIVEIRA LIMA, G. Â. B. A organização do conhecimento em ambientes digitais: aplicação da teoria da classificação facetada. Knowledge organization in digital environments: faceted classification theory applied. , v. 17, n. 4, p. 18–40, out. 2012.
PONTES, F. V.; LIMA, G. Â. B. DE O. A organização do conhecimento em ambientes digitais: aplicação da teoria da classificação facetada. Perspectivas em Ciência da Informação , v. 17, n. 4, p. 18–40, dez. 2012.
PREECE, M. Managing Information and Knowledge in Service Industries. Advances in Business Marketing and Purchasing . [s.l: s.n.]. v. 22B. p. 3–154.
RADAELLI, G.; LETTIERI, E.; MASELLA, C. Making Knowledge Sharing Working in Healthcare: Relevant Factors and Strategies. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , p. 785–793, jan. 2010.
RAO, S. S. Perception and Implementation of Knowledge Management by University Librarian in India. DESIDOC Journal of Library & Information Technology , v. 36, n. 6, p. 405–410, nov. 2016.
RAUM, H. Problems of the organization of work at viewing screen apparatus: Stage and need of processing. Zeitschrift fur die Gesamte Hygiene und Ihre Grenzgebiete , v. 27, n. 8, p. 591–596, 1981.
REVILLA, E.; ACOSTA, J.; SARKIS, J. Value perceptions and performance of research joint ventures: An organizational learning perspective. The Journal of High Technology Management Research , v. 16, n. 2, p. 157–172, dez. 2005.
REUTER, K. A. (2007). Children selecting books in a library : Extending models of information behavior to a recreational setting. (Doctoral dissertation). Retrieved from ProQuest Dissertations and Theses. (3260504).
RODRIGUES, P. et al. Gender Differences in the Perception of the Importance of Transfer and Knowledge Management Systems. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , p. 763–770, jan. 2016.
ROGERS, J. B. Inferring cognitive focus from students' programs. ACM SIGCSE Bulletin , v. 16, n. 1, p. 51–55, 1 fev. 1984.
ROKNUZZAMAN, M.; UMEMOTO, K. How library practitioners view knowledge management in librariesA qualitative study. Library Management , v. 30, n. 8/9, p. 643–656, dez. 2009.
SAGSAN, M.; KIRKBESOGLU, E. Knowledge Management Revisited: An Empirical Test on the “Discussion Group” within the Social Media. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , p. 836–844, jan. 2010.
SALAZAR, F. et al. Cognition of industrial innovation in Latin America: Advances and challenges. In: IIE Annual Conference and Expo 2014. Proceedings [...]. 2014 Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84910087722&partnerID=40&md5=3fa13611090dede39d8a545b5a9161
SÁNCHEZ, L. E.; ANDRÉ, P. Knowledge management in environmental impact assessment

agencies: a study in Québec, Canada. Journal of Environmental Assessment Policy & Management , v. 15, n. 3, p. 1, set. 2013.
SANTOS, B. M. M. de; FERREIRA, E. P.; PIRES, E. D.; AGUIAR FILHO, A. S. Análise da Gestão da Inovação e do Conhecimento em um Banco Brasileiro. <i>In</i> : ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., ENANCIB, 2018.
SASS, K. et al. Taxonomic and thematic categories: Neural correlates of categorization in an auditory-to-visual priming task using fMRI. Brain Research , v. 1270, p. 78–87, maio 2009.
SATIJA, M. P. Classification : some fundamentals, some myths, some realities Knowledge Organization, mar. 1998. Disponível em: http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lxh&AN=ISTA3304574&lang=pt-br&site=ehost-live
SAWYER, S.; HUANG, H. Conceptualizing information, technology, and people: Comparing information science and information systems literatures. Journal of the American Society for Information Science & Technology , v. 58, n. 10, p. 1436–1447, ago. 2007.
SEGUNDO, S. J. S.; ARAÚJO, W. J.; DIAS, G. A. Prospecção de cenários futuros: estudo aplicado a biblioteca virtual paul otlet. Biblios (Peru), n. 72, p. 94-112, 2018. DOI: 10.5195/biblios.2018.438 Acesso em: 27 jun. 2019.
SCHNEIDER, C. W. et al. Organisational and individual unlearning in identification and evaluation of technologies. International Journal of Innovation Management , v. 20, n. 02, p. 1650017, 23 fev. 2016.
SHARMA, R.; BANALI, H.; BEDI, P. Building Socially-Aware E-Learning Systems Through Knowledge Management. International Journal of Knowledge Management , v. 8, n. 3, p. 1–26, jul. 2012.
SHIEH, J.-C.; LIN, H.-W. The Study of Web Findability Based on Its Breadth and Depth. Journal of Educational Media & Library Sciences , v. 50, n. 2, p. 255–288, 2012.
SHIRI, A.; NICHOLSON, D.; MCCULLOCH, E. User evaluation of a pilot terminologies server for a distributed multi-scheme environment. Online Information Review , v. 28, n. 4, p. 273–283, ago. 2004.
SHIRK, G. M. Toward a Topography of Library Collections. Journal of Library Administration , v. 46, n. 1, p. 99–111, fev. 2007.
SILVA, S.; SILVA, C.; MARTINS, D. Knowledge Management in the Human Resources Recruitment and Selection Process. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 773–782, jul. 2018.
SITNIKOVA, T. et al. The neural organization of semantic memory: Electrophysiological activity suggests feature-based segregation. Biological Psychology , v. 71, n. 3, p. 326–340, mar. 2006.
SMIRAGLIA, R. P. Noesis: Perception and everyday classification . Advances in Knowledge Organization. Anais...2008 Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84872299293&partnerID=40&md5=7a14db03de758e466715b480148cce61
SMIRAGLIA, R. P. Perception, knowledge organization, and noetic affective social tagging .

Advances in Knowledge Organization. Anais... 2010Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84878220481&partnerID=40&md5=69463384382ab8fd81252f96f59097d6
SMIRAGLIA, R. P. Works as signs, symbols, and canons: the epistemology of the work Knowledge Organization , 2001. Disponível em: http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=lxh&AN=ISTA3702708&lang=pt-br&site=ehost-live
SMIRAGLIA, R. P. Cultural Synergy in Information Institutions . New York, NY: Springer New York, 2014. v. 9781493912
SMITH, A. D.; RUPP, W. T. Knowledge workers' perceptions of performance ratings. Journal of Workplace Learning , v. 16, n. 3, p. 146–166, 2004.
SMITH, C. L. Understanding concepts in the defence in depth strategy . IEEE Annual International Carnahan Conference on Security Technology, Proceedings. Anais... 2003Disponível em: https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-2342660219&partnerID=40&md5=8be2584fcf1f224a5657b49c3330c9e4
SMITH, J. I. Cutting the NSF-OSIS Budget: Potential Disaster for Information Science and Technology. Journal of the American Society for Information Science , v. 25, n. 2, p. 77–85, mar. 1974.
SOUZA, F. C. Editorial especial, n. 2, 2004: propostas para a construção de caminhos 10.5007/1518-2924.2004v9nesp2pi. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação , n. esp. 2. sem., 2004. DOI: 10.5007/1518-2924.2004v9nesp2pi . Acesso em: 27 jun. 2019.
SUCIU, M.-C. et al. Universities as Knowledge Creation and Sharing Institutions – Research Perspectives from Romania. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , v. 2, p. 960–966, jul. 2011.
SUN, Y.; ZHAI, Y. Mapping the knowledge domain and the theme evolution of appropriability research between 1986 and 2016: a scientometric review. Scientometrics , v. 116, n. 1, p. 203–230, jul. 2018.
THOMPSON, L. A.; GOMEZ, R. L.; SCHVANEVELDT, R. W. The Salience of Temporal Cues in the Developing Structure of Event Knowledge. The American Journal of Psychology , v. 113, n. 4, p. 591, 2000.
TURI, J. A. et al. Organizational learning: Prospective on employees readiness using information system supported learning. Malaysian Online Journal of Educational Management , v. 6, n. 1, p. 68–94, 2018.
TURNER, J. M.; COLINET, E. Using Audio Description for Indexing Moving Images. Knowledge Organization , v. 31, n. 4, p. 222–230, out. 2004.
UPWARD, F. Continuum Mechanics and Memory Banks: (1) Multi-polarity. Archives & Manuscripts , v. 33, n. 1, p. 84–109, maio 2005.
UR REHMAN, S.; CHAUDHRY, A. S.; AL-ALAWI, S. A. KM Coursework: Pooled Judgments of Experts. Journal of Information & Knowledge Management , v. 12, n. 02, p. 1350017, 5 jun. 2013.

VAN DEN HEUVEL, C.; RAYWARD, W. B. Facing interfaces: Paul Otlet's visualizations of data integration. Journal of the American Society for Information Science and Technology , v. 62, n. 12, p. 2313–2326, dez. 2011.
VAN DOORN, M. G. L. M.; DE VRIES, A. P. Psychology of multimedia databases. Proceedings of the ACM International Conference on Digital Libraries , p. 1–9, 2000.
VAN ZYL, A.; AMADI-ECHENDU, J.; BOTHMA, T. J. D. Nine drivers of knowledge transfer between universities and industry R&D partners in South Africa. South African Journal of Information Management , v. 9, n. 1, p. 8, mar. 2007.
VENTURA, R. C. M. O.; BORGES, M. E. N. Poder e compartilhamento da informação: relações e implicações na arena política organizacional. Em Questão , v. 22, n. 2, p. 9-35, 2016. DOI: 10.19132/1808-5245222.9-35 . Acesso em: 27 jun. 2019.
VIEIRA, Anna da Soledade. Conhecimento como recurso estratégico empresarial. <i>In</i> : SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO DE REDES DA REGIÃO NORTE, Manaus, 1993.
WALCZAK, S.; MANN, R. Utilization and Perceived Benefit for Diverse Users of Communities of Practice in a Healthcare Organization. Journal of Organizational & End User Computing , v. 22, n. 4, p. 24–50, out. 2010.
WEISS, L. C.; BRÄSCHER, M. Relações semânticas em tesouros: contribuições da abordagem pragmática. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação , v. 7 n. 2, n. 2, p. 136-155, 2016. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v7i2p136-155 Acesso em: 27 jun. 2019.
WICHADEE, S.; ORAWIWATNAKUL, W. Characteristics of effective language teachers as perceived by low and high proficiency students. European Journal of Social Sciences , v. 31, n. 3, p. 425–438, 2012.
WILBERT, J. K. W.; OLIVEIRA, I. C. G.; STEIL, A. V.; DANDOLINI, G. A.; SOUZA, J. A. O uso de comunidades de prática virtuais (vcops) para fins de inovação segundo percepção de seus membros. Perspectivas em Gestão & Conhecimento , v. 7, p. 109-125, 2017. DOI: 10.21714/2236-417X2017v7n1 . Acesso em: 27 jun. 2019.
WILLERDING, I. A. V.; KRAUSE, M. G.; LAPOLLI, D. M. Gestão de pessoas e gestão do conhecimento à luz da estética organizacional. Perspectivas em Gestão & Conhecimento , v. 6, n. 1, p. 141-154, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/51560 . Acesso em: 27 jun. 2019.
WRIGHT, T.; WATSON, S.; CASTRATARO, D. To Tweet or not to Tweet, that is the Question - Social Media as a Missed Opportunity for Knowledge Management. Proceedings of the European Conference on Knowledge Management , p. 1106– 1112, jan. 2010.
WU, C.; KAO, S.-C.; SHIH, C.-H. Task-technology fit in knowledge creation: the moderating role of cognitive style. VINE: The Journal of Information & Knowledge Management Systems , v. 48, n. 1, p. 83–102, jan. 2018.
WU, C.-H.; KAO, S.-C.; SHIH, L.-H. Assessing the suitability of process and information technology in supporting tacit knowledge transfer. Behaviour & Information Technology , v. 29, n. 5, p. 513–525, set. 2010.
XU, J.; QUADDUS, M. Exploring the perceptions of knowledge management systems. Journal of

Management Development , v. 24, n. 4, p. 320–334, abr. 2005.
XU, Y. (CALVIN); TAN, K. H. (JOSEPH). Multidimensional Models of Information Need. Journal of Information & Knowledge Management , v. 8, n. 1, p. 53–66, mar. 2009.
YAN, Y.; DAVISON, R. M. Exploring behavioral transfer from knowledge seeking to knowledge contributing: The mediating role of intrinsic motivation. Journal of the American Society for Information Science & Technology , v. 64, n. 6, p. 1144–1157, jun. 2013.
YANG, H.-L.; LAI, C.-Y. Understanding knowledge-sharing behaviour in Wikipedia. Behaviour & Information Technology , v. 30, n. 1, p. 131–142, jan. 2011.
ZHANG, D. et al. Knowledge sharing among innovative customers in a virtual innovation community: The roles of psychological capital, material reward and reciprocal relationship. Online Information Review , v. 41, n. 5, p. 691–709, ago. 2017.
ZHU, Q. et al. Text mining based theme logic structure identification: application in library journals. Library Hi Tech , v. 36, n. 3, p. 411–425, jul. 2018.
ZHU, W. et al. Design of the PromoPad: An Automated Augmented-Reality Shopping Assistant. Journal of Organizational & End User Computing , v. 20, n. 3, p. 41–56, jul. 2008.